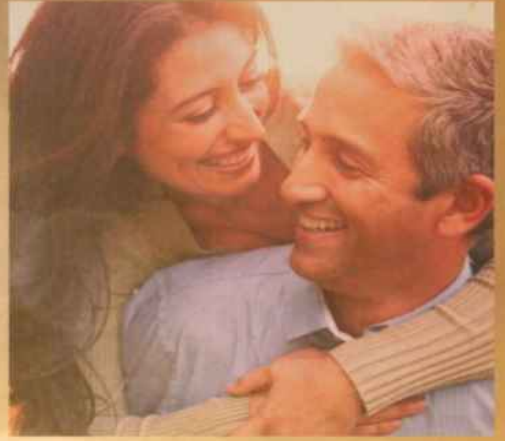


JANAINA RICO    DANILO BARBOSA  
L.M.GOMES    LUCY BERHENDS



Por toda a minha  
*Vida*





# **Por toda a minha vida**

**Danilo Barbosa**

**Janaina Rico**

**LM Gomes**

**Lucy Berhends**

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

*A todos que acreditam em verdadeiras  
histórias de amor dedicamos essa obra*

NACIONAIS - ACHERON

## Sumário

|                                    |                            |
|------------------------------------|----------------------------|
| <u><a href="#">CAPÍTULO 1</a></u>  | <u><a href="#">5</a></u>   |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 2</a></u>  | <u><a href="#">12</a></u>  |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 3</a></u>  | <u><a href="#">21</a></u>  |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 4</a></u>  | <u><a href="#">28</a></u>  |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 5</a></u>  | <u><a href="#">31</a></u>  |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 6</a></u>  | <u><a href="#">39</a></u>  |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 7</a></u>  | <u><a href="#">49</a></u>  |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 8</a></u>  | <u><a href="#">54</a></u>  |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 9</a></u>  | <u><a href="#">63</a></u>  |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 10</a></u> | <u><a href="#">71</a></u>  |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 11</a></u> | <u><a href="#">80</a></u>  |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 12</a></u> | <u><a href="#">97</a></u>  |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 13</a></u> | <u><a href="#">104</a></u> |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 14</a></u> | <u><a href="#">108</a></u> |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 15</a></u> | <u><a href="#">113</a></u> |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 16</a></u> | <u><a href="#">116</a></u> |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 17</a></u> | <u><a href="#">119</a></u> |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 18</a></u> | <u><a href="#">124</a></u> |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 19</a></u> | <u><a href="#">128</a></u> |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 20</a></u> | <u><a href="#">134</a></u> |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 21</a></u> | <u><a href="#">138</a></u> |
| <u><a href="#">CAPÍTULO 22</a></u> | <u><a href="#">145</a></u> |

# PERIGOSAS

|                           |                   |
|---------------------------|-------------------|
| <b><u>CAPÍTULO 23</u></b> | <b><u>153</u></b> |
| <b><u>CAPÍTULO 24</u></b> | <b><u>163</u></b> |
| <b><u>CAPÍTULO 25</u></b> | <b><u>168</u></b> |
| <b><u>CAPÍTULO 26</u></b> | <b><u>178</u></b> |
| <b><u>CAPÍTULO 27</u></b> | <b><u>185</u></b> |
| <b><u>CAPÍTULO 28</u></b> | <b><u>197</u></b> |

NACIONAIS - ACHERON



PERIGOSAS

# **AMOR À SEGUNDA VISTA**



**Por LM Gomes**

NACIONAIS - ACHERON

## CAPÍTULO 1

MAX

*A arte é um grito íntimo que poucos conseguem ouvir.*



Nos meus 19 anos de vida, sempre ouvi do meu pai que as coisas aconteciam por consequência das escolhas feitas. Tudo, absolutamente tudo, provia desta lógica. Mesmo não sendo exatamente o efeito que esperava, eu usava a filosofia incutida no discurso dele para reafirmar minha paixão pela arte e a escolha de torná-la minha profissão um dia. E, se Manoel Neto dizia que colhemos o que plantamos, quem era eu para discordar?

Minha mãe gostaria que eu fosse médico e papai que eu seguisse seus passos dentro da Advocacia. Mesmo os dois achando uma perda de tempo, orgulhava-me de estar no segundo ano do curso de Artes Plásticas. Eu era sonhador demais para ambos, por isso bati o pé para fazer uma faculdade longe de casa, em uma Cidade Universitária no interior do estado, assim fugia dos olhares indiretos e das cobranças veladas.

A vida então me levara até ali, para aquele momento, com um braço sobre os olhos, o despertador tocando me fazendo encarar a realidade das minhas escolhas. Estendi a mão para desligar o som do alarme que ecoava ao lado da minha cabeça, em cima da caixa de som usada como mesa de cabeceira. Ainda ouvia o ronco de Danilo, meu colega de quarto, na cama de cima do beliche.

Com um suspiro, esfreguei o meu rosto e me sentei, um pouco zozinho do sono. Vesti a minha

NACIONAIS - ACHERON

calça jeans, que estava largada no chão, como a deixei na noite anterior. Usei o banheiro, lavei o meu rosto com água fria e escovei os dentes. Peguei uma camiseta preta da cômoda no canto do dormitório minúsculo e catei a minha mochila. Passei os dedos nos cabelos escuros que gritavam por uma tesoura, penteando do jeito que consegui, enquanto descia as escadas até a entrada do prédio. Empurrei a porta, dando de cara com uma sexta-feira ensolarada, contrastando o azul do céu limpo com a grama de um verde vibrante aos meus olhos que ainda se adaptavam com a claridade.

Atravessei o Campus andando rápido, louco para tomar um café preto sem açúcar na cantina da faculdade e comprar um pacote do meu biscoito recheado favorito. Consegui fazer isso e me sentar na sala antes da primeira aula do dia começar. E assim, vi as horas passando, me incluindo nelas da melhor forma que podia, imerso na rotina de

NACIONAIS - ACHERON

estudante.

A cadeira ao meu lado rangeu e desfoquei a minha atenção do traço curvo que tentava melhorar no frágil papel-manteiga. Fernanda, minha colega de turma, estourou uma bola do chiclete que mascava próxima a mim, produzindo um barulho esquisito, me fazendo pensar que algo saíra errado naquele som. Ela me olhou e nem percebi que a encarava. Na testa dela, bem próximo da sobrancelha direita, tinha uma minúscula mancha azul-escuro, a mesma cor que pintava um risco do braço direito.

— Tá viajando no que agora, Max?

Pisquei algumas vezes e neguei com a cabeça, voltando minha atenção para o meu traço no papel:

— Você sujou a testa com guache no exercício de desenho da aula passada.

— Ah, que ótimo! O Ricardo me viu assim,  
NACIONAIS - ACHERON

Deus do céu! – ela comentou, levando a mão ao rosto na tentativa de se limpar.

Soltei uma risada baixa com o tom desesperado da voz dela.

— É grave? — ergui a cabeça, encarando-a novamente, franzindo a sobrancelha.

— O que é grave?

— A mancha da testa, oras. Tipo, eu tô louca por ele, sabe? Como isso me atrapalha na conquista?

Esforcei-me para não revirar os olhos. Eu não fazia ideia.

— Atrapalha em nada, Fernanda. Sei lá, é só uma mancha de tinta.

— Você é bem esquisito, Max.

— Isso foi um elogio?

Falei um pouco mais alto para ser ouvido, tentando me sobressair ao som do pessoal que saía após o término da aula. Ao contrário de mim, ela

não se esforçou para esconder o revirar de olhos enquanto levantava.

Saímos da sala discutindo alguns conceitos abordados na terceira aula e ela riu muito da minha interpretação de uma pintura abstrata que vimos no projetor.

— É um conceito pessoal — me defendi e ela passou um zíper imaginário na boca.

— Fernanda!

Alguém gritou atrás de nós, enquanto seguíamos para a escadaria da saída.

— Valeu, Max! Até depois.

Ela se virou para atender o chamado e eu acenei antes de seguir o meu caminho. Espiei por curiosidade e vi que se aproximava dela uma garota baixinha, de cabelos castanhos presos, segurando alguns livros contra o peito, e por um segundo ela me encarou diretamente. Seus olhos cor de mel eram grandes e bonitos na luz do dia e com um

gesto simples de cabeça desviou sua atenção, quebrando a nossa conexão. Passou a ouvir Fernanda, que gesticulava com a mão livre enquanto falava sobre algo.

Segui o meu caminho, descendo a escadaria enquanto segurava as alças da mochila. Naquela hora, eu só conseguia pensar na torta de frango que serviam às sextas na pensão da esquina e no quanto eu sentia falta do tempero da minha mãe.



Passei uma mão nos meus cabelos, xingando baixinho enquanto me recostava contra a cadeira. Era uma merda não saber blefar.

— Ah, qual é, Max? Abre logo a carteira e paga a rodada. Seja um bom perdedor — Danilo comentou e cruzou os braços sobre a mesa, com um sorriso no rosto. Bufei enquanto recolhia as cartas



de baralho e colocava na caixa. Não arriscaria mais nenhum centavo das minhas economias estudantis ali.

— Traz mais uma rodada de chope, Carlinha, por favor – cedi.

Com uma piscadela para o meu colega de dormitório, ela se afastou para buscar o prêmio.

— Eu vou te falar, deveria ter escolhido outra coisa. Juro que não suporto mais nenhuma aula de Álgebra Linear. Que coisa chata! — Danilo passou as mãos no rosto, claramente cansado.

— Pensa no futuro... – comentei, em tom de brincadeira, mas sem sucesso.

Desviei os meus olhos do estudante de Engenharia Civil que reclamava do seu destino para observar duas garotas se levantando de uma das mesas próximas a gente. Danilo se virou para ver o que havia prendido a minha atenção.

— Fernanda está bêbada — constatei o

NACIONAIS - ACHERON

óbvio e ele fez um muxoxo, se virando para frente. Eu o encarei, franzindo o cenho e rindo por reflexo. Eu gostava de beber uma cerveja de vez em quando, mas não entendia a graça de ficar alcoolizado ao ponto de não poder me virar sozinho. Neste momento, Carla apareceu com as duas canecas, colocando-as em nossa frente. Danilo esfregou as mãos, satisfeito.

— A melhor coisa: beber de graça numa sexta de alforria das apostilas dos infernos.

— Considerando que são três da manhã, já é sábado, Dan! — Carla o provocou.

Passei a ignorar os dois enquanto bebia um gole da minha caneca de bebida gelada. Foi quando ouvi um estrondo. Nós três olhamos juntos para a área externa do bar. Daquele ângulo, vi apenas uma cadeira tombada. Carla parecia ver algo mais, pois disse assim que tocou o meu braço:

— Anda, vem me ajudar.

Levantei-me rápido e a segui de perto sob o escrutínio do dono do bar, que preparava tudo para fechar. Na varanda do *3 Estrelas*, o preferido da maioria dos estudantes daquela pequena cidade universitária, Fernanda ria histericamente com uma garota — que eu não me lembrava conhecer — tentando mantê-la de pé.

Carla pegou um braço da minha colega de classe, que parecia desconjuntada como boneca de pano loira. Apoiou-a em seu ombro, enquanto a garota desconhecida segurava o outro. Apressei-me em arrumar a cadeira caída, dando um passo para trás para que a sentassem lá.

— Ela passou dos limites — a garota falava enquanto prendia o cabelo loiro da minha colega de um jeito metódico. Prestando mais atenção, eu a reconheci de mais cedo. Era a amiga que Fernanda encontrara na saída.

— Beleza, vou buscar uma água — Carla

respondeu simplesmente.

— Obrigada — a garota disse, sustentando Fernanda com seu corpo pequeno para ela não cair de cara no chão. Minha colega de sala era bem alta, e o contraste entre as duas era cômico. Segurei a vontade de rir daquela cena.

— O que é engraçado? — a moça indagou, sem humor algum.

Pigarreei, encarando os olhos cor de mel em um rosto adornado por cabelos ondulados até os ombros. Nem sequer havia notado que sorria, e sua expressão fechada me fez recuar.

— Nada... — comentei, sem graça.

Fernanda abraçou a cintura dela, fazendo com que desviasse os olhos de mim.

— Que saco, Fer! Odeio ser babá de bêbada doente.

— Bêbada doente?! — não contive a pergunta. Ela me encarou novamente.

— É, prefiro os saudáveis, os alegres e tal — sorriu por fim, um tanto irônica. E eu desisti de ficar assistindo aquilo com ela tirando com a minha cara sem fazer nada.

— Meu nome é Max. Eu estudo com ela. Se quiser ajuda, estou lá dentro — virei-me e passei por Carla, que levava uma garrafa de água na mão.

Contei para o Danilo sobre a cena e bebemos nossas canecas, enquanto ele continuava reclamando do curso que escolhera para agradar ao pai. Carla se sentou ali depois de um tempo, nos informando que a bêbada e a amiga já haviam tomado o rumo. Ela era estudante de Medicina e fazia grana extra como recepcionista no posto de saúde durante a semana e fechava diárias como garçonete às sextas-feiras no bar. Eu admirava seu esforço. As luzes se apagaram depois de uns minutos, nos convidando a ir embora, e ao ver como Danilo e Carla se encaravam, me dei conta de

NACIONAIS - ACHERON

que sobraria. Assim que alcançamos a rua, Danilo puxou Carla para um canto e os dois pareciam prestes a cometer atentado ao pudor bem ali, em plena avenida, me deixando sem graça.

Segui o meu caminho até o alojamento, sozinho. Passei por um grupo que cantava ao redor de um violão no começo do enorme gramado do campus, sob a luz da lua. Olhei para o céu apinhado de estrelas enquanto dava os meus passos. A pouca iluminação fazia com que cada uma delas se destacasse, absurdamente brilhantes, envolvendo minha mente com ideias de desenhos e cores, em uma mistura única. Era bem louco como as coisas ganhavam novos contornos na minha mente. Ri disso quando tropecei em alguma coisa. Por reflexo, tirei minhas mãos do bolso da jaqueta, quase perdendo o equilíbrio, mas me firmando a tempo de não me esborrachar no chão.

— Que porra é essa? — aquilo saiu da  
NACIONAIS - ACHERON

minha boca no mesmo instante em que a pessoa se erguia, virando-se para frente com o susto. Tudo pareceu tão rápido, mas incrivelmente lento. Preciso dizer, em minha defesa, que minha mente demora a focar quando me surpreendo com alguma coisa. E aquela visão da amiga sem nome da Fernanda diante de mim, sob o céu estrelado, com certeza mexeu comigo. Mas isso não durou dois segundos, porque a resposta dela veio afiada.

— Você tem problemas mentais ou algo do tipo? Como não enxerga uma pessoa parada, amarrando um tênis?

Tive vontade de sorrir para ela. Na iluminação fraca, oriunda da entrada do primeiro prédio de dormitórios, achei realmente uma coisa bonita aquela expressão carrancuda.

— Me desculpe. Eu machuquei você? — optei por ignorar o mau gênio, numa tentativa de apaziguar os ânimos. Não curtia discussões.

— Não... — passou uma mão no rosto, colocando um pouco do cabelo para trás do ombro direito. A mesma mão tocou a orelha e ela soltou um suspiro. — Que merda, perdi o meu brinco!

Olhei o chão em reflexo, meio incrédulo de que aquele incidente pudesse ter causado aquilo.

— É grande? — passei de leve meu *All Star* preto na grama. Ela riu e ergui o meu rosto, dando de cara com um sorriso leve, que nunca havia visto.

— Acha mesmo que vai achar?

— Posso tentar — retribui pensando por um momento em como as curvas dos lábios rosados daquela garota combinava com todos os traços do rosto, em um conjunto muito bonito. Lindo, na verdade. Ela revirou os olhos e eu fechei o sorriso, sem saber como agir.

— Tudo bem, Max. Devo ter perdido no quarto da Fernanda, enquanto a colocava pra dormir.



— Entendi — franzi o cenho, confuso por ela saber meu nome. Então me lembrei de que eu mesmo disse para ela no bar. Olhei para os lados, sem saber o que falar.

— Amanhã confirmo com ela. Mas obrigada pela ajuda.

Ela simplesmente se virou e começou a andar, me deixando sem ação. Eu gostaria de ter um pouco mais da atenção dela, mas não sabia como fazer isso. Elevei minha voz às suas costas sem pensar. Se pensasse, não faria.

— Ei, não vai me dizer seu nome?

— Carina!

Gritou sem se virar e eu fiquei lá, observando-a até que sumiu das minhas vistas. Era uma garota esquisita, mas isso não mudava o fato de que ficava com a bunda muito bonita dentro daquela calça jeans. Ainda demorei um minuto para continuar o meu caminho, imaginando que ela

NACIONAIS - ACHERON

pudesse de repente aparecer, sei lá. E, mesmo com meus olhos pesados de cansaço e cerveja, demorei um pouco para me entregar ao sono. E antes que isso acontecesse, minha mente registrou a lembrança de um sorriso e o nome: Carina.

## CAPÍTULO 2

MAX

*Um segundo pode ser uma eternidade.  
Depende do ponto de vista.*



Amassei a folha e atirei-a no cesto de lixo, no canto. O papel bateu na borda e caiu no chão, se juntando às outras quatro bolas de papel amassado que já estavam ali.

— Mano, você erra assim também quando mija?

Dei um soco de leve no estrado da cama de cima. Danilo deu uma risada alta.

— Esse exercício de traços está horrível. De

noite então, a vista até embaça.

— Te garanto que não é pior que os meus de cálculo.

Bufei e abri o meu estojo para pegar uma lapiseira com a ponta mais fina. Olhei para a folha em branco, tendo um vislumbre de duas íris cor de mel na minha mente. A imagem se formou tão de repente que parei a mão no ar, antes de com muito cuidado começar a rabiscar aqueles traços.

— Maximiliano!

— O quê?! — quase pulei com o susto.

— Porra, tá viajando? Te chamei três vezes.

— O que foi? Não ouvi, tava com o fone no ouvido — menti.

— Tá a fim de ir comigo na rodinha de violão na frente do Campus?

— Que horas são?

Danilo pulou da cama dele e largou o caderno em cima de sua mochila no chão, enquanto

abria uma gaveta da cômoda, para trocar a camiseta por uma de manga comprida.

— Quase dez. Amanhã é domingo ainda, portanto relaxa.

Pesei minhas opções. Eu estava cansado demais da noitada anterior. Tinha acordado às dez da manhã para fazer o curso extra de teatro e passado o restante da tarde estudando, escrevendo para minha mãe e procrastinando para ignorar o exercício que eu tentava fazer naquele momento. Eu preferia ficar deitado no escuro, escutando Legião Urbana até dormir, mas acabei largando o meu caderno de brochura de lado, colocando uma camiseta preta com a cara do Kurt Cobain e uma jaqueta jeans escuro por cima.

— Muito estilo isso aí — Danilo me zoou.

— Tá frio, não enche.

Fiz toda a cena de quem estava indo quase obrigado, mas, no fundo, estava torcendo para  
NACIONAIS - ACHERON

encontrar a dona das íris cor de mel mais impressionantes que já vi.



Era algo previsível, aquelas rodinhas no meio do Campus, regadas a bebida e maconha. Eu não usava, mas não criticava. Me juntei a um grupinho, ao lado de Danilo, ouvindo as histórias que contavam, dando risada de algumas. Meu amigo estava com a cabeça deitada no colo da Carla e ela passava os dedos nos cabelos dele, todo melosos.

— E o que vem a ser essa reunião?

Lucas, colega de turma do Danilo chegou, cumprimentando alguns que se viraram na direção dele. Eu ia cumprimentá-lo também, mas naquela hora deixei de prestar atenção aos detalhes que me cercavam, porque todo meu foco ficou preso na

NACIONAIS - ACHERON

garota que estava ao lado dele. Carina usava uma blusa de moletom cinza, com uma estampa enorme da *Minie Mouse*, e também me encarava. Ergueu a mão livre, envolta na manga do moletom e me cumprimentou. Acenei a cabeça em reconhecimento, com vontade de abrir um sorriso para ela, mas me contive, desviando o meu olhar daquele rosto que tanto mexia comigo em tão pouco tempo. Eles se sentaram do outro lado, quase de frente para mim. Eu tentei na hora seguinte me desligar da presença dela, já que estava acompanhada, mas era perturbador notar que não conseguia.

Um acorde de violão chamou a minha atenção e a roda começou a ficar mais animada com as músicas conhecidas que eram tocadas. Foi um festival de Legião praticamente. Ri enquanto todos batiam palmas por terem conseguido cantar *Faroeste Caboclo* sem errar a letra. E sem

NACIONAIS - ACHERON

perceber, eu observava como Carina ria, feliz, enquanto eu comemorava. Ela assoviou muito alto – algo que eu não sabia fazer – e ri disso também. Ao ouvir o meu riso, ela me encarou e mordeu o lábio inferior, na tentativa de me conter. Desviei meus olhos, mais uma vez, tentando não dar tanto na cara o quanto ela me atraía.

— Muita viagem essa música — alguém falou do meu lado e senti o cheiro da fumaça que soltou.

— Sabe alguma da Alanis? — Carina perguntou ao cara que tocava e achei o tom de voz dela mais bonito do que me lembrava. Eu não saía com muitas garotas e nem era o cara descolado da faculdade, por isso fiquei extremamente constrangido quando não consegui desviar minha atenção e fui flagrado mais uma vez por isso. Abaixei minha cabeça, tentando disfarçar.

— Essa foi foda, né?



Fingi concordar com o cara do meu lado, porque eu não sabia do que falava. Aproveitei a distração para me levantar e sair dali. Mais alguns minutos e eu imploraria para sumir no chão caso fosse pego em flagrante admirando aquela garota novamente. Ainda pensei em dizer alguma coisa, mas só saiu um “boa noite, galera”, quase não ouvido por causa da música.

Já tinha dado uns bons passos, quando escutei o meu nome. Virei-me e vi Carina correndo até me alcançar, parando de repente com a mão no peito. Senti um formigamento estranho nos dedos das mãos, como se uma energia atravessasse meu corpo e fizesse meu coração acelerar um pouco, como se sofresse uma descarga elétrica. É uma coisa bem difícil de explicar... Só pode quem o sente.

— Meu Deus, você não ouve!

Cocei a nuca, olhando de relance atrás dela,

antes de responder.

— Tem horas que me distraio e não escuto.  
Desculpe.

Ela olhou para trás também e depois me encarou, franzindo a sobrancelha.

— O que foi?

Balancei a cabeça, em negativa. Não ia dar um fora e dizer que estava vendo se o cara que a acompanhava a seguia. Diante da minha falta de explicações, ela deu de ombros, e se pôs ao meu lado, prendendo o braço no meu. Abri a boca e fechei, sem entender nada. Ela estendeu a mão livre, indicando teatralmente que podíamos continuar andando. Acabei sorrindo com isso, e começamos a caminhar.

— Você sabe aonde vou?

— Não, mas eu topo ir com você — ela se apertou mais do meu lado e achei muito bom aquilo. Era uma sensação muito diferente,  
NACIONAIS - ACHERON

reconfortante.

— Não estava curtindo a música? — Carina perguntou, mas não respondi. Eu não estava curtindo mesmo era vê-la ao lado de outro cara.

— Lucas sabe que você me seguiu? — a frase saiu antes que eu pudesse filtrá-la. Tossi para disfarçar, tentando soar muito natural.

— Sabe.

— Preciso me preocupar?

— Claro que não!

— Ok.

Andamos em silêncio porque nada parecia fazer sentido o bastante para que eu verbalizasse. Toda a situação me deixava ansioso, mesmo sem entender bem o motivo. Passamos em frente ao prédio onde ficava o meu dormitório. Pensei em convidá-la para entrar, mas tudo que consegui fazer foi o convite para que sentássemos alguns metros à

NACIONAIS - ACHERON

frente, em um banco no meio do Campus.

Ela dobrou uma perna para ficar de frente pra mim, e acabei refletindo o seu gesto. Enquanto isso, reparei melhor na estampa do moletom cinza que usava. Acompanhando os meus olhos, ela o esticou para que eu pudesse ver a *Minie Mouse* com laço de *glitter* vermelho, me deixando embaraçado por sempre me pegar em flagrante com alguma coisa. Os cabelos dela estavam soltos, alguns fios voavam eventualmente com a brisa, e ela os tirava do rosto com a ponta do indicador. Imaginei alguns desenhos com aquela imagem.

— Você cora, Max... — ao dizer aquilo, Carina mordeu o lábio inferior fazendo com que eu, com certeza, corasse ainda mais.

— E você acha isso cômico? Minha timidez?

— Não, não é cômico. É legal, na verdade.

Eu não sabia o que dizer para puxar assunto

e quando ela continuou me encarando, lembrei-me da primeira vez em que fez isso, na saída da faculdade. Ela passou as duas mãos nos cabelos, prendendo-os com um elástico que estava em seu pulso. Gostava das ondas deles, formando alguns cachos nas pontas, mas não cansava do rosto dela. Tinha traços muito interessantes para ficarem cobertos. Carina sorriu, franzindo o nariz de leve. Desviei meus olhos dos dela e pigarreei antes de falar novamente.

— Você estuda o quê?

— Tô no primeiro ano de Engenharia Civil.

— Meu colega de dormitório tá no terceiro.

Ele reclama muito.

— Eu ainda estou na fase do amor pelo curso — deu de ombros.

— Isso é bom. Que sua fase dure bastante.

— Você faz Artes Plásticas com a Fer, não é?

— Sim — foi o que consegui dizer. Ficamos em silêncio alguns segundos, e me vi obrigado a rompê-lo quando ela se aproximou de mim ainda mais.

— Quantos anos você tem, Carina?

— Tenho 18, por quê?

Queria mudar o foco da minha falta de tato.

— Curiosidade — estreitou os olhos e eu ri.

— É sério, sou curioso.

— E o que gostaria de perguntar agora?

— Você achou o seu brinco?

Carina balançou a cabeça, afirmando. De repente começou a segurar o riso, e sem precisar de mais motivos, começou a gargalhar. Uma risada alta e contagiante. E eu me vi acompanhando-a, mesmo sem entender. A pele dela ficava muito bonita vermelha, foi isso que pensei quando se recompôs e notei que estava corada. Senti o canto da minha boca repuxar em um sorriso involuntário

que não saiu dos meus lábios. Carina esticou uma mão e tirou uma mecha da minha testa.

— Seu cabelo é estranho, Max. Tem algo de indefinido nele...

Sem conseguir me conter, aproximei o meu rosto do dela. Meus batimentos cardíacos latejavam no pescoço. Naquele instante confuso, em que eu observava em transe os seus lábios se aproximarem dos meus, ela sorriu. E não havia nada que me fizesse voltar atrás naquele momento.

Inclinei-me mais perto, tocando com a minha mão direita sua bochecha esquerda. Ela entreabriu os lábios e eu, hipnotizado, atendi ao chamado deles. Fechei os olhos quando o hálito quente tocou a minha boca. Minha mão segurou suavemente seu pescoço enquanto os lábios se apertavam mais contra os dela. A língua encontrou o seu caminho logo em seguida, sentindo o sabor delicioso de Carina. Não consegui acompanhar

NACIONAIS - ACHERON

como chegamos naquele desfecho tão depressa, mas não perdi tempo tentando entender. Carina me beijou. E foi isso, ela me beijou. E eu me permiti viajar no beijo dela. Era morno, molhado e tinha gosto de *halls* de morango. Nos meus dezenove anos, beijeí poucas garotas, e com certeza, nenhuma como ela. E se era possível algo se superar, com certeza a sensação que me consumia era o exemplo disso. Minha mão livre encontrou sua função e alcançou a cintura dela, puxando-a para mais perto. Foi o suficiente para que o meu bom senso se perdesse e ela se sentasse com uma perna de cada lado, em meu colo, a boca dela nunca descolando da minha. Senti a palma de suas mãos quentes se fecharem em minha nuca, agarrando com os dedos alguns fios de cabelo ali. O fogo que queimava o meu peito contrastava com o frio que atravessou minha barriga, enquanto ela se colava mais ao meu corpo. Eu nunca havia sentido algo

NACIONAIS - ACHERON



assim. Minhas mãos se juntaram acima de sua cintura, loucas para apertarem o jeans que usava. Meu corpo reagiu por inteiro e eu sabia que podia sentir. Era impossível não sentir com a nossa proximidade.

Carina libertou a minha boca e eu lamentei isso de olhos fechados, encostando a testa contra a dela. Afastei o rosto e ela sorriu para mim.

— Quantos anos você tem, Max?

Ri e ela beijou meu nariz.

— Tenho 19, Carina.

— Você beija bem. Muito bem mesmo.

Não sei se ela percebeu, mas quase suspirei com aquela afirmação.

— Eu fico lisonjeado com isso.

— É sempre assim?

— Assim como?

Minhas mãos continuavam firmes segurando a cintura dela. Carina, sem nada mais

NACIONAIS - ACHERON

dizer, beijou o canto da minha boca e fechei os meus olhos. Senti os dedos dela tocando as minhas sobrancelhas e quase gemi com o carinho.

— Você sempre beija as garotas de primeira?

Abri os meus olhos, encarando muito de perto os dela. Havia algo que simplesmente prendia toda a minha atenção. Carina era muito especial, eu nem precisei de muito para notar isso. Eu lia isso nela. Não fazia ideia do que me levou a pensar assim naquele instante.

— Não foi de primeira.

— Ah, não? — beijou o outro canto da minha boca.

— Claro que não, esta é de quarta.

Envolveu os braços em meu pescoço, os dedos embrenhando em meus cabelos. Um carinho que eu me apaixonaria em breve. Me deu um selinho e antes que eu pudesse provar mais um

NACIONAIS - ACHERON

pouco do gosto dela, Carina se desvencilhou, praticamente pulando do meu colo. Assustei-me com o gesto repentino e ela estendeu uma mão na minha direção.

— Sempre quis deitar num lugar escuro, e contar estrelas. Acho muito... romântico — o final da frase saiu mais baixo, mas ela continuou firme. Era bem mais confiante que eu.

Aceitei a mão e me levantei, intrigado com o pedido. Mas não me preocupei.

Nas horas seguintes em que ficamos por ali, nos iluminamos, o amor recém-nascido ligando os nossos corações, sem notar o tempo que corria. Dando todo o sentido ao meu conceito de que segundos podem abrigar uma eternidade e de que o eterno é uma questão de usufruir o que realmente é importante. Tecendo memórias embaixo do céu estrelado, guardando-as dentro do meu infinito particular.



O céu começava a mudar de cor, e mesmo com meus olhos pesados eu não queria que aquela noite acabasse. Minha jaqueta estava um pouco úmida do sereno na grama, por Carina ter se deitado sobre ela, mas isso não era muito importante. Valia a pena tê-la ao meu lado, aconchegada no meu peito enquanto desenhávamos juntos as constelações com as pontas dos dedos apontadas para o céu. Ela falava bastante, sobre coisas que eu não entendia bem, mas descobri que gostava de ouvir mesmo assim. Soube com certo desgosto que curtia uma *boy band* da moda, mas sua grande paixão era Alanis Morissette e que sonhava cantar *Head Over Feet* para alguém que merecesse ouvir. E eu me peguei imaginando se seria eu.

— Você me acha esquisito?

— Não. Na verdade, não sei — ela riu contra minha camiseta e eu apertei o meu braço que a envolvia.

— Fernanda diz que sou.

— Fer me falou muito sobre você — virei-me para ela, curioso com a informação. Qual a imagem que teriam de mim? Carina ergueu o rosto. Já conseguia enxergar bem seus olhos cor de mel, avermelhados do sono.

— Ah, é?

— Disse que você é diferente, na sua, e não segue moda.

— Isso é ruim?

Ela se sentou com as pernas dobradas. Continuei deitado, esperando a resposta.

— Ruim é não ser você mesmo, Max — tocou o meu nariz com o indicador. Fechei meus olhos e logo senti os seus lábios macios, já familiares, contra os meus. Foi um beijo rápido,

mas doce como ela se mostrava ser. Abri os meus olhos e o rosto dela continuava perto do meu. — Eu me acho estranha, mas... — deu de ombros — aprendi a conviver com isso.

Ergui minha mão e toquei a sua face com a ponta do indicador e do médio, fazendo um traço desde a orelha até a ponta do queixo. Memorizando a pele dela, macia e quente.

— Você é linda, Carina. Merecia um quadro.

Ela riu e franziu o nariz de um jeito só dela. Puxei o seu corpo com cuidado para se deitar novamente. O céu já denunciava o amanhecer e eu só queria mais.

## CAPÍTULO 3

MAX

*Me perdi de mim, me encontrei em você.*



Acordei naquele domingo com a claridade que infiltrava pela janela, junto com as vozes altas que vinham da porta entreaberta do meu quarto. Ainda zozzo, busquei o relógio ao lado da cama e vi que já era quinze para as três da tarde. Gemi, irritado, esfregando as mãos no rosto e pensando no dia que havia perdido. Sentei-me e apoiei os cotovelos sobre os joelhos, a cabeça entre as mãos. Deixei meus olhos fechados.

— E aí, tudo bem? — alguém chamou a

minha atenção e levantei o rosto, aparentemente desperto, em direção à voz. Arregalei os olhos, surpreso ao ver Carina bem ali, conversando com Danilo, através da porta. Minha única reação naquele instante foi acenar na direção dela. Passei uma mão no meu olho, outra no cabelo bagunçado, a fim de parecer mais apresentável. Foi então que registrei três coisas: eu estava sem camisa, usando um short de dormir e com uma visível ereção. Puxei o travesseiro para o colo quando notei o que estava acontecendo.

— Max, vou dar uma estudada com o Lucas. Volto à noite, ok? — e antes que eu dissesse algo, Danilo saiu, batendo a porta, me deixando daquele jeito, ali, com a Carina.

— Você está aí há muito tempo? — minha voz saiu rouca. Carina negou com a cabeça e então percebi melhor a roupa que usava. Um short jeans e uma camiseta branca, meio grande para ela, caída

NACIONAIS - ACHERON



em um ombro, mostrando que usava outra, preta e justa por baixo. Calçava chinelos e os cabelos estavam soltos. Estava natural, e tão linda...

— O que foi? — ela disse, se olhando como se tivesse algo errado. Quando viu que não, ergueu uma sobrancelha e voltou a me encarar, fazendo com que eu ficasse sem graça.

— É que... — ela continuou a me encarar e eu pedi, sentindo o rosto começando a ficar vermelho. — Você pode se virar um segundo? Preciso me levantar para ir ao banheiro.

Ela ficou me encarando, talvez pensando por um momento porque eu simplesmente não me levantava e ia. Aí quando viu a almofada, entendeu, ficando tão sem graça quanto eu. Por isso, Carina me atendeu sem fazer perguntas. Levantei-me e fui apressado ao banheiro, tentando organizar as ideias e entender o que estava acontecendo.

Fiz tudo o mais rápido que consegui, dando

NACIONAIS - ACHERON

de cara com ela me esperando no meio do minúsculo quarto. Abri a boca pra falar, mas ela teve a mesma ideia que eu.

— Você... — falamos juntos e mordi meu lábio prendendo um sorriso. Pigarreei e desta vez, Carina foi mais rápida.

— Quer dar uma volta? Não tem estrelas, mas pensei que seria legal, conversar mais e...

— Claro!

Saímos depois que coloquei uma bermuda preta, uma camiseta cinza e chinelos, como ela. Carina beijou o meu rosto antes que eu abrisse a porta da entrada do prédio e segurei a sua mão enquanto descíamos as escadas. No fundo, me preocupei que ela recuasse ao meu gesto, mas com uma satisfação disfarçada — ou não — sorri discretamente quando ela entrelaçou os dedos aos meus.

— Você ficou chateado com a minha visita?

— ela indagou, meio sem jeito.

— Claro que não — ergui as mãos juntas e beijei a dela. Tudo bem que quando lhe contei o número do meu dormitório, não esperava que ela pudesse aparecer assim, tão rapidamente. — Fiquei surpreso. Muito mesmo. Mas foi bom...

Continuamos andando em silêncio, ambos cheios de dúvidas e perguntas na cabeça, observando o campus quase vazio, apenas com uma pessoa ou outra sentada nos bancos, em meio aos livros ou jogando conversa fora. Enquanto caminhávamos, sentindo a minha mão entrelaçada a dela, comecei a imaginar como seria passar com ela o dia seguinte, o outro, e o outro, viajando nas minhas ideias.

— O que quer fazer? — ela parou de repente, se virando de frente para mim. Um vislumbre de sorriso adornava os lábios dela, me tirando dos devaneios, enquanto me encarava com

NACIONAIS - ACHERON

aquela cor incrível de íris.

— Quero comer alguma coisa e depois te levar a um lugar — apertei os meus lábios pesando aquela ideia. Eu nunca havia contado sobre meu esconderijo para absolutamente ninguém, e aquilo sair da minha boca sem esforço algum me deixou sem ação. Mas, quando a reação dela foi dar um pulinho e se esticar para envolver o meu pescoço com os braços, eu me esqueci de tudo, beijando-a como eu desejava fazer desde o instante em que a vi no meu quarto.



O muro não era muito alto, mas Carina era baixinha. Por isso, juntei as minhas mãos, fazendo um calço para os pés dela, a ajudando impulsionar.

— Se afasta pra direita! — gritei, depois que ela pulou para o outro lado. Joguei então a

sacolinha com duas garrafinhas de água. Pulei facilmente em seguida e logo me juntei a ela do outro lado do muro pichado. A construção deteriorada, com tábuas improvisando portas, estava exatamente como deixei da última vez em que estive ali.

— O que é isso? — Carina olhava em volta e segurei a sua mão, animado em mostrar o meu lugar particular.

— Vem, você vai ver — a levei, prestando atenção no chão com alguns buracos e pedaços de tijolos quebrados. Não tive dificuldade em afastar a madeira da entrada, e a guiei, por um cômodo pequeno, até uma sala ampla. Paramos no meio e soltei sua mão para que ela mesma inspecionasse o lugar. Havia um cavalete improvisado no centro, que eu mesmo construí, com uma tela em branco, coberta por um pano puído. Ao redor algumas pinturas que fiz, com desenhos aleatórios, que iam

NACIONAIS - ACHERON

desde paisagens a coisas abstratas. E havia estrelas, muitas delas. Eu gostava muito de me sentir parte do universo e gostava cada vez mais de compartilhar esse encanto com ela. Meus olhos não desgrudavam de sua reação. Ela olhava tudo com cuidado, em respeitoso silêncio. Tocou com o indicador uma tela cor-de-rosa, com manchas azuis e cinzas, misturadas com pontos de cores sortidas.

— Uau! Como você encontrou esse lugar?

— Descobri esse espaço dois meses depois que cheguei. Aí como vi que ninguém o utilizava, fui trazendo minhas coisas aos poucos.

— E se um dia te pegarem?

— Não sei — fui sincero, porque a verdade saindo da minha boca era automático com ela. Carina se virou para me encarar.

— Não tem medo que acabem com o seu trabalho, caso te descubram aqui? Afinal, essa área pertence à faculdade, não é? E se forem usar para  
NACIONAIS - ACHERON

alguma coisa?

— Peraí, são muitas perguntas... —  
ponderei, me divertindo com a expressão dela ao me fitar, como se algo fosse ocorrer naquele exato instante. Aproximei-me e parei ao seu lado, puxando o pano que cobria a única tela branca. — Meus pais não gostam da profissão que escolhi, acham que artistas não têm futuro. Mas isso não me impediu de seguir meu sonho — olhei para ela. — O que poderiam fazer se descobrissem? Se destruírem, eu pinto de novo. A arte está dentro de mim.

Ela sorriu. Um sorriso que para mim significava “eu te entendo”. E aquilo me emocionou de verdade. Abaixei-me e peguei uma paleta de cores em uma mão, largando a sacola com as águas de lado. Coloquei algumas tintas ali e me ergui, entregando um pincel para ela, que começou a rir.

— O que? Eu só sei fazer o sol.

— Então vamos melhorar isso. Vou te ensinar a desenhar — me posicionei atrás dela, segurando a paleta em frente à sua barriga. Beijeilhe os cabelos e ergui a mão dela, depois que escolheu uma cor. No silêncio, os sons que produzíamos com o roçar do pincel na tela parecia uma música muito baixa, agradável de ouvir. Minha mão direita apenas tocava o pulso de Carina, que deslizava pelas cores conforme sua vontade. Sem perceber, me coleí mais ao corpo dela, com sua cabeça encostada em meu peito enquanto a mão seguia sem um padrão aparente. Não consegui falar nada, só sentir o coração acelerado, a respiração tranquila dela, relaxada, fazendo aquilo. Senti uma vontade súbita de virá-la e beijá-la suja de tinta, mas me contive, deixando que aquilo se perdesse no momento, unindo-nos através da pintura. Porque para mim, era aquilo que acontecia enquanto

NACIONAIS - ACHERON



pintava. Eu me perdia, do mundo, do tempo e do espaço.

— Isso é demais, Max — a voz dela soou como um sussurro quando abaixou a mão pela última vez. Observei por sobre sua cabeça o quadro estranho, com misturas e traços irregulares, sem nada de relevante para olhos externos, mas cheio de significados para mim. E desejei perguntar se era assim para ela também. Afastei a paleta quando se virou, e sem dizer nada ela se ergueu, os lábios dela encontrando os meus. Eu estava viciado no sabor daquele beijo, nas nuances de seu corpo que se colava gradativamente ao meu, enquanto a gente se consumia. Carina mordeu meu lábio inferior, se afastando aos poucos depois disso, me deixando mais envolvido nas facetas dela.

— Isso é muito bom — gemi, abrindo os olhos.

— O que é bom?

— Você sabe, o beijo.

Ela piscou um olho e apertou a minha bunda. Sem me controlar, gargalhei com o som de buzina que Carina tentou imitar.

— Isto é bom, Max — dizia, entre risos. Não me atrevi a revidar porque eu não fazia ideia do ponto em que chegaríamos. Coloquei a paleta em cima de um caixote velho de madeira e afastei um pouco o cabelo da testa.

— Você quer levar depois que secar? — apontei com o queixo a pintura e ela se virou, avaliando o trabalho.

— É horrível, mas é lindo. Contraditório, não é?

— Você gosta?

— Muito. Me senti bem fazendo.

— Isso que importa — dei um passo e toquei a bochecha esquerda dela, suja de tinta. — Se sentir bem é o segredo.

— Então a gente guarda bem o segredo.

— E o que isto quer dizer?

— Que me sinto bem com você — Carina estendeu a mão, para tirar o cabelo da minha testa, e parou antes de me tocar. Franzi o cenho e ela riu, esticando a mão aberta. — Tá suja.

Puxei sua cintura e a apertei contra mim. Nossos narizes quase se tocando.

— Não me importo. Só me beija.

Não precisei pedir mais.



Já estava escurecendo quando voltamos para o Campus. Depois de alguns beijos, conversa e risadas, deixei Carina no prédio onde ficava, sem nenhuma ideia de como seria encontrá-la na faculdade no dia seguinte.

Segui para a rotina sagrada dos domingos à  
NACIONAIS - ACHERON

noite: primeiro teria de ir ao orelhão da entrada do campus para falar com meus pais por alguns minutos. Mesmo fazendo um curso que não os agradava, eu os amava e sabia que só queriam o meu bem. Independentemente do caminho que escolhi trilhar.

— Não, mãe, tá tudo tranquilo. Eu juro.

— Precisa de mais dinheiro? Tem comido direito? Te achei mais magro da última vez que veio para cá... — o barulho dos créditos do cartão telefônico me fizeram olhar o visor pequeno, num tom de verde fluorescente.

— Eu como sim, mãe. Tem lugares bons e baratos por aqui, além da cantina, mas eu já te contei isso — ela suspirou na linha e eu ri. — Tá acabando o cartão, mãe, faltam apenas duas unidades. Manda um beijo pro pai, diz que estou com saudades.

— Também estamos, querido. Muita.

— E, hum... mãe?

— O que foi?

Hesitei um pouco, mas ouvindo o som do crédito caindo, soube que não teria muita pergunta.

— Conheci uma garota.

— Você parece um adolescente falando.

— Você gosta que te conte...

— Claro! Como é o nome da minha nora?

Ri alto.

— Só nos conhecemos, mãe. É Carina e vai cair a ligação.

— Gostei do nome.

— Também gosto. Eu te amo, dona Cristina.

— Eu te amo, Max. Se cuida, e liga se precisar de alguma coi...

A ligação caiu e coloquei o fone no gancho com um sorriso enorme no rosto. *Nora...* Seria interessante pensar na ideia se não houvesse se  
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

passado apenas um dia.

NACIONAIS - ACHERON

## CAPÍTULO 4

MAX

*Não me faça esperar...*



Acordei sobressaltado, meio perdido. Olhei para o lado, buscando o relógio, e acabei vendo que eu havia perdido a hora mais uma vez. Pulei da cama e corri para fazer tudo que precisava e sair antes de ir para a aula, o mais rápido possível. Atravessei o Campus correndo, imaginando mil desculpas para conseguir entrar no segundo horário, sabendo que era uma das matérias mais importantes. Consegui entrar sem chamar a atenção e me sentar no fundo, meio atrapalhado com as minhas coisas, é um fato, mas consegui

acompanhar com facilidade todo restante da aula.

Busquei Carina com o olhar pelo mar de estudantes que se movimentavam pelos corredores quando saí da sala. Não vi Fernanda para perguntar sobre ela, e não sei se o faria de qualquer forma, já que nem mesmo ainda tinha entendido qual era o lance entre a gente. Comi alguma coisa na cantina e comprei *halls* de morango antes de voltar para a sala de aula. Foi ali que reconheci Carina, no final da escadaria. Ao vê-la, o meu coração ganhou um ritmo acelerado e a vontade era a de ir correndo até ela. Usava jeans, o moletom amarrado na cintura e uma camiseta branca, mais justa do que a do dia anterior. Os cabelos presos, segurando os cadernos contra o peito. Parei e respirei, para não parecer desesperado, e caminhei sem pressa na direção dela, inseguro de como me aproximar, vendo que estava rodeada de outras garotas. Foi quando ela virou o rosto por um momento e me viu... E

NACIONAIS - ACHERON



desviou os olhos de mim no mesmo instante, fazendo com que eu fechasse o sorriso que estampeei quando a reconheci. Continuou conversando como se eu não estivesse ali e pensei em passar direto, quando, de repente, ela correu ao meu encontro.

— Max!

— Oi — parei diante dela, que não hesitou em ficar nas pontas dos pés para beijar minha boca rapidamente. Sem dizer nada segurou a minha mão, e continuamos o caminho, como se não houvéssemos nos largado desde a noite anterior.

— Fiquei um tempo hoje cedo na frente do seu prédio, esperando você sair pra aula.

— Perdi a hora...

— Nem sabia se você tinha vindo. A Fer tá resfriada, a colega de quarto dela me avisou que não vinha, então fiquei sem informante — ela comentou com alegria na voz.

Olhei de relance para Carina. O Sol fazia com que me olhasse de volta, cerrando os olhos. Paramos em frente à entrada e, como que ligados por algo incapaz de descrever em palavras, começamos a nos beijar. Afastei-me sem fôlego depois de um beijo mais ousado. Minha mão apertava forte a cintura dela, tentando me controlar.

— Você é demais, Carina.

— No bom sentido, espero — piscou um olho e deu aquele sorriso que mexia em seus traços, realçando a beleza deles. Encostei minha testa na sua quando ela se segurou firme em meus bíceps.

— Nos dois, tem sido nos dois sentidos desde o primeiro beijo, Carina — minha voz saiu baixa e ficamos em silêncio alguns segundos antes de, mais uma vez, ela me provocar com os melhores beijos da minha vida.



Despedir-me dela e continuar a rotina foi muito difícil, e percebi que com o correr da semana aquela sensação só piorava. De manhã eu a esperava, ou quando acordava atrasado eu a encontrava na cantina, ela sempre com um sorriso enorme, estrelado, exatamente como o meu. Não percebi quando aconteceu exatamente, mas nos tornamos um casal. Era assim pelo menos que eu via. Nossas mãos não se soltavam nos corredores, nem no Campus e nem nas rodinhas de amigos. Os beijos ficaram mais ousados, as mãos passeavam mais e meu fôlego sempre acabava antes do dela. Danilo começou a sair mais vezes com Carla, e dormir fora algumas noites e em uma destas oportunidades, Carina terminou sentada em mim, inclinada sobre o meu corpo, sem a blusa, me deixando alucinado em vê-la daquele ângulo, usando apenas um top preto.

— Você é linda demais pro seu próprio bem, Carina — afastei o cabelo do rosto dela e aproveitei para acariciar a bochecha esquerda. Ela me encarava muito séria, o rosto muito perto, com as íris brilhantes, refletindo o desejo que via em meus olhos. Cada vez eu ficava mais louco por ela, mas tinha medo. Medo de decepcioná-la com minha inexperiência. Carina parecia tão mais segura do que eu. Não sei se ela conseguia perceber os meus pensamentos, mas em momentos como aquele eu achava que sim.

— Eu gosto tanto de você, Max. Gosto a cada dia mais. A gente vai chegar lá, juntos — ela me dizia, construindo sonhos onde não ficaríamos mais sós.

— Me beija, menina bonita — eu dizia, disposto a compartilhar dos seus desejos.

— Beijo até o dia amanhecer, se quiser — se aproximou mais, pressionando os lábios nos

NACIONAIS - ACHERON

meus um instante antes de se afastar apenas o suficiente pra falar. — Até quando me pedir pra parar.

— Vamos morrer nos beijando, então.

— Espero que sim.

## CAPÍTULO 5

MAX

*Tome-me como seu, sempre fui, mesmo antes de te conhecer.*



*Três semanas depois.*

— O que você está fazendo aqui? Não tinha aula extra de teatro esse sábado?

Ergui o rosto da folha em meu colo e Carina se sentou ao meu lado na grama, embaixo da imensa árvore.

— Íamos falar sobre sombras, nada de tão interessante. Além disso, o diretor está fora, em uma viagem pessoal ou algo assim — ela ergueu os

olhos do papel e encontrou os meus. A primeira coisa que registrei era que estavam diferentes, sem o brilho costumeiro. E a segunda foi a ausência de um beijo. Ela sempre me beijava quando me via. Sempre.

Estranhando aquilo, soltei o lápis e peguei na sua mão.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— Sim.

Engoli em seco, um milhão de coisas querendo atravessar a minha cabeça. Será que ela havia se cansado de mim? Sem dizer nada, Carina tirou o caderno do meu colo e deitou a cabeça. Continuei em silêncio, esperando o que diria. Ela fechou os olhos e comecei a acariciar os cabelos escuros que eu gostava muito. Tracei o indicador até a base do nariz e ela esboçou um sorriso.

— Estou de TPM.

Fiquei uns bons dez segundos assimilando a  
NACIONAIS - ACHERON

informação.

— Isso é ruim?

Ela abriu os olhos e quando notou que eu falava sério começou a rir. Esticou a mão mexendo no meu cabelo que caía na testa.

— Tensão pré-menstrual. Vou ficar mocinha amanhã ou depois, Max.

— Ah! — foi o que saiu da minha boca. Ela sabia exatamente a data?

— E vim te convidar pra uma trilha, também.

— Sério?

— A Fernanda me intimou, o Ricardo vai com mais uma turma e ela quer impressionar.

— Quem é Ricardo?

— O cara que ela é afim.

— Você não está sofrendo com essa coisa de mulher?

Ela riu e sentou-se sobre os calcanhares e



notei melhor os tênis que usava. Eram escuros e mais resistentes, próprios para acompanhá-la em seus planos.

— Graças a Deus não estou com cólicas, se é isso que quer dizer. E caminhar faz bem.

— Suponho que essa caminhada seja agora?

— É sim, depois que a gente comprar umas besteiras pra levar, já que não voltamos antes do almoço. Sorte que amanhã é domingo e a gente dorme até tarde pra descansar.

— E porque eu não ganhei o meu beijo ainda? — me inclinei muito rápido segurando sua cintura. Puxei-a para mais perto e comecei a deitá-la no chão, enquanto dava um gritinho de surpresa.

— Meu Deus, Max!

— Me convença a te acompanhar, menina do humor esquisito.

Ela se debateu um pouco embaixo de mim e eu ri da cara fingida de brava que fazia. Beije i a  
NACIONAIS - ACHERON

ponta do nariz dela quando ficou parada.

— Não se fala isso para alguém no meu estado.

— Eu amo o seu jeito, Carina. É só seu... Isso é um elogio, tá? — já fui logo me explicando.

Ela me puxou pelo pescoço, colando os lábios nos meus. E, mesmo que eu odiasse qualquer atividade física, escalaria uma montanha naquele minuto só pra ficar perto dela.



Eu nunca havia feito uma trilha na minha vida. Na verdade nem estava sendo tão complicado, o caminho era bem delimitado de muitos passos dados por ali. Era uma área muito verde, o silêncio quebrado apenas pelas vozes de jovens conversando, rindo, e às vezes pelos gritos agudos de quando alguém tropeçava em alguma coisa.

Carina andava ao meu lado, mas naquele trecho específico ela ia na frente, enquanto eu a seguia carregando a mochila com o nosso kit sobrevivência.

— Aê, Max! Aventureiro pra caramba! — Danilo bateu nas minhas costas enquanto passava por mim e depois por Carina — em quem deu um beijo na bochecha — e só parou ao chegar nas meninas que estavam à nossa frente. Carina olhou para mim e ergueu o polegar em aprovação. Fiquei vesgo e ela riu antes de voltar a atenção para o percurso. O caminho foi voltando a ficar mais aberto e já era possível ouvir o barulho forte de água caindo ali perto. Estávamos chegando à famosa cachoeira, chamada de ‘Véu de Noiva’.

— Ai, meu Deus! Isso é lindo!

Alguém gritou mais à frente e quando dei mais um passo Carina segurou a minha mão. Paramos diante da visão daquela queda d’água, que

NACIONAIS - ACHERON

fazia jus ao nome. A cachoeira parecia mágica, com a nuvem de fumaça úmida, contrastando com as pedras ao redor, e o verde que tomava conta de tudo. Parecia uma pintura de tão lindo. Por um momento, imaginei que todos estavam pensando o mesmo que eu.

Um segundo se passou, ali, e outro seguia, sem que percebêssemos. Os momentos corriam depressa demais. Olhei para a garota ao meu lado, pequena e muito bonita pra mim. Carina não tirava os olhos da visão natural diante de nós. Inquieta, se balançava sutilmente para frente e para trás, com as mãos cruzadas no peito. Para mim, ela era mais bonita que o cenário à nossa volta. De repente, ela se virou e me flagrou a observando e, ao contrário de todas as vezes que isso aconteceu, eu não desviei meu olhar.

— Eu tô muito apaixonado por você — sussurrei e Carina se virou completamente em

NACIONAIS - ACHERON

minha direção. Arregalei sutilmente os meus olhos por perceber naquele instante o que eu acabara de declarar. Ela abriu mais aquele sorriso perfeito e se esticou, envolvendo os braços em meu pescoço.

— E isso é bom, não é?

Apenas acenei, concordando com ela. Se me perguntassem, eu jamais conseguiria descrever o que foi aquele momento. Era algo muito além de qualquer explicação. O tempo — para a minha grande felicidade — parecia que havia resolvido parar assim que me declarei, para a gente curtir um pouco mais aqueles segundos que antecederiam todos os outros mais importantes entre nós. Carina começou a se mover muito sutilmente, tão suave que demorei a perceber que ela estava me fazendo dançar, enquanto falava baixinho. Demorei mais um pouco para reconhecer a letra da música que cantava, enquanto os nossos olhares não se deixavam. Meu coração batia tão forte que

NACIONAIS - ACHERON

entreabri a boca para respirar melhor e não ficar tonto.

*“You’ve already won me over in spite of  
me  
Don’t be alarmed if I fall head over feet  
Don’t be surprised if I love you for all that  
you are  
I couldn’t help it  
It’s all your fault”*

— Namora comigo, Max? — ela mordia o lábio inferior de forma ansiosa ao dizer aquilo e balancei minha cabeça sutilmente, sem acreditar naquilo tudo.

— Você fez mesmo isso? Você me pediu em namoro? — eu estava sorrindo tanto que minha boca doía.

— Se fosse esperar, eu não teria presente no dia dos namorados.

Ela mordiscou o meu queixo enquanto eu ria e murmurei um “sim” antes dela me beijar. Parecia muito distante os sons de palmas e assovios ao nosso redor, e só conseguia pensar que Carina havia cantado a música dos sonhos dela para mim. Pra mim!

— Carina! — nós dois olhamos para Fernanda, vendo-a apontar uma câmera em nossa direção. — Sorriam!

Coloquei Carina em minha frente e encostei o rosto na curva do pescoço dela, fazendo um pouco de cócegas. Ela começou a gargalhar e se encolher quando pude ouvir o “click” do obturador da máquina fotográfica.

— Max, eu nem olhei direito pra foto!

Carina se virou para mim novamente e a beijei sem aviso. Muito feliz para me importar com detalhes. Sentimos as gotas de água e nos afastamos em um pulo da margem. Fernanda ria

NACIONAIS - ACHERON

histericamente, sendo erguida dentro da água para ser arremessada novamente por um cara.

— Alguém conseguiu impressionar — Carina disse e entendi que aquele seria o tal Ricardo. Lembrei-me vagamente de algo em uma aula quando Fernanda reclamava da tinta no rosto que eu apontara. O mesmo dia em que conheci Carina.

Tirei a mochila e a larguei, olhando fixamente para o meu alvo. Carina arregalou os olhos quando entendeu o que eu faria. Deu um passo para trás com os braços esticados, numa tentativa de me manter afastado.

— Tira o tênis, você também me impressionou — dei um sorriso torto e ela um grito.

— Não! — corri e a alcancei muito fácil. — Por Deus, Max, eu vou te matar!

— Me mata de beijos — dei um tapa em

NACIONAIS - ACHERON



sua bunda assim que a ergui, a apoiando em meu ombro. Tirei meus tênis com os pés, ela ainda se debatendo. Quase caímos, mas consegui manter o equilíbrio.

— Deixa que eu tiro! — Danilo puxou os dela, zoando e se desculpando. Corri pulando e em uma fração de segundo mergulhamos na água fria. Emergi puxando Carina comigo, que me batia e ria ao mesmo tempo.

— Meu Deus! Filho da...

— Olha... — dei um selinho nela, que envolveu o meu pescoço novamente com os braços. As pernas me envolveram a cintura, se apertando em mim tanto quanto possível. Beijou meu rosto, olhos, nariz e ergui a cabeça dando acesso ao meu pescoço. — Bem melhor. Muito melhor.

— Também tô muito apaixonada, Maximiliano Brandão Neto.

— Obrigado pela música, Carina Silva de  
NACIONAIS - ACHERON

Moraes. Eu nunca pensei em como seria o paraíso, mas você me faz viver em um desde que me beijou a primeira vez.

Nos encaramos e ela encostou o nariz no meu. De olhos fechados, eu ouvia apenas nossas respirações e os barulhos de fundo da galera ao nosso redor. Mas meu foco era todo na voz dela.

— Quero muito mais da nossa história.

Ela me abraçou apertado, e eu me permiti sentir cada nuance daquela frase. Ficamos assim, por algum tempo, curtindo nosso momento, criando nossas memórias, assistindo outras sendo criadas embaixo de um céu azul de sábado.



Com o decorrer do namoro, descobri os momentos de ficar em silêncio. Como os quatro dias seguintes ao da cachoeira, quando tudo que eu

fazia era ficar o final da tarde deitado com ela. Devia ser difícil ser uma garota com cólicas, me peguei pensando no segundo dia, enquanto ela gemia. Gostava de acariciar entre as sobrancelhas e observar os olhos vivos e expressivos se fecharem até caírem no sono, depois que o remédio fazia efeito.

Conversávamos sobre tudo e nada. Fazíamos planos embaixo de céu estrelado, assistíamos a chuva caindo pela janela do meu quarto. Estudávamos separados, mas funcionávamos melhor se estivéssemos por perto. Não me incomodava os cadernos espalhados no chão enquanto ela mordida a tampa da caneta. Desisti de reclamar sobre isso depois que parou de implicar com a minha mente desligada, enquanto me perdia nos meus traços confusos. Passamos a ser nós em todos os lugares, mesmo na ausência do outro.

A primeira vez que Carina viajou para visitar os seus pais, foi uma eternidade. Passei boa parte do tempo no meu lugar escondido, pintando e refletindo. Mergulhando em saudade e sentindo o cheiro dela mesmo que não existissem mais resquícios dele.

Carina reclamava do cabelo. Às vezes, sobrava para o meu também. Foi assim que me convenceu a deixá-la cortá-lo quando voltou em um domingo e Danilo me zoou antes de nos deixar sozinhos, dizendo que passaria a noite fora. Somente minha mãe me obrigava, e agora Carina me convencia.

— Você ficou ainda mais lindo! — me disse depois que terminou, sentando-se em meu colo e me dando um beijo que acabou com nós dois ofegantes, deitados na minha cama, sem nos importar com a bagunça que deixamos. Era muito custoso parar as investidas dela, e as minhas

NACIONAIS - ACHERON

próprias também.

— A gente se encaixa tão bem — ela disse, observando nossas mãos erguidas e cruzadas em frente aos nossos rostos. Toquei as costas da mão dela em minha boca. Aspirei o cheiro delicioso que emanava da pele. Hidratante de frutas vermelhas, me disse uma vez. — Será que vai ser assim na nossa primeira vez também?

Fiquei de lado, me apoiando em um cotovelo para poder observá-la. Carina abordara aquele assunto sutilmente outras vezes.

— Eu sou virgem — soltei de uma vez, cheio de medo. Não sabia dizer se o fato de estar com ela afluía um pouco de confiança em mim. Mas não me inibi com a confissão. Na verdade me senti melhor em finalmente colocar em palavras algo que eu sabia que ela já notara.

— Eu não sou virgem, Max — colocou um braço sobre os olhos. — Já fiz uma vez, foi

NACIONAIS - ACHERON

horrível, mas fiz.

Mesmo não gostando muito de pensar em outra pessoa tocando Carina, afastei seu braço para poder ter a visão que eu queria. Me fitava fixamente, e não pensei em mais nada quando aproximei o meu rosto e a beijei muito devagar. Nossas línguas se acariciavam sem pressa, senti a palma quente no meu pescoço, me mantendo preso a ela. Terminei o beijo com muito pesar.

— Max, eu... — Carina estava ofegante e pensei por um segundo como seria se não parássemos.

— Temos tempo — sorri, me afastando um pouco, visivelmente excitado.

— Quero ser sua primeira, e rezar para ser a última. Não me faça esperar... — disse baixinho e tudo que consegui pensar era que eu não queria tardar o inevitável. O contraste da luz do final da tarde infiltrando pela janela, com o brilho dos olhos

dela, me tirava o fôlego. Indescritível definia bem. Tracei com meu polegar o lábio inferior vermelho dos beijos que demos. Carina suspirou e ficou muito claro para mim que era o nosso momento. Eu não me atrevi a recuar daquela vez.

— Eu também, Carina – disse, antes de me mergulhar nos braços dela.

## CAPÍTULO 6

**MAX**

*Envolva-me na magia de amar você.*



Meu coração batia rápido, os sentidos ficaram ainda mais aflorados. Sem mais palavras meus lábios tocaram os dela, como se fosse a primeira vez. Reconhecendo cada canto, explorando a textura, o sabor, a intensidade. Carina tocou a minha nuca, suas unhas curtas arranhando levemente a minha pele quente. Nossas línguas se redescobriam, em carícias mútuas, despertando sensações, amplificando tudo que já havíamos experimentado.

Encaixei-me ainda vestido entre suas



pernas, sentindo a receptividade daquele gesto. Carina entrelaçou os dedos sobre o meu pescoço, me puxando com mais vontade, instigando-me a mergulhar na voracidade que nos dominava. Gemi quando ela mordeu o meu lábio inferior, e com dificuldade abri os olhos para encontrá-la.

— Eu te amo, Max — ela disse, simplesmente.

Com um cotovelo apoiado no colchão, sustentei o meu peso para não machucá-la, enquanto acariciava o rosto pequeno com a mão livre. Meus dedos longos traçavam as sobrancelhas femininas bem feitas. Eu amava tanta coisa em Carina...

— Quanto sentimento pode caber dentro de uma frase tão pequena? — murmurei, enquanto os dedos seguiam até a alça da blusinha que usava. Notei quando ela engoliu em seco, refletindo a minha ansiedade naquele instante. — Você

consegue pensar sobre isso, Carina?

Ela balançou sutilmente a cabeça, enquanto eu lhe descobria o seio direito. Sucumbi ao desejo de envolvê-lo em meus lábios, me declarando aos seus sentimentos com aquele gesto. Carina gemeu baixinho, e o som me lembrava o de um lamento. Minha mão apertava a sua cintura e como se fosse demais para suportar, ela me afastou de si. Ergui o meu rosto, mas a minha preocupação não teve chance de se solidificar quando Carina meteu as mãos entre nós, erguendo a blusa que usava, puxando-a pela cabeça.

Arfei quando vi os seios nus. Eles pareciam esculturas prontas para as minhas mãos. Um pouco nervoso, eu a encarei. Ela se aproximou e passou a mão pelos meus cabelos e sorriu para mim.

— Também estou nervosa, meu amor — deu voz ao meu pensamento.

— Me ensina te amar, Carina. Do seu jeito

– crio coragem e peço, disposto a me entregar.

— Vamos fazer um jeito nosso. Faça de mim o seu melhor quadro, Max, se deixe ir.

— Meu Deus, Carina, eu te amo!

Ela me calou com um beijo. Meu peito nu se colou ao dela, fazendo o corpo inteiro queimar com aquela sensação maravilhosa. Suas unhas, correndo novamente pelas minhas costas, arrepiavam até a minha alma.

Consegui tirar o restante de nossas roupas, em meio a suspiros, gemidos e declarações de amor. Eu queria que ela entendesse que eu era a tela em branco pintada por ela, e que me sentia o dono do mundo com seus pedidos febris por mim. Ela me amava, e eu a amava. O que há de mais certo do que isso?

Minhas mãos ganharam terreno, desenhando, percorrendo, explorando cada pedaço da pele dela. Carina arqueou as costas do colchão

NACIONAIS - ACHERON

quando descobri aquele doce ponto, entre as suas curvas sinuosas. Eu queria fazer da melhor forma, mas perdido nos gemidos de Carina, descobri que não havia um jeito certo.

Tirei meus dedos, lamentando um pouco por isso e Carina me beijou com mais paixão. Eu começava a transpirar, nossos corpos se buscando no espaço pequeno. Com um pouco de dificuldade me sentei e consegui colocar o preservativo. Carina sorriu pra mim quando eu a flagrei me observando. Engoli em seco, com a visão dela deitada, os cabelos bagunçados, o rosto e torso vermelhos do nosso atrito e meus beijos.

Tracei o indicador ao redor do umbigo, seguindo pelo estômago, desenhando a curva dos seios. Minha atenção estava focada no traço sobre a pele branca e suave, os olhos cor de mel mais lindos que já vi e ela lambendo sutilmente os lábios, num gesto ansioso.

— Você é tão perfeita, não tem como reproduzir isso.

Acomodei-me entre as pernas de Carina, numa ansiedade muda. Ela segurava meus ombros e com o máximo de cuidado que consegui me encaixei, pronto para me fazer dela. Enterrei minha cabeça na curva do pescoço quente, gemendo com a sensação. Ela se abriu mais e escutei o seu gemido em minha orelha quando me impulsionei um pouco, descobrindo aquele território secreto. Parecia natural seguir adiante e foi isso que fiz, me aprofundei em Carina, deixando todo resto para trás.

— Max...

Ergui o meu rosto, encarando-a, encontrando nela um espelho de mim. Numa concordância sem palavras, comecei a me mover, sentindo cada pedaço meu ser envolvido por ela. Nossos olhos nunca se deixando, exigindo e

NACIONAIS - ACHERON

entregando. Era estranho no começo, me senti esmagado por um milhão de coisas, não sabia se estava num ritmo certo. Tentei parar com medo de machucá-la. Mas ela era entregue demais. Viva demais. Pulsante demais.

Passou a mão no meu rosto, gemi o nome dela e quando senti que a mente estava ficando dormente, fechei os olhos, sentindo cada contração, cada espasmo do meu corpo descontrolado.

— Meu Deus... — murmurei, um pouco perdido por todo o turbilhão de ser tragado por aquela onda. Senti os dedos acariciando o cabelo na minha nuca, meu rosto enterrado naquele lugar que eu amava tanto. Eu não conseguia falar, não conseguia raciocinar. A sensação de torpor seguia até meus dedos dos pés. Senti os braços dela me rodearem, me abraçando apertado antes de afrouxarem. Me ergui e a encarei fascinado, como se tudo que eu sentisse ganhasse uma proporção

NACIONAIS - ACHERON

impossível de assimilar ao se tornar nós.

— Como vamos chamar? — não compreendi onde queria chegar e eu franzi o cenho, confuso.

— O quê?

— Este nosso quadro...

Sorrindo, segurei seu rosto em minhas mãos, tocando com os lábios cada parte dele com carinho antes de deixar um beijo mais longo em sua boca.

— Vício.

— Vício?

— Sim — beijei-a mais uma vez.

— Me explica.

— Quero me perder nessa onda que é você um milhão de vezes, Carina. Quero ficar assim o quanto for possível. Quero que seja minha única, minha última. Você é um vício.

— E a primeira também... — sorriu.

— Isso você sempre será. A primeira dona do meu coração e agora do meu corpo. A primeira em tudo daqui em diante, Carina.

— Eu te amo, Max.



*Carina,*

*Como em todas as outras cartas e bilhetes, vou começar pedindo desculpas pelo garrancho. Eu sei desenhar, mas não escrevo tão bem. Isso não é novidade, não é?*

*Estou nervoso. Ansioso. Ficando louco. Isso não é novidade, você me deixa assim desde que me encarou pela primeira vez. Na verdade, foi na segunda que te notei melhor... Esquece, já te falei isso na carta de aniversário de namoro do ano passado. Estou enrolado para escrever isso aqui, provável até que eu a descarte, mas sei que você a*



*acharia de qualquer forma. Por isso, vou parar de enrolar. Desconsidere e leia de verdade a partir daqui, ok?*

*O amor é algo muito complexo... Andei pensando nisso. Na verdade, penso desde que descobri que amo você.*

*Você me ensinou a ser mais confiante, a falar mais, a fazer amizades e correr pelado na chuva para tomar banho de cachoeira. Eu nunca vou esquecer isso. Ou de como foi perfeito te amar ao ar livre. Não consigo pensar em nada mais perfeito quanto o nosso quadro, aquele que fizemos há três anos no meu dormitório e que continuamos fazendo com mais experiência até hoje. A beleza de seus traços, a doçura de seu cheiro, o prazer dos seus gemidos, a alegria das nossas descobertas, são as ternas memórias que levarei comigo.*

*Estaria mentindo se dissesse que não penso em você durante grande parte do meu dia. Sua*  
NACIONAIS - ACHERON

*presença se enraizou aqui, dentro de mim, de todas as formas possíveis. Eu não consigo pensar em uma maneira de te arrancar do meu coração, porque não existe. Gosto de saber que se sente perdida como eu fico às vezes. Amo o seu riso frouxo em minha presença, e admito que as briguinhas também. Elas terminam sempre da melhor forma, você sabe...*

*Amo também os dialetos estranhos que a gente inventou. Já me disse que inventar tanta besteira não condiz com a nossa idade. E eu te disse que não me importo com isso. Pois é, nunca me importei. Como você diria “foda-se, estranhos!”, e eu sempre reclamo da sua boca cada vez mais suja, mas eu admito que eu amo ouvir quando estamos no nosso contexto.*

*Fico tão louco com sua contradição, Carina. Mas ser essa contradição ambulante é tão você. E isso me faz pensar em mais. Quero abraçar*

*o mundo, e quero que você, menina esquisita, seja a extensão do meu abraço nele.*

*Você ama e odeia a minha mãe, diz que eu sou o queridinho da sua e que isso é horrível porque ela sempre toma as minhas dores. Que dores? Dos nossos altos e baixos, eu sempre levei as melhores coisas comigo.*

*Eu sinto muito pelas vezes que pisei na bola. E sinto mais pelas vezes em que se esqueceu de que não existe nada mais importante do que você no meu mundo. Eu deveria lembrá-la disso sempre, como estou fazendo agora.*

*Não existe garota nenhuma que me faça cogitar deixá-la. Então, pare de implicar com a coitada daquela minha colega de turma. Já estou terminando o curso, então a Bianca, Beatriz ou Bete, não lembro, é apenas um borrão quando todo o meu foco é seu. Esclarecido isso, quero te agradecer por me aturar. Sou chato, eu sei. Tenho*

*meu mundo próprio – coisas de artista, minha mãe diz – e me perco pensando demais, mas acredite, 99% dos pensamentos são sobre você.*

*Tá difícil de entender que eu te amo? Então é isso: EU TE AMO!*

*Guarde o papel, não precisamos dele, e vem me encontrar no nosso esconderijo, que você chama carinhosamente de ateliê. Tem um milhão de coisas que quero dizer, mas elas só podem ser pronunciadas pessoalmente.*

*Tenha em mente que te espero com a nossa loucura. Só nossa.*

*Com amor, do seu...*

*Max.*



Andando de um lado para o outro, arrumei mais uma vez a minha camisa social. Para não me

sufocar, abri os primeiros dois botões e dobrei um pouco as mangas até o antebraço. Eu não sabia como ela reagiria, o que pensaria ou o que diria diante daquele meu gesto. Mas eu não tinha dúvidas: Carina era a mulher da minha vida. E não só por ter sido a primeira em quase todos os quesitos, mas porque a cada dia, mesmo os ruins, eu via que não saberia viver sem ela.

Ouvi o barulho de passos nos cascalhos, do lado de fora da construção. Meu coração virou uma bateria tocada por uma criança de cinco anos. Esfreguei minhas mãos, tentando amenizar o suor nas palmas.

— Max?

Não respondi, porque logo ela surgiu no batente da sala. E como acontecia sempre, eu a admirei um pouco. Seus lábios que costumavam não ter cor, além da própria, estavam pintados com um tom de rosa meio pálido. Os olhos grandes e

NACIONAIS - ACHERON

expressivos estavam adornados por cílios mais escuros e longos que de costume. Rímel, ela me ensinou um dia, e eu me apaixonei de novo por suas curvas desenhadas em um vestido azul claro, que lhe abraçava o corpo até o meio das coxas. Ela corou, algo que me deixava muito encantado quando acontecia, cruzou os braços no peito e baixou os olhos para as sandálias com saltos, fazendo um pouco dos cabelos castanhos e compridos caírem, cobrindo as suas expressões.

— Existe perfeição até nos traços imperfeitos — falei, chamando a sua atenção. Ela ergueu o rosto para me encarar, a meio metro de mim. Eu queria puxar o seu corpo e abraçá-la, mas me controlei porque sabia que precisávamos daquele momento. — Eu me lembro bem da segunda vez em que te vi.... De cada detalhe — sorriu, balançando sutilmente a cabeça em negação.

— Mentira, impossível se lembrar de todos

os detalhes...

— Você está certa. Eu não me recordo de todos, mas me lembro bem de como me senti quando os seus olhos encontraram os meus. Você seria minha, mesmo que no momento eu não entendesse aquilo.

— Você tropeçou em mim...

Sorri e ela mordeu o lábio inferior, contendo o sorriso. Estiquei a mão e passei o indicador em sua bochecha esquerda.

— Tem coisas que não dá pra esquecer, esse sorriso é uma delas.

— Ah, Max, você diz essas coisas e eu sempre acredito nelas.

— Porque são verdades, Carina.

— Então por que você dá espaço para aquela menina que... — coloquei o meu indicador nos lábios dela, tentando evitar que discutíssemos outra vez por algo tão idiota.

— Você leu a carta que dei pra Fernanda te entregar?

Ela anuiu e eu tirei meu dedo.

— Como consegue sentir ciúmes de alguém quando tudo que me importa é você? Eu deixei a festa de despedida da turma de lado para estar aqui, com você, porque Carina, não preciso de mais nada.

— Você é estranho, Max.

— E você esquisita — ela riu e eu acabei sorrindo. Descruzou os braços e com meio passo os cruzou em meu pescoço. — Daqui uma hora escurece.

— E o que tem isso?

— Quero terminar o dia dentro de você.

Carina suspirou e apertei a sua cintura, puxando-a para mais perto do meu corpo, segurando-lhe com firmeza a bunda. Nossos lábios quase se tocando, mas eu não podia beijá-la ainda.



— Eu estou de vestido — Carina sussurrou e eu dei um sorriso torto, imaginando um milhão de coisas. Ela franziu o nariz e afastei o meu rosto um pouco.

— Preciso de uma coisa antes de tudo... — beijei sua bochecha esquerda e me posicionei atrás dela. Carina esticou uma mão para trás e tocou meu cabelo. Encaixei meu rosto na curva do pescoço dela, mordiscando e beijando. — Puxa o pano, Carina.

Ela parecia perdida, quando soltou o meu cabelo e pigarreou antes de falar.

— Que pano?

Ri e dei um passo para frente, incentivando-a. Paramos diante de uma tela coberta, que ela só percebeu naquele instante. Pude ouvir a respiração dela, surpresa. Observei sua mão um pouco trêmula tocar a borda do tecido e o puxar devagar até descobrir o quadro que passei os cinco meses

NACIONAIS - ACHERON

anteriores pintando, escondido dela.

— Eu... eu... Ah, meu Deus! Max, sou eu! E estou linda!

— Você é perfeita, Carina, merecia um quadro.

Ela se virou pra mim, os olhos rasos d'água e aparei uma lágrima com o meu indicador.

— Eu nunca pensei em algo assim. Você é espetacular, eu... — se virou para o retrato dela, os cabelos voando, sentada na grama, olhando para frente. O brilho alaranjado de um pôr do Sol iluminando a íris cor de mel. Sempre fui fascinado pelos olhos dela. Carina tocou os contornos da tela. — Parece tão real... Eu estou tão bonita.

Aproveitei a sua distração e me ajoelhei. O movimento a fez se virar com as mãos na boca. Comecei a ficar nervoso e, com dificuldade, consegui pegar a caixinha do bolso no jeans, olhando para ela.

— É assim que te vejo, Carina. Perfeita, linda...

— Max!

Ri e ela começou a chorar. Me ergui e a abracei com cuidado para não derrubar a caixinha da mão direita.

— Não surte, por favor — ela me afastou e com meu coração na garganta, eu observei seu rosto. Ostentava um sorriso imenso e quase enfartei. — Deus, Carina, não faz isso.

— Continua, por favor, continua...

Ri e beijei sua bochecha antes de me ajoelhar novamente. Segurei a mão direita dela depois de abrir a caixinha com o anel simples, mas muito delicado, que minha mãe me ajudara a escolher dois meses antes.

— Carina, dona do sorriso mais lindo do mundo, dos olhos cor de mel mais profundos que já vi. Dona do meu amor, do meu corpo e da minha  
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

alma. Seja minha última, por favor. Quero você ao meu lado para o resto da minha vida.

*Casa comigo?*

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

# **QUE SEJA INFINITO ENQUANTO DURE**



**Por Lucy Berhends**

NACIONAIS - ACHERON

## CAPÍTULO 7

### CARINA

*“Tão bom morrer de amor! E continuar vivendo...”*

**Mário Quintana**



Quando eu era criança, fazia planos para cada fase da minha vida e em que época exatamente iria realizá-los... Como se fosse possível que eu detivesse o controle sobre o meu futuro. Como uma boa virginiana que sou, nenhum detalhe passara despercebido por minha mente controladora, desde o momento que eu entraria na universidade, aos dezoito anos, o meu casamento aos vinte e cinco ou até mesmo a chegada do

primeiro filho antes dos trinta.

Ledo engano!

A vida acabou por me ensinar que até os melhores planos podiam ser mudados, que eu não tinha qualquer controle sobre o que viria pela frente. E, caso hoje fosse indagada, sabe qual resposta eu estava pronta para dar? Ainda bem por isso.

Ficou meio confuso? Ok, eu explico. Se meus planos milimetricamente arquitetados fossem seguidos à risca, certamente eu não teria o homem da minha vida, o responsável por cada um dos sorrisos e das lágrimas de alegria que tenho derramado, aqui, de joelhos diante de mim, pedindo-me para obter aquilo que sempre foi dele desde o dia em que o conheci.

Não houve qualquer opção para nenhum de nós. Ele era meu e eu era dele.

— Max, você está...

NACIONAIS - ACHERON

Ele não me deixou completar a frase. No íntimo, era grata por aquilo, já que minha voz estava embargada de emoção. As lágrimas rolavam livremente pelo meu rosto. Deus, nem nos meus melhores sonhos poderia imaginar que esse momento seria tão lindo, que, naquele dia, o instante mais mágico havia se tornado real e inesquecível como nossa própria história estava sendo.

— Sim, Carina. Eu quero que seja minha esposa – o anel brilhava como um convite para uma vida de felicidade. Tudo o que eu conseguia perceber era a mão trêmula de Max e seu olhar aflito pela expectativa da minha resposta. — Me tire dessa angústia de uma vez e faça de mim o homem mais completo deste mundo.

Como eu poderia lhe dar outra resposta se não havia nada que eu desejasse mais?

— Não, Max.



Em questão de segundos, sua expressão ficou tristonha e seu olhar vazio. Oh, Deus, por que me tornei esse poço de confusão justamente no momento que eu mais tinha convicção do que deveria fazer?

— Não? — foi tudo o que conseguiu falar, sua voz quase em um sussurro.

— Droga, desculpe! — fiquei gesticulando com as mãos, provavelmente aparentando estar um pouco desvairada. — Sim, Max.

— Sim?

A conversa se tornou um tanto monossilábica e até mesmo absurda para quem ouvisse de fora, mas era tanta coisa que eu queria dizer ao mesmo tempo, tantos sentimentos reverberando pelo meu corpo e mente que eu parecia prestes a explodir.

— Sim! Sim! Sim! Eu vou repetir a minha resposta quantas vezes forem necessárias para que

NACIONAIS - ACHERON

você entenda.

— Então fala de novo — ele se levanta, retirando o anel da caixa, e toma minha mão direita na sua, beijando-a suavemente. — Só mais uma vez.

Meu olhar estava preso naquelas duas esferas castanhas e fascinantes que tanto sabiam me encantar com sua doçura como se me aprisionassem, cheias de desejo.

— Maximiliano Brandão Neto, você é estranho, péssimo em números e vive com a cabeça no mundo da lua. Acho que somos tipo aquela música *Eduardo e Mônica* do *Legião...*

Ele soltou um riso nervoso.

— Isso não tá ajudando, Carina.

— Calma! Em compensação, você beija muito bem, é um grande artista e mais romântico do que a maioria dos homens que eu conheço. Como não sou boa de desenho, vou escrever para  
NACIONAIS - ACHERON

você.

Aquela foi minha vez de beijar a mão que segurava a minha, antes que eu me afastasse momentaneamente. Senti o meu coração palpitar forte e minhas pernas vacilarem quando caminhei em direção à pintura que ele acabou de me mostrar. Fitei-a novamente. Estava absolutamente linda! Procurei por uma caneta, mas não tinha nenhuma à vista, então decidi pegar um pote de tinta vermelha e um pincel fino junto a uma folha de papel em branco.

Dei-lhe as costas e baixeí a cabeça para escrever, dando algumas pausas para olhar de canto seu nível de ansiedade. Ele mexia as pernas em um tique nervoso que quase me fizeram acabar com aquela tortura de vez e me jogar em seus braços. Eu poderia ser considerada uma pessoa fria ou controladora? Que nada! O fato é que eu queria que aquele momento fosse eternizado e estava disposta

a fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para isso. Meus planos eram de me casar apenas uma vez, oras. Tinha que ser muito especial.

Terminei de escrever e levantei a placa, fazendo certo suspense. Ele leu o que estava escrito e pareceu ter levado um bom tempo para entender o que na minha cabeça era muito simples:

SE EU ACEITO ME CASAR COM  
VOCÊ?

- a) SIM ( )
  - b) Letra a ( )
  - c) Todas as alternativas anteriores (X)
- )

Eu não esperei que ele reagisse. Fui ao encontro de Max e quando estávamos face a face, nossas respirações quentes e muito próximas, os lábios quase se tocando, minhas pernas cederam ao

NACIONAIS - ACHERON

peso das lágrimas e foi a minha vez de ficar de joelhos no tapete diante dele.

— Sim, eu quero ser aquela que vai compartilhar contigo todos os dias de sua vida e me esforçar para te fazer feliz assim como você me faz.

Max tentou me levantar, mas quando percebeu que eu resisti, se ajoelhou também e levou algum tempo apenas me admirando com os seus olhos amendoados que oscilavam entre a ternura e o desejo. Era muito fácil ler o que ele estava sentindo mesmo que não dissesse uma só palavra.

Ele segurou minha mão direita novamente e depositou, sem demora, o anel em meu dedo anelar como se eu fosse sair correndo dali acaso se delongasse. Estendi a mão e a observei, orgulhosa de carregar um símbolo tão grandioso de tudo que sentimos um pelo outro.

— Obrigado, Carina.

— Por que exatamente está me

agradecendo, Max?

— Por ser a garota ousada e destemida que você foi quando nos conhecemos...

— Alguém tinha que tomar a iniciativa – interrompi, tentando descontrair, mas o fato é que o nervoso estava se apoderando de vez do meu corpo naquele momento.

— Shhhh... Ainda estou falando, não me atrapalhe.

Levantei uma sobrancelha e ergui as mãos em sinal de rendição. Ele continuou:

— Sim, você foi aquela que tomou a iniciativa, que invadiu o meu mundo sem pedir permissão e, quando eu vi, meu coração já estava completamente perdido, sem encontrar caminho de volta – as lágrimas, que haviam secado, voltaram a rolar com força pelo meu rosto. Ele passou o polegar e limpou uma delas. — Obrigado, sobretudo, por seu amor.

— Eu conheço uma ou duas formas de você me agradecer...

— Eu já disse que te amo, Carina?

— Não mais do que eu, Max.

Ele fechou suas duas mãos em concha no meu rosto e tomou os meus lábios em um prenúncio de um beijo suave que logo se intensificou e, antes que me desse conta, senti o peso do seu corpo sobre o meu quando fui empurrada contra o chão. Instintivamente, passei a abrir cada botão da camisa dele, meus dedos tão trêmulos quanto os seus estavam, e puxei-a para fora de seu corpo.

Ainda de calça, ele ergueu meu vestido e passou com as costas da mão em minha cintura e ventre, fazendo pequenos círculos e desenhos imaginários em meu umbigo, zombando da minha urgência. Arrepios percorreram a minha pele que já estava fervendo com a tensão e o peso do olhar

dele, pronto para me devorar. Minhas mãos avançaram para o cócs de sua calça de forma determinada como se eu fosse uma mulher em uma missão, seu beijo molhado e ardente nunca deixando os meus lábios desesperados por aquele que decidira passar o resto da vida ao meu lado.

— Tire sua calça, Max. Eu o quero por inteiro, agora mesmo, assim como estou disposta a entregar-me de corpo e alma.

— Isso é tudo o que desejo — sua voz ecoou baixinho em meu ouvido.

Ele fez o que pedi, afastando-se apenas o suficiente para arrancar sua calça do corpo com a mesma impaciência que puxou o meu vestido, deixando-me desnuda diante de seu escrutínio. Quer dizer, quase isso, já que nosso contato mais profundo ficou limitado apenas pelo tecido das peças íntimas.

— Seus seios são lindos, meu amor. Não

NACIONAIS - ACHERON



canso de olhá-los e tenho certeza de que nunca irei.

Por que tudo que saía da boca de meu noivo me fazia sentir coisas absurdamente avassaladoras? Deus, eu disse meu noivo?! Isso soava tão bem.

— Max... — balbuciei seu nome como uma cantiga, suplicando para que me adorasse não apenas com palavras, mas com cada pedaço do seu corpo.

Ele entendeu o meu pedido e não me poupou, dedicando cada respiração, cada suspiro a me provar que não havia decisão mais acertada do que nos tornarmos definitivamente um do outro.

Pele contra pele. Carne contra carne.

Nos mantivemos em uma dança sensual durante um longo, longo tempo, sem pressa, eternizando o momento sob o olhar apaixonado de sua pintura que refletia exatamente o que eu estava sentindo tal qual um espelho. Na verdade, sempre houve muito mais do que luxúria entre nós. Era

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

amor. Sempre foi amor no sentido mais genuíno da palavra.

NACIONAIS - ACHERON

## CAPÍTULO 8

### CARINA

*“Não tenho tempo para mais nada, ser feliz me consome muito”*

**Clarice Lispector**



Uma tempestade caía lá fora e os pingos de chuva golpeavam a janela da sala quando a campainha tocou, anunciando a chegada de Max. Eu sabia quem era antes mesmo de Carla abrir a porta. Era como se o meu sexto sentido estivesse em alerta sempre que ele estava para chegar.

Carla, Fernanda e eu dividíamos o aluguel desde que consegui um estágio de meio período na

Construtora Galvão, dois anos antes. O salário dava, ao menos, para custear minhas despesas de moradia e não ter que contar com os meus pais para tudo, embora insistissem que eu lhes dava muito orgulho nos estudos e faziam questão de arcar com meus gastos. Mas eu sabia que tinha de começar a ser um pouco mais independente, principalmente porque iria me casar.

— Carina!?

Max entrou no apartamento e me flagrou olhando para a pintura perfeita que ele fez sobre mim. Provavelmente esta era a décima vez que a olhava, apenas naquele dia. Fiquei muito orgulhosa de expô-la na sala ao alcance de qualquer um que viesse à minha casa. Com isso, me tornei o motivo de inveja das amigas que diziam estar em busca de um amor assim. Inveja branca, como insistiam em declarar.

— Oi, amor! — ele se juntou a mim,

depositando um beijo carinhoso em meu pescoço.  
— Finalmente o nosso noivado chegou, hein? Está nervosa? – disparou.

Ofereci-lhe um sorriso capaz de dizer tudo o que estava sentindo.

— Muito nervosa.

A festa de noivado seria na casa dos pais de Max, dois meses depois do pedido inusitado e lindo que me fez. Nossas famílias moravam em cidades vizinhas e o pai dele insistiu para que fosse lá. Eu não me opus e achei até legal que ele estivesse tão empolgado com a nossa união. Quem não parecia muito feliz era seu Antônio que continuava batendo na tecla que sua filha era jovem demais para dar um passo tão importante.

Será que alguém poderia dizer ao meu pai que o amor entre Max e eu aconteceu de modo tão arrebatador e repentino que a última coisa a se considerar era a nossa idade?

— Vai dar tudo certo. Tenho certeza de que o universo está conspirando a nosso favor.

— E se não der?

— Se nada der certo, ainda teremos um ao outro para nos apoiar.

Aquele seu jeito sempre otimista e a ligação com as energias do universo foram alguns dos aspectos de Max que mais me impressionaram. No momento em que o convidei para contar as estrelas, no início do namoro, e Max aceitou sem questionar, eu sabia que era ele o cara certo. Só podia ser.

— Você sempre espera pelo melhor, não é?

— Quando eu preciso tomar decisões, penso sempre que o *não* eu já tenho. Se estou fazendo algo, é porque estou em busca do *sim*.

— Que lindo isso, Max. Você bem que poderia dar umas aulas de sensibilidade ao seu amigo – Carla entrou na conversa e me dei conta de que havia esquecido que ela estava ali. Max tinha

esse efeito sobre mim. Quando a gente se encontrava, era como se entrássemos em um mundo particular, só nosso. Ainda bem que Fernanda não estava em casa, já que tudo que nós falássemos seria motivo de chacota depois. Eu a chamava de mal-amada por isso.

— Danilo é um babaca, Carlinha. Você merece coisa melhor – eu alfinetei.

— Eu digo isso a ele todos os dias, mas o que posso fazer se eu tenho um dedinho podre para homens? Meu coração adora escolher gente complicada – ela apontou seu dedo indicador para o próprio peito, soltando um suspiro cansado.

Sorrimos, cientes que ela estava brincando. O seu namoro com Danilo estava indo muito bem, obrigada. De fato, ele não era o cara mais romântico do universo, mas não acho que Carla gostaria se ele o fosse. Às vezes até pensava que os dois só davam certo porque ambos tinham um

NACIONAIS - ACHERON

gênio difícil e, como tinham vários desacordos, precisavam se reconquistar sempre.

— Temos que ir – abracei a minha amiga.

— Eu nem acredito que você e Fernanda não estarão em nosso noivado.

— Você sabe que estudante de medicina só tem vida após a universidade, não é? Desculpe, Carinho.

Ela me chamava de Carinho desde que ficamos amigas por conta de seu namoro com o Danilo. Ela disse que eu precisava de um apelido e que esse combinava com meu nome. Eu passei a amá-la um pouco mais por isso.

— Entendo. Fernanda está responsável por uma exposição e não teve como adiar. Vai ser estranho vocês não compartilharem esse momento comigo. Cuide-se, Carlinha! – Fernanda trabalhava na filial da galeria de arte mais conhecida da região, com sede na capital, e indicou Max à sua

NACIONAIS - ACHERON



curadora e chefe, Letícia Molin. Ela pareceu se interessar e ficou de entrar em contato qualquer dia. Estávamos na torcida para que ela gostasse dos trabalhos de Max e, quem sabe, para que ele pudesse fazer a sua primeira exposição.

Carla deu-me um beijo no rosto, triste. Não pude deixar de perceber quando ela baixou a cabeça na tentativa de esconder as lágrimas sob a franja negra de seu cabelo Chanel.

— Ei, não chore. Você está me deixando ainda mais nervosa.

Ela passou as costas das mãos sobre os olhos rapidamente e me encarou com o rosto ainda vermelho.

— Quem está chorando aqui? Foi apenas um cisco que caiu em meu olho.

Soltei um beijo no ar e sorri, acenando enquanto atravessava a porta e recebia uma lufada do ar frio em meu rosto. Algumas gotas de chuva

NACIONAIS - ACHERON

me alcançaram, então corri para o carro que Max havia alugado. Antes que eu entrasse, ele me puxou pelo braço e surpreendeu-me com um beijo apaixonado, capaz de me fazer esquecer qualquer nervosismo e sedimentar a certeza de que estávamos fazendo a coisa certa.

Não me importei com a chuva ou com o tempo frio. Éramos apenas nós dois contra o mundo e nada nos faria voltar atrás. Havia muito sentimento nessa equação.

A boca dele abandonou a minha, ainda que eu hesitasse em deixá-lo ir, sentindo na minha língua o sabor do chiclete de menta que havia se tornando o seu mais novo vício. Max abriu a porta para que eu entrasse, algum tempo depois. Ele soltou um riso delicioso ao perceber que já estava abrindo a porta do motorista, mas eu ainda não me movia para dentro no carro.

— Está chovendo, se é que ainda não

NACIONAIS - ACHERON

percebeu, Carina.

Levantei a cabeça, olhei para o céu e os pingos de chuva bateram diretamente no meu rosto, deixando-me ainda mais encharcada. Voltei a encará-lo e acompanhei o seu riso frouxo.

— Você não parecia levar isso em consideração quando resolveu me beijar.

— Certo. Que tal continuarmos essa conversa dentro do carro? Vou te dar uma toalha, espera!

Ele foi pegá-la no porta-malas, mas eu fui mais rápida. Aproveitei que a intensidade da chuva tinha diminuído para uma garoa, invadi o banco do motorista e me sentei. Foi engraçado quando ergueu a cabeça e não me encontrou, percebendo depois de algum tempo onde eu estava.

— Que ousada! Sabia que posso pagar multa à locadora se tiver mancha nos bancos? — Max fingia estar bravo comigo.

NACIONAIS - ACHERON

Dei de ombros.

— Acho justo, uma vez que foi você quem me deixou completamente molhada.

Ele se sentou ao meu lado no banco do carona, e franziu a testa, me olhando de um jeito malicioso. Enxuguei-me como dava, ali dentro do carro.

— Em todos os sentidos? – piscou um olho e me fitou com um sorriso torto nos lábios.

Joguei a toalha em seu rosto e liguei o veículo, ouvindo o ronco do motor.

— Em mais de um sentido, Max.

Devolvi a piscadela e voltei a minha atenção para as ruas da pequena Cidade Universitária, ciente de que ele continuava me encarando como se estivesse pintando uma imagem mental do meu rosto.

Em algum momento no caminho, ele pegou um lápis e um papel e passou a observar a

NACIONAIS - ACHERON

paisagem que se abria à nossa volta, fazendo rabiscos que começavam a ganhar forma em suas mãos. Meu noivo era um verdadeiro artista que só precisava ser descoberto e reconhecido para dar certo. Ele estava num bom caminho, já que tinha feito alguns trabalhos como ilustrador *freelancer* de livros e jornais conhecidos.

Cerca de duas horas depois, chegamos à casa do pai dele e o nervosismo que havia se dissipado no caminho entre conversas aleatórias e gargalhadas voltou com toda força naquele momento. Saí do carro e Max entrelaçou uma de suas mãos na minha. Com a outra, fiquei mexendo em meus cabelos, fazendo e desfazendo os cachos em um gesto exasperado.

— Pare de agir como se fosse a primeira vez que você encontrará meus pais, Carina. Eles te amam assim como eu. Eu deveria ser o único a ficar nervoso, já que seu pai não está gostando

NACIONAIS - ACHERON

muito da ideia do nosso noivado.

— Eu sei, Max. Eu não deveria ficar nervosa, sei que sou realmente uma boba.

— A boba mais linda que já conheci – ele bateu com seu indicador no meu nariz e deu um selinho no mesmo lugar. Pegou a chave e, por fim, entramos na grande casa de seus pais. — Nunca se esqueça, amor.

— De quê? – tinha a impressão que eu acabara de esquecer.

— Que você é o meu infinito particular.

Deus, como podia deixar de amar esse homem por um segundo sequer?

— Sim, Max. Você também é o meu infinito particular.



A noite chegou trazendo a lua e as estrelas

para nos prestigiar, afastando a tempestade que insistia em nublar a noite tão esperada. Na verdade, eu não me importava e até gostava da chuva por que me remetia à lembrança de minha avó dizendo que chuva era sinal de bons acontecimentos e, naquele momento, eu estava propensa a acreditar em cada palavra dela.

Diante do espelho, no quarto de Max, eu fazia os últimos retoques em minha maquiagem quando ele deu três batidas na porta e foi entrando. Enlaçou a minha cintura por trás e aspirou a fragrância do meu perfume. Diante desse gesto, eu me lembrei de como ele sempre dizia que eu cheirava a frutas por conta do hidratante que eu passava no corpo.

— Minha noiva está absurdamente linda e fatalmente cheirosa.

Eu usava um vestido tubinho preto que estava super na moda e coturnos de mesma cor,  
NACIONAIS - ACHERON

uma peça quase que obrigatória para garotas da minha idade. Virei-me para inspecionar o homem diante de mim e... Uau! Ele estava usando uma calça jeans de cintura alta e camiseta branca com uma jaqueta de couro por cima. Juro que eu poderia me apaixonar por ele esta noite novamente.

— Você está... delicioso!

— Isso foi uma pergunta ou uma afirmação?

— Definitivamente uma admissão, Max.

Ele voltou a me agarrar pela cintura e logo seus lábios estavam em mim, correndo entre o lóbulo da minha orelha e minha nuca. Falei sério quando disse a ele uma vez que não havia pontos mais erógenos que estes no meu corpo e ele nunca se esqueceu, se especializando cada vez mais em conhecer quais botões apertar para me deixar enfeitiçada. Tive que fazer muito esforço para me desvencilhar de seus braços.



— Daria tudo para me trancar nesse quarto com você e não sair mais — ele me provocou.

Na verdade, a sugestão de fazermos uma festa de noivado foi minha porque, de alguma forma, ainda queria manter alguns planos de organizar minha vida por etapas. Por ele, teríamos pulado direto para o casamento.

— A ideia nunca me pareceu tão atraente, mas não podemos deixar nossos amigos e familiares na mão, não é verdade?

— Não? — diversão brilhava em seus olhos.

— Maximiliano...

Ele soltou o ar, vencido.

— Você está certa. Vamos recepcionar os convidados.

Sobressaltei quando ele me surpreendeu com um tapa na bunda antes de agir naturalmente, segurando a minha mão para irmos até a sala. Ao chegar lá, todos começaram a nos aplaudir e alguns

NACIONAIS - ACHERON

amigos vieram nos abraçar. As apostas eram que esta noite seria muito animada e eu estava torcendo para que tudo saísse perfeito.

— Mãe, que saudade!

Abracei minha mãe assim que os meus pais se aproximaram e me perguntei se apenas alguns dias ao lado deles seriam o suficiente para diminuir a falta que eu sentia. Olhei em volta à procura de alguém que até aquele momento eu não havia encontrado.

— Cadê a vovó que ainda não vi?

Minha avó materna morava com meus pais devido à sua idade avançada e problemas de saúde. Ela adorou conhecer Max e dizia que sentia pressentimentos bons sobre o nosso futuro juntos. De alguma forma, era como se a minha matriarca estivesse abençoando a nossa relação.

— Ela não pôde vir, querida. Não estava se sentindo bem e teve que ficar com a enfermeira.

— Coitada! É alguma coisa séria?

— Nada que você precise se preocupar. Sua vó é uma mulher forte, só teve uma indisposição.

Fiquei aliviada ao ouvir aquilo. Eu não estava pronta para perdê-la. Talvez nunca estivesse.

— Depois vou ligar para o seu celular e falar com ela. Quer dizer, você já tem um celular, não é, mãe?

— Comprei um desses aparelhos grandes e pesados recentemente. Podem me chamar de ultrapassada, mas ainda prefiro o meu telefone de mesa.

Sorri com a resistência da minha mãe para novas tecnologias. Dona Eugênia não tinha jeito mesmo.

— Ei, seu Antônio. Você está bonito, hein? — Max cumprimentou o meu pai.

Eu o abracei e conferi o seu esforço para mudar a aparência em um terno e calça social como

NACIONAIS - ACHERON

poucas vezes o vi usando. Ele gostava mais do estilo despojado enquanto que minha mãe era praticamente uma árvore de Natal de tanto enfeite que usava.

— Esta mulher acabou me convencendo a usar isso — apontou para a roupa, em seguida seu escrutínio estava sobre mim. — Como você está linda, minha menina! Ainda dá tempo de fugirmos desse noivado e voltarmos daqui a uns dez anos.

— Pai...

— Antônio! — minha mãe o repreendeu ao mesmo tempo em que eu.

— Calma, só estou brincando — ele apertou a mão de Max que lhe deu um sorriso tenso —, mas não precisam correr para a igreja, não é mesmo? Podem ficar noivos por algum tempo até que terminem a faculdade e consigam um emprego de verdade.

— E isso era porque você só estava

NACIONAIS - ACHERON

brincando – revirei os olhos.

Meus futuros sogros se aproximaram de nós, interessados na conversa. Provavelmente ouviram a metade.

— Pode deixar que vamos dar todo o apoio financeiro que eles precisarem até que estejam prontos para caminhar sozinhos.

Dei um olhar cúmplice para o meu noivo, mas ele não retribuiu o gesto.

— Carina e eu vamos nos virar assim que terminarmos a faculdade.

— Esse é meu maior medo – *alguém podia colocar um freio em meu pai, por favor?* — Vocês pretendem fazer isso como? Vendendo quadros?

Eu me tornei uma leoa naquele momento porque cumplicidade era um dos elementos que nunca abriria mão quando se tratava da minha relação com Max. Sempre assinaria embaixo em suas decisões. Ele era bom no que fazia e algum dia

seria reconhecido, eu tinha certeza.

— Nós vamos fazer isso dar certo como todo o mundo consegue, pai. A maioria das pessoas acorda cedo, batalha suas conquistas e conosco não será diferente. Se tivermos que vender quadros na esquina, sim, é o que faremos e isso sempre será motivo de orgulho para mim.

Max soltou a minha mão e enlaçou o seu braço em minha cintura, me puxando para mais perto dele. Beijou a minha testa em seguida e enfrentou o olhar do meu pai.

— Eu juro que farei o que estiver ao meu alcance para tornar sua filha a mulher mais feliz deste mundo. Nós compartilharemos muito mais do que o dinheiro pode comprar. Vamos compartilhar amor, seu Antônio. O maior e mais bonito que pode existir.

Meu pai ficou sem reação por um tempo, hesitando antes de voltar a falar.

— Desculpe a estupidez desse velho, meu filho. Você está certo e o que mais importa, minha filha terá. Eu posso ser turrão, mas acredite, estou muito feliz por vocês – ele deu tapinhas nas costas de Max e o surpreendeu com um abraço apertado.

Quem disse que família tinha que ser perfeita, estava muito enganado. A minha estava longe de ser, mas todos sabiam reconhecer as falhas e pedir perdão quando era preciso. E eu os amava a cada dia mais por isso.

## CAPÍTULO 9

### CARINA

*“Amar é a única coisa que pode ocupar a eternidade”*

**Victor Hugo**



As pessoas nascem, crescem, estudam, trabalham, constroem suas famílias, amam. Tudo isso por apenas um único e real motivo: a eterna busca pela felicidade. Acontece que esse sentimento tão ansiado não se baseia apenas no fator sorte. A felicidade que todo mundo fala não aparece de repente, fazendo com que a gente quase tropece nela. Ela é fruto de nossas escolhas.

Naquele momento, eu estava diante da



melhor que já fiz na vida.

— Já posso olhar, Max?

— Quase... Só mais um pouquinho.

Há dois anos estava noiva do cara que havia vendado os meus olhos antes de descermos do *Fiat Uno* que foi presente do meu pai no dia em que completei vinte e quatro anos. No começo, eu não queria aceitar, juntando todo o meu orgulho de adulta-tentando-ser-independente, mas seu Antônio foi muito persuasivo dizendo que era algo que ele já pensava em me dar quando entrei na faculdade e que só pôde quando concluí o curso de engenharia civil. Acabei cedendo depois de fazer mil recomendações que parasse de gastar dinheiro comigo.

Naquele mesmo dia, Max me deu uma câmera *Kodak* que se tornou o meu mais novo fascínio. Eu queria registrar tudo à minha volta e, para isso, precisava andar sempre munida de filmes

NACIONAIS - ACHERON

fotográficos e baterias descartáveis.

— Para que tanto mistério, Max? É apenas uma casa.

Ele puxou a minha venda devagar, dando-me a visão de seu ar sonhador e apaixonado.

— Não é apenas uma casa. Será o nosso lar.

Eu sabia que todo o mundo sonhava com a típica casa de cerca branca e um jardim repleto de flores para cuidar. Desculpe por destruir as aspirações alheias, mas eu, não. O que sempre sonhei foi em morar em uma selva de pedras, quase uma fortaleza futurista, onde eu me sentisse segura e confortável, com um belíssimo projeto arquitetônico e todo o conforto que eu mereço. Isso não devia me tornar uma má pessoa, certo?

Apesar das minhas expectativas, eu estava ali, diante de uma casa simples e bonita, próxima ao mar e com uma bendita cerca azul dando-lhe um ar poético e romanesco. Bom, pelo menos a cerca

NACIONAIS - ACHERON

não era branca.

— Amor, ela é linda! — eu não estava fingindo. Aquela casa devia ser o sonho da maioria dos casais que estava iniciando uma vida juntos. Ou melhor dizendo, de quase todos. — Mas não é o que estávamos procurando, é? — adiantei, esperando ver a reação dele.

Na verdade, nunca houve um consenso nesse ponto entre Max e eu. Falamos sobre os planos de alugar uma casa, mas sempre discordamos quando o assunto era a localização. Às vezes me perguntava como podia duas pessoas de personalidades tão opostas se amarem tanto.

Ele parecia esperar esse tipo de reação minha, já que não esboçou qualquer ponta de decepção. Como resposta, recebi um beijo terno e aquele sorriso irresistível que se tornou o principal motivo de me fazer repensar tudo que ele sugeria. Ele sabia como colocar em escanteio o meu lado

NACIONAIS - ACHERON

racional e prático.

— Deixe para formar uma opinião depois que você conhecê-la por dentro.

A casa em si não era muito grande, mas o espaço à sua volta até que era bem interessante. Eu sabia que Max tinha o espírito livre e precisava de inspiração para fazer a sua arte, então estava disposta a não causar um terremoto cada vez que nossas opiniões divergissem, e até a abrir mão se isso era o que ele realmente queria.

Ele abriu a porta e o que vi acabou me conquistando de primeira. As portas e janelas eram em madeira rústica, pintadas de um verde água e, em alguns lugares, havia papéis de parede florais aplicados recentemente. Precisou de apenas alguns passos para conseguirmos cobrir toda a extensão da casa de dois quartos.

— O que você achou?

Fiz um sinal de “legal” e ele soltou um  
NACIONAIS - ACHERON

suspiro aliviado.

— Perfeita para começarmos a nossa família.

— Sério? Você gostou mesmo? – ele parecia bastante surpreso.

— Sim. É uma boa casa.

— Boa... Um bom começo – sua voz ecoou.

— Você não queria uma casa na praia, mas eu sabia que poderia convencê-la se visse de perto.

Ok. Eu não ia mentir e dizer que fui convencida por minha afeição a um projeto simples e delicado. Meu olhar apurado de engenheira civil buscava por acabamentos mais sofisticados e modernos, mas certamente algo assim não caberia no nosso orçamento. E a forma que ele me apresentava cada pedaço daquela casa, como se fosse uma criança a descobrir o mundo, era mais do que suficiente para saber que ali teríamos a felicidade do nosso modo.

— Se você continuar entusiasmado desse jeito durante toda a nossa vida juntos, acho que não serei capaz de discordar de nada que me proponha.

Ele me beijou no pescoço de forma provocadora. Era uma merda Max conhecer tanto os meus pontos fracos, principalmente em um local que eu não podia fazer nada a respeito. Quer dizer, sempre tinha uma parede que podia ser útil, certo?

— Te garanto que entusiasmo é a última coisa que vai faltar.

— Verdade? Não comece nada que você não possa terminar.

Eu fui a primeira a me afastar dele, ciente de que aquele homem não estava pronto para colocar uma pausa em nossa proximidade. A casa ainda nem era nossa, sequer havia móveis, e ele já queria abusar dela?

Olhei pela janela e a vista que se estendeu poderia facilmente tomar a forma de uma pintura e

NACIONAIS - ACHERON

emocionar até mesmo os apreciadores mais leigos em obras de arte, como eu. O mar podia ser visto ao longe entre as frestas que o balanço dos coqueiros concedia hora ou outra, trazendo o seu aroma peculiar. A areia branca refletia a luz do sol, pedindo passagem entre pequenos arbustos e flores que findavam na frente da casa. Não resisti e tirei algumas fotos.

— Podemos pagar por tudo isso?

— A visão é fantástica, não é mesmo?

— Você não me respondeu, Max...

— Pode ficar tranquila. Essa casa foi um achado porque o aluguel não é muito caro.

— Uma pena que fica longe da construtora Galvão.

— Verdade, mas você pode utilizar o carro ou simplesmente aproveitar a vista indo de bicicleta.

Era incrível como ele conseguia romantizar

até as coisas mais simples, como tudo se tornava tão fácil no seu ponto de vista. Já disse que amava isso nele?

— Não é funcional, mas podemos fazer dar certo – assenti.

— Obrigado, amor – ele ergueu as mãos, agradecendo aos céus, a face iluminada como se fosse o próprio sol. – O corretor deve chegar a qualquer momento.

No mesmo instante ouvi batidas na porta, que se abriu, revelando um homem de cabelos loiros, alto e de rosto conhecido. Oh, meu Deus! Quais eram as chances do cara ser...

— Carina!?

Ele caminhou até mim com os braços estendidos para um abraço e me vi entre a cruz e a espada. Como iria abraçar o meu ex-namorado na frente do meu noivo? Quer dizer, eu não deveria pensar em abraçá-lo de forma alguma, para ser

NACIONAIS - ACHERON



sincera.

— Ângelo?

Estendi a mão para cumprimentá-lo, mas ele ignorou minha mera formalidade e me puxou para um abraço mais que empolgado. Eu evitei olhar para Max, receando lidar com um olhar inquiridor, então tentei me desvencilhar o mais rápido possível da situação constrangedora.

— Porra, como você está linda! O tempo só te fez bem.

Meu olhar correu inevitavelmente para o meu noivo que me encarava justamente com a expressão que eu mais temia. Antes que eu percebesse, estava comparando os dois homens, um que representava o meu passado e o outro, o meu presente e futuro. Ângelo continuava tão bonito quanto me lembrava, aparentemente mais musculoso e maduro, vestido em uma camisa social e sapatos perfeitamente engraxados enquanto o

NACIONAIS - ACHERON

meu Max... Ah, meu Max sempre sairia ganhando de qualquer um, mesmo que estivesse usando uma camisa despojada dos *Rolling Stones*, chinelos de couro, cabelos desgrehados e barba por fazer.

Ele era incomparavelmente mais bonito!

— Obrigada! Você também não está nada mal. Já conhece Maximiliano? – falei tudo em um só fôlego com medo das palavras decidirem sumir da minha garganta.

Finalmente ele se deu conta de que não estávamos sozinhos na casa e que havia um espectador curioso. Pensando bem, sua curiosidade não era uma coisa boa, se os seus traços fossem um sinal.

— Ah, foi você quem falou comigo há pouco? É um prazer – ele estendeu a mão amistosamente. – Ele é seu colega de faculdade, Carina?

Ângelo não estava fazendo um bom  
NACIONAIS - ACHERON

trabalho em disfarçar a forma como avaliava Max da cabeça aos pés com algum tipo de pré-julgamento que eu provavelmente odiaria ouvir em voz alta. Ele sempre foi aquele cara popular da escola que todas as garotas queriam namorar e isso me dava nos nervos na época porque tudo o que eu precisava era de um namorado atencioso enquanto ele só desejava ser o centro das atenções.

Caminhei até Max e ele me puxou pela cintura, beijando-me suavemente. Ok, não ia negar que estava até gostando do seu jeito territorial, já que eu sempre fui a única ciumenta da relação. Uma pitada de ciúmes às vezes era bom.

— Eu sou o noivo dela. Você deve ser algum amigo da infância, é isso?

Ângelo observou-nos juntos por um tempo e, em seguida, esboçou um sorriso fraco.

— Claro. Estudamos na mesma escola e fomos, digamos... amigos.

É claro que meu noivo não era idiota a ponto de deixar passar o clima pesado mesmo sabendo que o outro não representasse qualquer ameaça. Quer dizer, isso era o que ele provavelmente estava pensando, certo?

— Na verdade, Max, ele é um ex-namorado que tive antes de iniciar a faculdade, mas não nos vemos desde aquela época. Já faz tanto tempo que provavelmente deve estar casado. Não é verdade, Ângelo? — nunca escondemos nada um do outro, e não seria agora que eu o faria.

Busquei por uma aliança em sua mão esquerda e não a encontrei. Há pessoas que não mudam mesmo com o tempo e a idade, e ele devia ser destes exemplos.

— Na verdade, não. Depois que me formei em administração e comecei a trabalhar como corretor de imóveis, ando sem tempo até mesmo para namorar.

— Imagino. Quem sabe Carina não se compadeça de sua solidão e possa lhe apresentar uma amiga ou duas – *Não, Max! Não vá por esse caminho. Onde estava aquele cara ciumento de agora há pouco?* — Embora eu deva deixar claro que essa daqui já está bem acompanhada.

— *Yes!* – soltei um soco entusiasmado no ar e ambos levantaram uma sobrancelha, aturdidos. — Eu quis dizer que... Sim, eu teria muito prazer em lhe apresentar uma de minhas amigas solteiras – respondi, desconcertada.

Ângelo sorriu.

— Não precisa, eu me viro – ele tirou um papel da mala e entregou a Max. — Aqui está o contrato. Leiam direito e se ainda tiverem interesse em alugar a casa, voltamos a nos falar.

Aquiesci e me despedi dele com um aceno, o meu noivo em silêncio até que entramos no carro. Quebrei o gelo, intimamente orgulhosa por ter

NACIONAIS - ACHERON

tirado uma reação dele, ainda que ínfima. Eu sabia que podia parecer infantil pensar desse jeito, mas apenas gostaria que ele percebesse o quanto eu era desejada por outros caras mesmo que fosse ele o único a me tocar.

— Você não precisava ter ciúmes, Max. Ele não representa nada para mim.

Fiz todo um drama trazendo a situação de volta, só que, para minha surpresa, tudo que recebi dele foi um sorriso calmo e o olhar sonhador tão próprios do meu noivo.

— Eu sei, querida. Confio em você — depositou sua mão sobre a minha e a acariciou com o polegar enquanto a outra estava presa ao volante. — Dá para acreditar que encontramos a casa perfeita onde vamos começar nossa família?

O que eu ia fazer com esse homem? Só me restava retribuir o sorriso e agradecer aos céus por tê-lo encontrado com todos os seus defeitos e

NACIONAIS - ACHERON

qualidades. Max era um grande presente e eu só precisava desfrutar dele.



Chegou o grandioso dia. Há seis anos, Max disse sim ao meu pedido de namoro e agora, na mesma data, eu aceitaria ser a sua esposa. Depois de quatro anos como namorados e mais dois de noivado, finalmente estávamos a caminho do nosso *felizes para sempre*.

Confesso que no começo pensei em uma festa simples numa capela em estilo barroco próxima à casa que fui criada, mas quando ele falou que queria ter as estrelas como testemunhas do nosso amor, não pensei duas vezes em aceitar a ideia. Afinal, foram elas que nos juntaram, então, deveriam ser elas as principais convidadas.

— Ele já está no altar me esperando? —

devia ser a terceira vez que eu fazia esta mesma pergunta desde que entramos no carro de meu pai em direção à cerimônia na praia. Fernanda estava segurando minha mão no banco de trás e meus pais estavam na frente, tentando me acalmar a todo custo.

Eu juro que me via como uma noiva mais prática, mas estava enganada. Acontece que o nervoso estava me tornando a noiva estereótipo daquelas descritas pelas revistas de casamentos.

— Vou ligar para Carla. Ela ficou de nos deixar a par de tudo antes de chegarmos.

Fernanda pegou seu celular e abriu o *flip* para fazer uma ligação. Eu estava fitando-a como se fosse me dar uma notícia de vida ou morte e quando ela me encarou com pesar, pensei que ia desfalecer. Será que algo tinha acontecido?

— Carla não atende, mas deve estar tudo bem, Carina. Você não precisa se preocupar.



Qualquer cego pôde ver o quanto Max estava ansioso por esse casamento.

Inspira... Expira...

— Ele vai chegar, não vai? — sussurrei, ainda que o ar estivesse me faltando.

— Claro que vai, filha — foi a vez de minha mãe me confortar.

— Eu arranco a cabeça dele fora se não aparecer — meu pai tinha que soltar uma de suas pérolas, não?

Estávamos chegando ao local da cerimônia, todo enfeitado com arcos de flores e sedas brancas esvoaçantes. Apesar de ter reparado na beleza da decoração, minha atenção estava em Fernanda que ainda não havia conseguido falar com Carla ou com Max. Meu coração palpitava forte e minha mão já começava a suar. Por que ninguém dava notícias?

O carro estacionou próximo à entrada e, de longe, avistei Carla correndo em nossa direção. Ela

NACIONAIS - ACHERON

não parecia ser portadora de boas notícias. Deus do céu! Eu ia cair dura antes mesmo que ela abrisse a boca.

— Carina?

— Fala de uma vez, Carla. Onde Max está?

— Ninguém sabe dizer. Ele está vindo com o pai, mas ainda não conseguimos falar com nenhum dos dois. Parece que o noivo está atrasado.

Claro que isso só podia acontecer entre Max e eu. Em um casamento comum, a noiva estaria atrasada e não o contrário. Olhei para o céu iluminado e fiz uma prece para que as estrelas o trouxessem inteiro para mim. Uma delas brilhou mais forte como se me recordasse que o meu noivo sempre esperava pelo melhor.

O *não* eu já tinha. Se estava ali era porque buscava pelo *sim*.

## CAPÍTULO 10

### CARINA

*“Que não seja eterno, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure”*

**Vinícius De Moraes**



Não era pelo prazer de usar o tão sonhado vestido branco nem de compartilhar aquele momento especial com amigos e familiares. Também não era pela primeira dança nem pelos discursos engraçados que ouviríamos mais tarde. Tudo aquilo era importante, é claro, mas havia algo muito maior que me impulsionava a estar ali e fazer daquele momento único.

Eram as juras de amor eterno, a promessa

de nos doarmos, de passarmos por problemas e superá-los. De vê-lo me oferecer sua mão no altar e o elo infindável de sua aliança, garantindo-nos silenciosamente que faríamos tudo isso juntos. Naquele instante, o que me restava era a esperança de que o pior não tivesse acontecido.

Meu celular tocou naquele momento e dona Eugênia se prontificou a atender rapidamente, apenas aumentando a minha inquietude. A angústia só crescia enquanto ela respondia com monossílabos que não davam qualquer pista do que estava acontecendo. Quando ela terminou a ligação e, por fim, me ofereceu um sorriso aberto, meu mundo ganhou cor novamente.

— Era o Max? Onde ele está?

— Seu noivo está chegando, filha. Parece que houve uma batida entre dois carros que o manteve preso no trânsito e, para piorar, no lugar não havia sinal de celular.

— Uma batida? Eles estão bem?

— Pode ficar tranquila. O acidente foi com outros carros e nada sério. O problema foi o congestionamento enorme que causou.

— Deus, isso tinha que acontecer justo hoje?

— Eles já estão próximos, querida. Seu casamento será lindo.

Foram dois anos planejando cada detalhe da cerimônia e o começo de nossa vida a dois. Embora eu tentasse ser prática, Max fez questão de que a maioria das coisas fossem artesanais e produzidas por nós. Eu deixei de reclamar a partir do momento que isso passou a ser mais um motivo para ficarmos juntos e darmos muitas risadas. Sem falar que a noite sempre terminava como um prenúncio de como seria deliciosa a vida de casados.

Aguardei alguns instantes no carro, meu coração um pouco mais confortado por saber que o

NACIONAIS - ACHERON

homem da minha vida não havia desistido de mim. Não sei que dia comecei a me tornar uma pessoa tão insegura quando eu era aquela que criticava as mulheres que agiam assim. Talvez, aos poucos, eu tenha me permitido perceber outro lado da aura feminina que eu desconhecia a partir do momento que me tornei oficialmente uma noiva.

Fixei a atenção na pequena caixa de madeira que eu levaria na mão, no lugar do buquê. Ela continha a aliança de Max. Nós queríamos fugir de algumas tradições e dar a nossa cara para a solenidade, então fizemos um acordo de cada um levar a aliança do outro e dispensar essa missão a uma criança que mal conhecia a grandiosidade desse símbolo. A única tradição que fiz questão de manter foi o vestido branco.

— Carinho, o Max chegou — Carla fez uma dancinha comemorativa um tanto esquisita que me levou aos risos, mesmo que ainda estivesse meio

NACIONAIS - ACHERON

tensa.

— Onde ele está?

Ela olhou para trás e soltou um suspiro aborrecido.

— Está vindo para cá. O teimoso disse que precisava te ver antes da cerimônia e me ignorou completamente quando eu disse que dava azar. Esses homens...

— Não pode! Traz má sorte – minha mãe soltou exasperada ao ouvir aquilo, mas a última coisa que me importava naquele minuto eram as crendices populares. Eu só sabia lidar com coisas reais, como era naquele momento o meu amor e a saudade dele.

— Eu também preciso ver como ele está de perto.

— Essas mulheres... – meu pai exclamou, terminando o coro de protestos.

Enquanto Max se aproximava do carro,  
NACIONAIS - ACHERON

minha cabeça tentava processar a sorte de me casar com um homem tão bonito e atencioso. Ele estava vestido com um colete escuro e gravata dourada que poderia torná-lo quase irreconhecível se não fossem seus cabelos revoltos que tanto o caracterizavam.

Tentei abrir a porta do carro, mas Fernanda e minha mãe não me deixaram sair. Então só me restou falar com ele da janela.

— Max, eu devia te matar. Nós conversamos sobre um hotel aqui próximo para você se arrumar, mas você é um maldito teimoso!

— Ei, é assim que você fala com seu quase marido? Você está linda, o céu nos brindou com uma noite maravilhosa e eu estou aqui, isso basta. Dá para acreditar que chegou o grande dia?

Mordi os lábios, voltando a ser tomada pela tensão.

— Parece um sonho.



— Vai dar tudo certo, amor.

— E se não der?

— Se nada der certo, ainda teremos um ao outro para nos apoiar.

Era ele o meu homem perfeito. Sempre foi, desde o primeiro toque, o primeiro beijo, a doçura de suas mãos trilhando o meu corpo, o desejo ardente que me consumiu. Nunca houve dúvida no momento em que nossos olhos se cruzaram. Eu era muito jovem, mas sabia que procurava algo que só encontrei quando as nossas vidas foram entrelaçadas.

Dois lados complementares de uma mesma moeda.

— Eu te amo, Maximiliano.

— Não mais do que eu, Carina.

Ele me deu um selinho e saiu correndo para a entrada da cerimônia. Respirei fundo e sorri para a vida, por me ofertar a felicidade como um

NACIONAIS - ACHERON

presente. Observei a minha mãe fungar e limpar os olhos nublados pelas lágrimas.

— Você será tão feliz, filha.

— Eu serei, mãe. Sim, eu serei.



Um longo tapete verde se estendia diante de mim, culminando em uma tenda branca onde estavam o sacerdote, o meu noivo e os padrinhos, todos já posicionados. Os convidados estavam sentados em cadeiras de madeira perfeitamente enfileiradas sobre a área externa do chalé que alugamos para a cerimônia. Havia um balão com gás hélio preso em cada cadeira, para que todos soltassem quando saíssemos.

Alguns vasos de flores ornavam o corredor com uma simplicidade tal que harmonizava com a beleza da natureza à nossa volta. Meus padrinhos

foram Ricardo e Fernanda, e os dele, Danilo e Carla que abriram a entrada do noivo com a canção *Aquarela*, do *Toquinho*, entoada no violino.

Ouvi o barulho das ondas do mar como plano de fundo, formando um coral com os músicos, que tocavam *Eu sei que vou te amar*, composta por *Vinícius de Moraes*. Logo eu soube que aquele era o momento de ir ao encontro do meu noivo. Consegui perceber de canto de olho quando os convidados levantaram, soltando suspiros audíveis, mas minha atenção estava totalmente voltada para o homem fascinante que me fitava como se não houvesse mais ninguém ali além de mim.

Havia doçura e posse.

Havia carinho e desejo.

Havia amor. Muito amor.

Caminhei ao lado do meu pai segurando a caixa de madeira, a emoção me dominando a ponto

de não conseguir conter as lágrimas. E eu não era a única. Alguns convidados limpavam os olhos e minha mãe não estava me ajudando em nada com seus gemidos altos. Não pude deixar de notar que ele não estava segurando sua própria caixa que deveria conter a minha aliança. Ao invés disso, segurava um buquê de rosas brancas e vermelhas.

O que Max estaria aprontando?

— Ela foi o meu grande presente e agora é seu. Zele por minha filha — foram as palavras emocionadas do meu pai ao entregar a minha mão para Max.

— Esta é minha maior promessa — meu noivo sussurrou.

O sacerdote fez um discurso breve sobre o amor de acordo com vários pontos de vista e a força de uma união como a que estávamos compartilhando. Sem delongas, ele pediu para que fizéssemos os nossos votos. Ao som de *Vento no*  
NACIONAIS - ACHERON

*Litoral*, do *Legião Urbana*, tocando ao fundo, eu fui a primeira.

— Max, meu amor, há segredos que uma mulher não deve contar nunca para um homem, mas eu sabia que não ia resistir e que em algum momento eu abriria o meu coração para você. Só não havia planejado que fosse na frente de todo o mundo – os convidados riram. — Eu já o admirava de longe antes mesmo de te conhecer, imaginava o quão sortuda uma garota seria se tivesse a oportunidade de ter um segundo do seu olhar. E, de repente, eu tive. Quero confessar que não havia perdido o brinco naquele dia que nos conhecemos. Foi apenas uma forma de chamar sua atenção...

— Carina, não acredito que fez isso – a cada palavra que dizia, o sorriso aumentava, iluminando tudo. — Eu voltei àquele lugar e procurei o brinco por um longo tempo depois que você tinha ido.

— Desculpe, amor. O importante é que de alguma forma funcionou, não é?

Os burburinhos ficaram mais altos e alguém gritou um *sim, funcionou* lá do fundo. Todos começaram a rir, inclusive nós.

— Eu pensei que não voltaria a ser ignorada depois daquele dia, mas estava enganada — prossegui. — Quando soube que você estaria na roda entre os colegas da faculdade, implorei para que Lucas me levasse com ele. Novamente, eu tive que me aproximar e fiz você corar. Meu Deus, quem é capaz de ficar corado aos dezenove anos? Mas aquilo não te tornou um homem frágil, pelo contrário, em meu coração senti que você era especial demais para deixá-lo fugir.

— E você me convidou para contar as estrelas...

— Sim, eu convidei e fui arrebatada definitivamente no momento em que você aceitou.

A partir daquela hora, eu sabia que não estaria mais sozinha porque carregava mais alguém dentro de mim: você.

Ele inclinou o seu rosto para me beijar e coloquei o dedo indicador sobre a sua boca, deixando-o frustrado.

— Droga! Não é a hora do beijo?

A comoção foi geral.

— Ainda não. Eu não terminei de contar os meus segredos — ele fingiu decepção. — Sabe aquele dia que você me pediu em casamento e eu me ajoelhei para lhe dar uma resposta?

— Como poderia esquecer? Você sempre me surpreende.

— Acho que vou te decepcionar agora quando confessar que eu não me ajoelhei para fazer uma cena romântica. Foram as minhas pernas que cederam por conta do nervoso e eu não tive outra opção ou acabaria caindo.

Ele colocou a mão sobre o coração como se estivesse ofendido.

— Você sabe como acabar com o ego de um homem. E eu jurando que estava com a bola toda.

— Bobo! Aquele dia foi lindo e tão inesquecível quanto a pintura que você fez para mim ou a primeira vez que dançamos na cachoeira, a carta que recebi ou nossa primeira noite de amor.

Meu pai tossiu, ajustando a gravata. Sorri para ele e continuei.

— Não deixarei faltar tubos de tinta nem pincéis em nossa relação para que ela nunca se torne preto e branco, mas sempre colorida. Prometo construir cada degrau de nossas vidas juntos em bases sólidas sem deixar de fazer castelos de areia quando nos convier.

Max limpou uma lágrima solitária em seu rosto e voltou a corar como nos velhos tempos,  
NACIONAIS - ACHERON



ainda segurando o buquê. Eu adorava o quanto era sensível e entregue aos sentimentos.

— Me sinto completa ao seu lado em todos os sentidos e de todas as formas possíveis. Sim, eu aceito ser a sua esposa e prometo te amar pela vida inteira, te respeitar e cuidar de você, meu namorado, amante e marido, meu amor. Eu te amo.

Naquele instante, Max não quis saber se era a hora. Ele unicamente me beijou. Não, aquilo não foi um simples beijo, mas um símbolo carregado de promessas, de palavras não ditas, da verdade que estávamos prontos para compartilhar. Era a mais pura e sublime demonstração do amor que nos enchia e nos tornava vivos a cada dia.

Eu tirei a aliança da caixa e coloquei no dedo trêmulo dele, tornando-o oficialmente meu. Eu confesso que estava ansiosa para me tornar oficialmente dele, mas o lance da aliança ainda me intrigava. Ele não segurava uma caixa. Nem tinha

NACIONAIS - ACHERON

ideia de onde ela estava.

— Eu te amo — ele murmurou depois de beijar a aliança.

O sacerdote pigarreou.

— Devo afirmar que foi um dos mais bonitos votos que já ouvi, querida Carina — disse o ancião, voltando sua atenção para o homem diante de mim. — Maximiliano, embora eu não tenha dúvida da sua resposta, preciso perguntar: você aceita Carina Silva de Moraes como sua esposa?

Ele fez certo suspense, levando um tempo a me observar. Eu gostaria de ouvir tão somente um sim que daria fim à minha angústia, mas é claro que Max tinha que ser apenas... Max com sua alma de artista e todo seu romantismo a florado.

— Por que estou me casando? Foi a primeira pergunta que fiz antes de preparar meus votos e a resposta veio de imediato: Carina é linda e gostosa. Quem não ia querer se casar com alguém

assim?

Os convidados gargalharam alto. Eu fingi timidez e tapei o rosto com as mãos até que Max quebrasse o clima descontraído e continuasse, desta vez, em um tom mais sério.

— Eu andei pesquisando sobre algumas cerimônias e a do vinho me chamou mais atenção, então decidi adaptar aos meus votos. Fiz um bilhete no qual eu traço todos os motivos pelos quais estou me casando com você e vou fechá-lo com pregos dentro de uma caixa para, se acaso algum dia sentirmos que nosso casamento está acabado, lermos juntos com uma taça de vinho antes de tomarmos uma decisão.

Fiquei intrigada, pois nunca tinha ouvido falar daquele ritual.

— Apesar do vinho me apetecer, espero nunca ter que abrir essa caixa.

— Eu também não, amor — ele respondeu

NACIONAIS - ACHERON

antes de prosseguir. — Sendo assim, vamos aos motivos que me fizeram escolher você para compartilhar o resto de minha vida. Carina, eu quero que seja minha esposa porque você beija bem, porque tem um temperamento forte, mas não mede esforços para me agradar, porque eu não preciso fingir ser outra pessoa quando estou ao seu lado e porque mexe nos cabelos de um jeito lindo quando está nervosa.

— Você percebeu esse pequeno detalhe?

— É claro. Eu quero que seja minha esposa porque compartilha da simplicidade dos meus sonhos e porque admiro a grandiosidade dos seus. Diz que pretende adiar a maternidade, mas se derrete ao ver uma criança chorando. Adoro flagrá-la dançar quando pensa que ninguém está vendo e conta as estrelas mesmo sabendo que são infinitas. Tem um humor que varia de acordo com as fases da lua e eu sei que só eu sou capaz de aguentá-lo.

Ofereço-lhe um olhar ameaçador e ele solta um beijo no ar.

— Enfim, eu quero que seja minha esposa porque eu ainda sinto um frio na barriga sempre que a vejo chegar, porque você me envaidece com seus ciúmes ainda que o ache desnecessário. Você me faz suspirar e me prova seu amor com pequenos gestos a cada dia e com eles me mostra que vale a pena te amar. Por todos esses motivos e inúmeros outros, Carina, eu aceito ser seu marido e prometo te amar e respeitar todos os dias de nossas vidas. Você é meu infinito particular.

Oh, Deus, será que morri e fui para o céu? Nunca, em mil anos, poderia mensurar o peso dos sentimentos em cada palavra, muito menos imaginar que teria uma cerimônia tão perfeita. Enquanto vivesse, jamais esqueceria daquele dia.

Ele me surpreendeu quando retirou uma pequena caixa de dentro do buquê com a aliança e

NACIONAIS - ACHERON

me oficializou como sua sob as estrelas e diante de todos. Entregou-me o buquê, em seguida, deixando-me desarmada já que eu havia dispensado essa tradição. Pelo visto, ele não.

Max beijou a minha mão, pegou uma caixa retangular de madeira que estava sobre o altar e colocou a garrafa de vinho dentro junto com o bilhete. Usando um martelo decorado, ele pregou a tampa da caixa que tinha um coração com nossas iniciais gravadas. Que ideia adorável e surpreendente!

— Maximiliano e Carina, eu os declaro marido e mulher.

— Posso beijar a noiva?

— Agora você pode.

Ele me levantou no ar e deu uma volta comigo em seus braços antes de me inclinar e beijar os meus lábios com doçura e propriedade. Saímos do altar ao som de *I'm yours*, de *Jason Mraz*,  
NACIONAIS - ACHERON

debaixo de uma chuva de papel picado luminoso e com a linda visão dos balões de gás hélio sendo soltos um a um pelos convidados enquanto passávamos.

Antes de deixarmos a cerimônia, ele parou para me beijar novamente sob as lentes do fotógrafo que estava cobrindo o casamento. Quando se afastou, segurei o seu rosto o suficiente para me declarar.

— Você também é meu infinito particular, amor.

## CAPÍTULO 11

### CARINA

*“O percurso do amor verdadeiro nunca foi tranquilo”*

**William Shakespeare**



O cheiro de maresia e o barulho das ondas do mar ao longe sempre me convidavam para passar alguns minutos extras na cama, mas eu tinha que obedecer ao despertador ou iria me atrasar para o trabalho. Assim que comecei a me levantar da cama, Max me puxou de volta e, apesar da oferta tentadora, eu não podia me dar o luxo de atender ao seu pedido. Para ele era muito mais fácil ficar ali, jogado entre os lençóis já que não precisava bater



cartão. Eu, não. Eu tinha que viver pendurada nos ponteiros do relógio, escrava dos números.

— Você não tem nada para fazer fora de casa hoje?

Meu desejo egoísta era que ele dissesse que sim, que teria um dia cheio e agitado como o meu e que voltaria exaurido para casa no fim da tarde. Na verdade, eu sabia qual era a resposta mesmo antes de perguntar, já que essa cena se repetiu algumas vezes nesses três anos de casados.

— Não. Vou surfar um pouco para me inspirar esta manhã e depois produzir a charge que o Jornal universitário me encomendou.

Eu sei que não deveria estar sentindo inveja dele, em absoluto. Eu fazia o que gostava, o que escolhi para mim e já estava conseguindo me efetivar em uma das maiores construtoras da região. Do que eu poderia reclamar?

Por outro lado, a vida dele parecia ser tão

NACIONAIS - ACHERON

mais fácil, sem regras e horários, que me soava um tanto injusto, mesmo ciente que a grana que ele recebia dava para manter parte de nossas contas. Isso sem falar que Max continuava na busca incessante de ter suas obras reconhecidas. Sabia que o talento e potencial necessário ele tinha, faltavam apenas a pessoa e o momento exato para que ganhasse o mundo.

— Certo. Eu preciso me apressar.

Corri para o banheiro e tomei um banho. Pouco tempo depois já estava em frente ao espelho fazendo uma maquiagem básica, que me daria um ar de seriedade no universo masculino do meu trabalho. Logo em seguida, coloquei a minha farda. Quando cheguei à cozinha, o cheiro de café despertou todos os meus sentidos. A mesa já estava posta por Max, como acontecia todas as manhãs. Ele fazia questão de arrumá-la mesmo sendo apenas nós dois a comer ali e fazia questão de me

NACIONAIS - ACHERON

acompanhar no café ainda que não estivesse com fome.

— Dia cheio? – Ele ergueu a haste dos óculos escuros que estava usando.

— Muito. Hoje vou visitar algumas construções em andamento.

— Entendo. E provavelmente não tem hora para chegar.

Era impressão minha ou havia um tom irônico na voz dele?

— Exatamente, Max – me inclinei com as mãos dobradas sob o queixo, devolvendo-lhe o mesmo ar arrogante. – Eu preciso aproveitar a oportunidade que a empresa está me dando de aprender, portanto, vou agarrar tudo que me pedirem com unhas e dentes.

— Ei, calma! Eu não estou te criticando. Eu sei, meu amor. Só me preocupo que você faça disso seu projeto de vida e deixe de relaxar um pouco. Já

pensou quando os filhos vierem?

— Eu não tenho tempo para essa conversa agora. Nós já falamos sobre esse assunto e decidimos que não precisa ter pressa.

Ele mordeu um pedaço de pão, antes de responder com indiferença.

— Você decidiu.

Ao ouvir aquilo eu me irritei. Levantei-me da mesa, jogando o guardanapo com rispidez sobre ela.

— Sim, eu decidi! Sabe o por quê? Porque alguém tem que ser racional nesta casa. Como vou pensar em filhos quando eu estou começando a ter estabilidade no trabalho e aquele que será o pai deles vive de pequenos projetos que não o levam a lugar algum?

Max não me respondeu. Em vez disso, baixou a cabeça e respirou fundo. Ergueu apenas o suficiente para me enfrentar, como já aconteceu

outras vezes. Reconheço que nós ainda deveríamos estar em lua-de-mel, só que o choque de realidade parecia ter chegado mais cedo do que eu supunha.

— Sim, eu sou aquele que vive de pequenos projetos e não tem uma carteira assinada que dita a hora em que eu devo chegar, mas nunca a hora de sair. Acontece que pelo menos eu conheço quais são as minhas prioridades e você, Carina — seus olhos pareceram se entristecer —, tenho medo de que se perca no percurso.

— Nem todo o mundo pode viver de acordo com as próprias regras.

Ele se levantou e começou a tirar a mesa, sem me perguntar se eu havia terminado.

— Nós moramos perto do mar, mas não sei qual foi a última vez que a vi apreciar as ondas. Eu tento te mostrar as novas flores que estão brotando no jardim e você apenas diz que não tem tempo para isso. Sequer tem visitado os seus pais. Se eu

NACIONAIS - ACHERON

falo de filhos, então, a resposta é sempre que ainda é cedo.

— Eu estou mentindo, Max?! — as palavras dele me dão vontade de correr dali.

— Sempre será cedo até que você perceba que é muito tarde, Carina. Por favor, amor, eu não quero brigar com você no café da manhã e em momento algum. Só quero que pense e defina quais são as suas prioridades.

Um pouco tonta, olhei para ele de relance uma última vez antes de pegar minha bolsa e sair, sem lhe dar qualquer resposta. Eu estava de mãos atadas. O que eu poderia fazer? Pedir ao meu chefe para cumprir uma carga horária fixa e perder os projetos mais importantes? Aproveitar o fim de semana para fazer aulas de surfe quando eu poderia adiantar as planilhas da semana?

Eu entendia que Max não tinha muita ambição. Mas eu, sim. Ele deveria me compreender

NACIONAIS - ACHERON

e me apoiar, oras, já que tudo que eu conseguisse seria para nossa própria família.

Peguei o meu carro e felizmente cheguei ao trabalho mais cedo do que os meus colegas. O universo da engenharia era muito competitivo e machista, então eu precisava me destacar ou seria posta de lado assim que a empresa fizesse cortes. Um embrulho no estômago me fez parar enquanto caminhava até o almoxarifado para buscar meus equipamentos de segurança. Droga! Eu precisava diminuir o café ou acabaria tendo uma gastrite.

— Você está se sentindo bem, Carina?

Ana, uma das secretárias, havia acabado de chegar e veio ao meu encontro.

— Acho que foi alguma coisa que comi, mas vou tomar uma aspirina e deve passar logo.

— Se cuide. Se não me engano, não é a primeira vez que a vejo passar mal esta semana.

Olhei para os lados inquieta, com receio de

NACIONAIS - ACHERON

que alguém mais tivesse ouvido. Droga! Eu consegui esconder esse mal-estar até mesmo do Max e justo no meu trabalho alguém descobre?

— Por favor, não comente com ninguém. Quando eu tiver um tempo, irei ao médico. Agora estamos com a agenda fechada e não posso parar por conta dessa besteira. Um simples comprimido vai me deixar bem de novo.

Aquilo era o que eu tentava me convencer ultimamente. A dor até passava, mas voltava com força no outro dia.

— Espero que sim – ela piscou um olho e se afastou para ir à sua mesa. Parece que lembrou de algo e se virou para falar, antes de seguir o seu caminho. – Apenas defina suas prioridades, Carina. Vejo o quando trabalha duro, mas a vida não se resume a isso. Olhe mais para si mesma e avalie o que realmente vale a pena.

Fiquei espantada com aquele conselho,  
NACIONAIS - ACHERON



vindo dela. Como aquilo que ela e Max me falaram no mesmo dia podiam ser tão parecidos? Repentinamente me senti com inveja daquela mulher, de Max e de todos aqueles que não pensavam em conquistar o mundo com os dois braços. Eles estariam todos certos e eu a única errada? Poderia ser uma mensagem do universo para mim?

Decidi tapar os meus ouvidos e seguir para mais um dia sem pausa e descanso como eu geralmente gostava. Eu sentia prazer em fazer aquilo, então de que forma minha dedicação podia ser uma coisa errada?

Peguei os equipamentos de segurança e voltei para a minha mesa com a intenção de tomar o remédio que se tornou o meu companheiro de todas as manhãs. Quando os colegas começaram a chegar, eu já tinha uma aparência bem melhor e estava pronta para entrar na competição.

— Fiquei sabendo que o chefe pretende promover alguns engenheiros — Fábio, um deles, declarou enquanto passava por mim. — Vou fazer de tudo para que o meu nome esteja nessa lista.

— Estou no páreo, meu chapa — peguei os materiais e o acompanhei para o carro da empresa que nos levaria até a obra.

A chuva não deu uma trégua durante toda a tarde, por isso só conseguimos visitar três canteiros. Já estava no final de mais um expediente e, embora tenha chovido, o calor que eu sentia era descomunal. Retirei a camisa de manga longa, ficando apenas com uma fininha que eu usava por baixo e mais nada. Nem o ar ligado estava fazendo um bom efeito para aliviar o mal estar.

— Você está passando bem, Carina? Sua pele ficou pálida de repente.

— Eu acho que não — confessei, lamentando por ter que mostrar fragilidade diante dos meus  
NACIONAIS - ACHERON

colegas. — Talvez eu precise ir ao médico para ver essa dor no estômago. Faz tempo que não faço nenhum exame.

Ao sair dali, eles me deixaram em uma clínica acompanhada de uma das engenheiras e prometeram trazer o meu carro de volta. Não demorou muito para que eu fosse atendida já que me avaliaram como emergência. Em instantes, estava contando tudo o que vinha sentindo ao médico e, depois de me fazer várias perguntas e me submeter a alguns exames, saí da clínica com o diagnóstico e sem chão.

— Tem certeza que não quer que eu ligue para o seu marido? Eu posso te acompanhar até sua casa se preferir — Elane era uma colega muito simpática, mas eu sabia que tinha uma família da qual falava sempre e que não via a hora de encontrar todos os dias. Eu nunca a percebi como uma pessoa competitiva justamente por isso. Ela

NACIONAIS - ACHERON

tinha pressa para voltar para casa e deixava o trabalho pela metade se fosse preciso.

Naquele momento, eu teria que começar a reavaliar se ela não tinha razão.

— Eu vou ficar bem, não se preocupe. Mando uma mensagem quando chegar.

Eu não sabia se a notícia que estava prestes a dar para Max era uma coisa boa ou ruim para mim, embora eu já imaginasse qual seria a reação dele. A única certeza era que não havia como voltar atrás e eu estava disposta a enfrentar as consequências mesmo que para isso eu tivesse que rever cada uma das escolhas que fiz.

Estacionei em casa, meu coração acelerado e a cabeça latejando de tanto pensar no que seria dali para frente, que minha vida nunca mais seria a mesma. Max apareceu na porta, assim que ouviu o barulho do motor do carro, com o seu macacão preferido para pintura um pouco sujo de tinta. Eu

NACIONAIS - ACHERON

paralisei quando o vi e se não fosse pela reação dele de abrir a porta e me puxar para fora, talvez eu tivesse ficado ali por longas horas.

— Carina... Amor, o que aconteceu? – Eu ouvia sua voz ao longe, minha cabeça dando voltas infinitas, deixando-me sem reação.

— Eu... eu...

As palavras pareciam não ter força para ganhar forma. Não até aquele momento.

— Você o quê, Carina? Fala de uma vez o que está acontecendo!

Respirei fundo e juntei o resto de energia para soltar em um só fôlego.

— Eu estou grávida, Max. Mesmo que eu quisesse planejar uma gravidez e fazer as coisas do meu jeito, a vida mostrou que tinha outros planos para a gente. Então aí está! Satisfeito?

Antes de me desvencilhar dele e tentar não desabar de vez, a última imagem que surgiu à

NACIONAIS - ACHERON

minha frente foi o sorriso largo pelo qual me apaixonei e que continuava lindo como eu me lembrava. Depois tudo se tornou apenas breu.



Olho-me diante do espelho e o que vejo em nada me agrada. Depois de colocar e tirar cerca de três vestidos, estava quase entrando em pânico. Ou minhas roupas haviam encolhido ou eu estava com uns quilos a mais.

— Você acha que estou gorda, Max?

Ele para de fazer cócegas em nossa filha e volta a sua atenção para mim.

— Eu acho que você está deliciosa, amor. Tem mais curvas nos lugares certos – revirei os olhos diante daquele comentário.

— Droga! Você está me olhando como se eu fosse um pedaço de carne que pode aproveitar

mais tarde. Não é bem como eu gostaria que me olhasse agora. Seja sincero, Max, eu não sou mais a mesma de antes da gravidez. Estou cheia de estrias e minhas roupas já não cabem mais em mim...

Ele solta o ar, demonstrando certo cansaço.

— Nada do que eu diga vai lhe convencer, não é? Nenhum de nós é mais o mesmo desde que descobrimos sobre a gravidez de Laura, meu amor. Para mim, você continua linda e sensual. Minha opinião não deveria ter valor para você?

— Não quando você me dá uma resposta tendenciosa apenas para amenizar os meus nervos. Veja como Fernanda continuou gostosa depois que teve o bebê. Por que comigo teve que ser diferente?

Eu sei que podia estar exagerando um pouco, mas o fato era que eu andava um tanto insegura com a minha aparência ultimamente. Mais ainda, achava tão injusto que as mudanças acontecessem somente comigo, já que Max

NACIONAIS - ACHERON

continuava como se o tempo não tivesse passado para ele.

Optei por um vestido preto que disfarçava algumas dobras em minha cintura e estava pronta. Max, que não vivia a mesma crise existencial, e eu iríamos ao cinema. Vê-lo pronto para sair me irritava, pois qualquer peça casual que usava, deixava-lhe com um ar jovial e bem vestido. Ele voltou a brincar com a nossa filha, que já estava com seis anos, e meu instinto materno me obrigou a registrar o momento. Era assim o tempo todo: nós três e uma máquina fotográfica contra o mundo.

— Dá um sorriso para a foto, filha — ela se sentou no colo do pai e olhou para ele, sorrindo. Eu fui rápida no clique ou perderia aquela pose perfeita. — Isso, meu amor. Agora dá um legal para a mamãe.

Laura escancarou a boca em um sorriso que parecia mais forçado que natural. Minha filha se

NACIONAIS - ACHERON



tornou o centro do nosso mundo desde que nasceu, embora as coisas ainda não tenham se encaixado como deveria e a nossa situação financeira estar ficando cada dia mais apertada. Apesar disso, meu bebê veio como um sopro de ar fresco em nossa relação que já começava a passar por maus momentos. Ainda passamos, na verdade, porém temos um motivo a mais pelo que lutar.

— Tia Fernanda vai chegar a qualquer momento com o pequeno Yuri. Se comporte quando estivermos fora, querida.

— Não quero ficar, mamãe. Me leva com você e papai porque Yuri é um pé no saco.

— Pé no saco?! Onde você aprendeu isso, menina?

— Ah, todo o mundo fala isso por aí. Não é nada demais.

Eu ainda não sabia lidar com as mudanças rápidas no comportamento da minha filha. Para  
NACIONAIS - ACHERON

mim, ela sempre seria um bebê aprendendo a falar. Meu coração ficava apertado a cada vez que eu tinha que sair sem ela, mas Fernanda era uma das poucas pessoas em que eu confiava para olhar Laurinha. Primeiro, porque era a madrinha dela e, segundo, por conta do filho dela – e nosso afilhado – terem a mesma idade. Nós brincávamos que combinamos a gravidez para a mesma época. Ela e Ricardo se separaram pouco tempo depois que o bebê nasceu e ambos, naquele momento, já estavam envolvidos em outros relacionamentos. Eles se davam muito bem, na medida do possível.

– Você implica com ele, mas no final acabam brincando juntos. Yuri é como se fosse seu irmão, filha.

— Eu quero ir para a casa de Camila.

Camila era uma coleguinha da escola e, de vez em quando, a mãe dela vinha buscar Laura para passar algum tempo em sua casa ou eu a trazia para

brincar na minha. Eu ficava sossegada quando estavam juntas porque se davam muito bem.

— Hoje, não. Quem sabe outro dia?

— Puxa! Yuri não quer brincar comigo nem de pintar e nem de fazer casinha. Eu não gosto dele.

Max carregou-a no colo e beijou sua bochecha rosada. Laura estava cada dia mais bonita e parecida com o pai, com os cabelos ondulados escuros e de sorriso fácil. Ainda estávamos em dúvida sobre a personalidade dela, já que era muito brava comigo e mansinha com ele, além de gostar de pintar e construir casas de brinquedo. Talvez ela ficasse no meio termo.

— Você é muito pequena para brincar de casinha, bebê – o pai explicou. – *Homens!* – Por que não o convida para assistir a um desenho animado?

— É mesmo, papai – ela fez um gesto sério, pensativa, e eu tive que tirar mais uma foto. – Vou

convidar Yuri para assistir desenho.

Alguém consegue ver sobre o que eu estava falando? A contestação só acontecia comigo. Bastava o pai sugerir algo que era acatado com sucesso.

Fernanda chegou e Laura logo se animou, agarrando a mão do amigo para assistirem ao desenho que ela mesma colocava no aparelho de DVD que acabara de ganhar do avô. Uma coisa era certa: Laura não tinha nada da timidez de Max na adolescência. Nesse quesito, era bem mais parecida comigo.

— Obrigado por ficar com ela enquanto saímos – ele apertou a mão da minha amiga. – Faz tempo que Carina e eu não fazemos nada sozinhos.

— É sempre um prazer ficar com minha afilhada. Ela e Yuri brigam como cão e gato, mas acabam se entendendo.

Era uma pena que Fernanda não morasse

NACIONAIS - ACHERON

mais perto, pois poderíamos nos ajudar nos cuidados das crianças. Minha amiga Carla é que tem esse privilégio com seu bebê de dois anos. As duas moram próximas uma da outra.

— De qualquer forma, temos que agradecer — reiterei. — Quando precisar, não hesite em me pedir.

— Pode deixar, comadre. Vou pedir, sim — ela piscou um olho.

Enquanto entrávamos no *Fiat Uno*, rezando para que nenhuma peça quebrasse no caminho já que ele não visitava uma oficina mecânica há tempos, lembrei de como recebi a notícia da minha gravidez e do quanto minha opinião mudou desde então.

Quando a ideia de ser mãe começou a se consolidar na minha cabeça, eu passei a mudar os planos e tudo ficou mais fácil a partir daí. Quer dizer, nem tão fácil assim, já que não consegui a

NACIONAIS - ACHERON

promoção no trabalho que tanto almejava e tinha que voltar para casa mais cedo a tempo de ver a minha filha acordada. Por causa disso, eu pedia aos céus para que não fosse demitida.

Max ainda estava vivendo de serviços temporários e promessas vãs de uma exposição em uma galeria de renome. Eu lamentava ver tanto talento escondido quando deveria estar ganhando o mundo e não entendia por que tudo tinha que ser tão mais difícil para nós.

— Devíamos ter ficado em casa. Não estamos em condições de gastar dinheiro com frivolidades.

— Eu não acho que ir ao cinema com minha esposa seja algo banal e, sim, podemos nos dar a esse pequeno luxo de vez em quando. Não estamos passando fome, Carina.

— Merda! Eu preciso perder um pouco dessa mania de racionalizar tudo. Desculpe, amor.

Sem desviar a atenção da direção, ele suavizou o olhar.

— Que tal se aproveitarmos esta noite como nos velhos tempos? Poderíamos fingir que somos apenas um casal de namorados sem uma agenda chata e regrada para cumprir amanhã.

— Eu acho que consigo fazer isso.

— Consegue? – ele me deu um selinho.

Max e eu vivíamos em pé de guerra por conta da nossa situação financeira que estava de mal a pior. Meus pais e os dele quiseram intervir e até permitimos que nos ajudassem algumas vezes, mas não era justo que eles complementassem nossa renda quando éramos adultos o suficiente para nos virar. Eu continuava me incomodando com o fato de ser a única com um emprego estável e viver de acordo com os ponteiros do relógio, enquanto ele tinha os horários flexíveis. Ainda por cima, o invejava por passar mais tempo com Laura do que

NACIONAIS - ACHERON

eu.

— Prometo que vou tentar. Temos que nos permitir essa pausa.

— É assim que se fala, amor.

Chegamos ao cinema e dentre os filmes que estavam em cartaz, escolhemos a comédia romântica *Simplemente amor*. As outras opções eram de terror, mas nenhum de nós tinha estômago para algo assim naquela noite, então a comédia ganhou por unanimidade. Depois de duas horas namorando mais do que assistindo ao filme, decidimos esticar a noite em uma pizzeria. Se estávamos nos permitindo ter um tempo bom, então teria que ser completo, sem maiores preocupações.

Tudo estava indo tão bem que eu cheguei a sentir medo de que algo acontecesse e estragasse tamanha felicidade. Éramos apenas dois como na época do namoro e, por algumas horas, voltei a ser a garota recém-saída da adolescência que tudo que

NACIONAIS - ACHERON



almejava era encontrar um amor de verdade, capaz de compartilhar o brilho das estrelas com ele.

Saímos do cinema e a primeira coisa que fiz foi conferir se o céu estava estrelado. Não estava. Havia nuvens escuras e a previsão do tempo alertava sobre uma possível tempestade a qualquer momento. Minha atenção voltou para Max e me dei conta de que ele estava observando alguém fixamente. Acompanhei seu olhar e percebi que era uma mulher loira, aparentemente um pouco mais velha que nós dois, mas muito bonita e arrumada. Meu senso de alerta acendeu.

— Quem é ela? — a pergunta voou da minha boca antes mesmo que eu pudesse controlar.

— Lembra daquela curadora com quem Fernanda trabalhou?

— Sim.

— É ela.

— Ah, a tal de Letícia alguma coisa?

— Isso. Letícia Molin.

Mirei-a novamente e não pude evitar o ciúme instantâneo só de imaginar Max trabalhando qualquer dia com aquela mulher. Ela era deslumbrante em cada detalhe e quando me comparei a ela, considerei-me um lixo.

— Fernanda dizia que ela era uma cobra que desvaloriza as obras dos artistas com grosseria quando não gostava. A arte não devia ser algo muito pessoal para alguém se achar no direito de detonar desse jeito?

Max não desviava o olhar. Sua atenção estava completamente presa à mulher.

— Não quando se trata de uma especialista. Ela se formou na França e defendeu a tese na *École du Louvre*, querida. Poucas pessoas neste país tem a mesma autoridade de avaliar uma obra como ela.

Engoli em seco, pois não sabia mais o que dizer a meu favor. Max estava disposto a se

NACIONAIS - ACHERON

aproximar e eu sabia que não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Quem sabe a sorte viraria para ele a partir de agora?

— Eu preciso falar com ela.

Apertei a mão dele, mostrando que não lhe daria a opção de ir lá sozinho.

— Vamos!

Letícia estava de frente para nós e, quando avistou Max, começou a mexer nos cabelos em um trejeito que eu conhecia muito bem. Seu olhar correu para a mão dele, em seguida, para mim, e não conseguiu disfarçar uma ponta de decepção ao me ver. Eu não estava maluca e podia apostar meu braço direito que a mulher estava à caça naquela noite.

— Letícia Molin?

Max estendeu a mão livre para cumprimentá-la e ela o observou com ar confuso, enquanto estendia a dela em retribuição.

— Você me conhece?

— Claro. Eu sou Max Brandão, um artista que entrou em contato com você por e-mail outro dia. Você ficou de avaliar minhas obras, mas sua agenda estava cheia demais ultimamente. E essa é minha esposa Carina.

Ela não disfarçou seu olhar intrigado e de interesse quando passeou indisfarçavelmente pelo corpo de Max, fitando-o da cabeça aos pés e me ignorou veladamente. Pelo visto, não eram bem as obras dele que ela queria avaliar.

— Minha agenda nunca está cheia demais quando eu farejo um artista em potencial.

Meu marido ficou nervoso e eufórico como vi apenas no dia do nosso casamento e do nascimento de Laura.

— Jura? Você vai encontrar um tempo para conhecer meu trabalho?

Ela sorriu de lado, ostentando um ar de  
NACIONAIS - ACHERON

superioridade. Passou suas unhas vermelhas e compridas vagarosamente pelo braço dele e colocou um dedo na boca, antes de responder.

— Segunda pela manhã estaria ótimo para mim. Vou deixar minha agenda reservada só para você.

Ok. Eu sabia que já tinha me excedido algumas vezes com meu ciúme excessivo, mas a mulher estava fazendo uma queda de braço comigo e claramente me desafiando. Não havia dupla interpretação ali.

— Eu poderia ir com você, amor – soltei em tom irônico.

Max me encarou furioso.

— Você trabalha segunda, lembra?

Era uma merda que ele estivesse certo e que eu não tinha flexibilidade nos meus horários. Eu queria que meu marido realmente conquistasse o seu espaço no mundo artístico, então teria que

NACIONAIS - ACHERON

perder aquela batalha.

— Verdade, tinha me esquecido.

Depois de mais alguns minutos de tortura, nos quais ela não teve nenhum trabalho em disfarçar o seu interesse por ele, saímos em direção à pizzeria e a última coisa que eu podia sentir era fome.

— Você viu aquilo? Eu tenho um horário marcado com a melhor curadora da região. Meu Deus, essa noite não poderia ser mais perfeita.

Lamentei o fato de que encontrar essa mulher tenha sido mais notável do que o momento que ficamos juntos.

— Ela estava dando em cima de você descaradamente.

— Está vendo coisas onde não tem, Carina.

— Droga, Max! Qualquer um que passasse na rua poderia enxergar o que estou dizendo.

Ele parou de caminhar e me encarou.

— Será que você não pode ficar feliz por mim pelo menos uma vez na vida? Será que pode passar por cima do seu ciúme doentio e apenas me desejar boa sorte?

Suas palavras me atingiram profundamente e eu soube naquele momento que ele estava entusiasmado demais para enxergar as segundas intenções daquela mulher. Decidi baixar a guarda.

— Eu só tenho medo que você não possa suprir as expectativas da grande Letícia Molin...

— De que expectativas você está falando?

Inspirei fundo, sentindo uma rajada de ar frio bater em meu rosto.

— Nenhuma, querido – desviei o olhar. – Acho que perdi a fome. Podemos apenas ir para casa?

— Claro. Eu tenho que começar a catalogar minhas pinturas e arrumar tudo para levar segunda-feira. Estou tão animado.

E assim acabou aquela que seria a nossa noite. No caminho para casa, Max não falava em outra coisa além do seu encontro marcado com a *Miss-super-importante* e eu fiz um grande esforço para demonstrar cumplicidade e interesse. Francamente, eu estava torcendo por ele, mas algo me dizia que aquela mulher estava disposta a pedir mais que sua habilidade artística. Além disso, ela me deixou claramente em segundo plano na cabeça do meu marido, na única folga que tivemos juntos depois de tanto tempo que não saíamos sozinhos.

Quando chegamos em casa, ele correu para o seu ateliê e eu fui para o quarto verificar como estavam Fernanda e as crianças. Os três dormiam juntos em minha cama tão tranquilamente que andei de ponta de pé de volta para a sala, tentando não fazer barulho.

Pela quinta vez apenas aquela semana, peguei o álbum de fotos da família e sentei no sofá,

NACIONAIS - ACHERON



folheando página por página. Estava diante do meu presente, mas Deus sabe o quanto eu sentia falta do meu passado e o quanto temia pelo futuro. Pressionei o *power* no aparelho de som e fechei os olhos enquanto *Head over feat* de *Alanis Morissette* tocava baixinho, remetendo-me ao princípio de todo o caminho de felicidade que Max e eu havíamos trilhado. Deus, como tínhamos chegado até aquele ponto?

Fechei o álbum novamente. Diante dele estava escrita a palavra mais significativa da minha vida: família. O que eles eram para mim? Não houve e nunca haveria qualquer coisa que merecesse mais a minha atenção e, ainda que tivéssemos nossos altos e baixos, ela sempre seria a minha maior riqueza. Virei a primeira página e me deparei com a foto que Fernanda havia tirado no dia que fomos para a cachoeira, Max me fazendo cócegas e eu gargalhando.

— *Max, eu nem olhei direito para a foto* – lembrava de ter gritado em seguida e de receber um beijo como resposta. Eu me divertia com qualquer pequeno gesto que ele fizesse.

Mais adiante, algumas fotos da minha formatura mostravam o quanto eu estava feliz e realizada naquele dia. Havia uma com meus pais me entregando o diploma e senti falta repentinamente de uma época que éramos apenas eles e eu na minha vida.

— *Você me enche de orgulho, filha* – meu pai disse na ocasião, levando-me às lágrimas de felicidade. Naquele momento elas começavam a cair novamente, mas eu não sabia definir que tipo de sentimento as impulsionava.

Virei a página e meu olhar esbarrou nas fotos do noivado. Eu tinha tanta certeza de que estava fazendo a coisa certa naquele momento que senti inveja de mim mesma, da menina corajosa

NACIONAIS - ACHERON

que eu fui, capaz de desafiar qualquer um que me impedisse de ser feliz.

*Onde você foi parar, Carina? Já fazia algum tempo que me perguntava isso.*

Do outro lado, estavam as fotos do meu casamento. Os votos que fizemos um para o outro ainda vivos e retumbantes na minha mente. Eu queria cumprir cada um deles. Eu queria que ele também cumprisse cada um, mas como eu já havia percebido, a vida tinha seus próprios planos.

*— Prometo construir cada degrau de nossas vidas juntos em bases sólidas sem deixar de fazer castelos de areia quando nos convier.*

Eu acabei quebrando essa promessa pouco tempo depois que nos casamos quando coloquei a minha carreira acima de qualquer coisa. Será que eu ainda levava comigo todos aqueles motivos que fizeram Max me escolher como esposa ou estávamos começando a construir os nossos

castelos de areia?

Suspirei fundo e virei a página. Imagens da minha gravidez em fases diferentes me deixaram orgulhosa pela possibilidade de me tornar mãe, mesmo com todas as mudanças provocadas no meu corpo. O nascimento de Laura foi um dos dias mais felizes de minha vida.

— *Minha filha nasceu, eu nem acredito, e ela é tão linda!* – eu disse para a enfermeira que alisava os meus cabelos depois do parto.

— *Não apenas sua filha, mas nasceram um pai e uma mãe com ela. Parabéns, querida!* – a Carina mãe havia acabado de nascer realmente e foi uma das melhores coisas que poderia ter acontecido comigo.

Observei outras fotos dela com o pai, ela e eu, ela com os avós e me dei conta de que já não havia nenhuma somente com Max e eu. Éramos nós três ou um de nós nas fotos. Nunca apenas nós dois.

NACIONAIS - ACHERON

Meu coração se entristeceu, não porque eu devia excluir minha filha, mas porque eu não queria perder a chama da paixão que me unia a ele e nos tornava tão essenciais um para o outro, tanto quanto o ar que respirávamos.

Quando começamos a fazer planos separados? Não havia mais beijos roubados nem cartas de amor. Não havia mais pinturas inspiradas em mim nem contávamos as estrelas. Não tomávamos banho de chuva, muito menos dançávamos ao ar livre.

Eu estava com medo. Meu medo não era de que ele se apaixonasse por outra mulher ou cedesse à tentação. Eu estava com medo do caminho que nosso relacionamento estava tomando e de nos perdermos no percurso. Temor de que o amor não fosse mais o suficiente e que precisássemos alçar voos separados. Eu receava ter que abrir a caixa de vinho e tomarmos uma taça antes de finalmente

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

dizemos adeus.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

# ATÉ QUE O TÉDIO NOS SEPRE



Por Janaina Rico

NACIONAIS - ACHERON

## CAPÍTULO 12

**MAX**

*“Vós, que sofreis, porque amais, amai ainda mais.*

*Morrer de amor é viver dele.”*

**Victor Hugo**



Carina bateu a porta atrás de mim e saiu, batendo pé.

Eu fiquei ali, escutando os passos dela a se distanciar de mim, levando o meu amor, a minha outra metade, a minha existência. Eu já havia vivido mais tempo com ela do que sem ela. O que eu faria sem a sua presença?

A vida teria nos sido muito dura nos últimos



quinze anos ou era eu quem não sabia mais entender a alma da minha, talvez, ex-esposa?



Francamente, eu sei exatamente o momento em que a minha vida virou uma merda. Eu ainda me sentia um jovem desbravador do mundo, com a esposa linda, a filha maravilhosa e, nas mãos, a possibilidade de alçar os voos que sempre quis através da entrevista que sempre desejara, com a curadora de arte que poderia mudar a minha vida. Letícia Molin poderia me abrir o mundo de oportunidades que eu sempre desejei.

Apesar de não parecer, eu tinha ambições. Nunca pensei em viver como um artista cheio de glamour, saindo em capas de revista ou dando entrevistas para a televisão, até mesmo porque com as artes plásticas isso é quase impossível. Mas

alimentava na minha alma o anseio mais profundo de poder me sustentar dignamente com o meu trabalho, dar à minha família uma vida confortável, sem ter que me submeter a empregos que não me deixassem plenamente feliz.

Por isso, para a tão esperada reunião, peguei todos os meus melhores desenhos, pensando em como me destacar naquela oportunidade que a Letícia estava me dando. Tratava-se de uma mulher madura, conhecida no meio, que assinava grandes exposições e colocava artistas brasileiros no mercado internacional. Eu só precisava que ela me oferecesse uma chance, mesmo que minúscula, para que eu fosse visto. Aí tudo poderia dar certo na minha vida.

Eu já me via, por exemplo, comprando aquela casa que alugávamos. E Carina? Vivia tão cansada de trabalhar, e eu queria muito dar uma pequena folga a ela. Minha esposa era uma

NACIONAIS - ACHERON

máquina, sem pausa para nada! Eu gostaria que ela tivesse um pouco mais de tempo para mim e Laura, mas isso era impossível. Cada dia mais ela crescia na empresa, e isso fazia com que fizesse mais horas extras, enfrentasse longas jornadas e nem sequer pensasse em férias. A Laura já estava com quase sete anos e nós nunca tivemos a oportunidade de viajarmos juntos. Eu não dava o braço a torcer, cobrando que ela fosse mais presente, mas aquilo me doía o coração. Mais de uma vez cheguei a pegar os classificados pela manhã, escondido, enquanto Carina estava no trabalho e Laura brincava com suas bonecas. Pensava em me submeter a qualquer coisa, pois mesmo que eu fosse infeliz no meu trabalho, qualquer esforço valia a pena, pelas minhas meninas. Mas eu não era capaz de abandonar aquilo que eu era. A arte sempre foi o meu ar, a minha existência, as batidas do meu coração. Passava horas do dia pintando

NACIONAIS - ACHERON

quadros que retratassem Laura, Carina, a nossa casa, a nossa vida. Elas eram a minha inspiração. E por elas eu me sentia na obrigação de ser um vencedor naquilo que eu chamava de trabalho.

Foi impossível dormir naquele final de semana. Carina estava com ciúmes, mas eu nem dei bola. Apenas sorri, girei Laura em meus braços e disse:

— Filhota, pede pro Papai do Céu abençoar o seu papai aqui da terra – e dei um beijinho na ponta daquele narizinho arrebitado.

— Papai, nós já somos abençoados, esqueceu? – e aquela frase ficou martelando em minha cabeça até o momento em que o despertador tocou, na segunda-feira, antes de ir ao escritório de Letícia Molin.



Peguei uma carona com Carina, que mal me olhava nos olhos. Ela estava bem furiosa e não queria que eu fosse à entrevista. Tentei colocar uma música no rádio do nosso Fiat Uno velho, mas quem disse que ele funcionou? Bem no dia em que eu mais precisava dele... Não consegui conter um palavrão. Parei, respirei e tentei manter minha calma habitual.

— Não tem problema, meu docinho de coco! — sorri para ela, que depois do meu desabafo, até tentou manter a seriedade no rosto, mas eu percebi um sorriso começar a se formar naqueles lábios que eu sempre amei. — Pode deixar que eu vou cantar para você: meu infinito particulaaaaaarrrrr... És o melhor e o pior de miiiiimmmmm...

— Tá bom, Max! — ela mostrou os seus belos dentes em um sorriso que parecia o Sol. — Já entendi que você quer ficar numa boa entre a gente,  
NACIONAIS - ACHERON

mas não estraga a nossa música. Você cantando é um excelente pintor, ok?

Coloquei a mão no peito, como se tivesse levado uma facada.

— Deixa estar... Quando eu for um artista de renome internacional vão te perguntar qual a minha melhor qualidade e você vai responder que eu canto para você todas as manhãs... — limpei a garganta e soltei em um tom propositalmente desafinado. — Meu infinito particulaaaaaaarrrrrr...

— Seu bobo – e percebi que arranquei de uma vez por todas a carranca que ela sustentara mais cedo naquela manhã.

— Eu te amo mais que tudo, meu amor. E só vou em paz para essa entrevista se ver o seu sorriso a me desejar boa sorte. Não fica brava comigo não. Eu sou apenas um louco apaixonado por você.

— Apaixonado, mesmo depois de tanto  
NACIONAIS - ACHERON

tempo? Mesmo depois de eu estar toda detonada da gravidez? Mesmo depois...

— Carina, pode parar... — coloquei a mão na sua perna no momento em que ela estacionava o carro para eu descer. — Você nunca estará detonada em nada. É a mulher mais linda do mundo, que vai me dar um super beijo agora, para que eu entre nesse escritório e arrase. Assim que me deixar aqui, vai ter um dia muito produtivo de trabalho e, de noite, vamos pegar a filha mais maravilhosa do mundo e comer um cachorro quente, para comemorarmos a exposição que eu vou fechar, se Deus quiser.

Ela colou seus lábios nos meus e em segundos senti aquela língua tão macia e conhecida se enroscando na minha. Era inevitável como o meu corpo sempre reagia a ela, o tempo nunca mudou isso. Aquela boca me causava uma vontade incontrolável de me enfiar no corpo de Carina, me

NACIONAIS - ACHERON

refastelar com o cheiro maravilhoso que só minha mulher tinha.

— Boa sorte, Max – ela sussurrou entre os meus lábios. – E depois que você conseguir a exposição, eu quebro a cara dessa vaca.

Eu desci do carro segurando uma gargalhada.



Uma secretária com a cara da Barbie me recebeu. Fiquei meio com vergonha, pois pelo visto ela nem desconfiava que eu tinha um horário marcado. Telefonou para Letícia e ficou um tempão falando com ela no telefone. Depois de quase vinte minutos, veio com uma cara de bunda:

— Senhor Marcos... — ela começou.

— É Max – sorri polidamente.

— Ah, tá – a correção nem pareceu afetá-la.



— Senhor Mark, a dona Letícia vai demorar um pouquinho a chegar. Você pode aguardar no *hall* ou prefere voltar de tarde?

Fiquei puto pelo modo que estava sendo tratado, mas eu não estava em condições de ficar com raiva. Ainda dependia daquela entrevista.

— Eu espero no *hall*, obrigado.

O relógio passou pelas horas até as onze e meia da manhã, mas eu não desisti. Permanecia inabalável. Aquela mulher poderia demorar o dia inteiro que nada me tiraria dali. Eu ficaria até o fim da eternidade, se preciso, mas não perderia a oportunidade de mostrar os meus trabalhos para uma pessoa tão influente. E quando eu menos esperava, como um furacão barulhento, Letícia chegou.

Me cumprimentou efusivamente, pediu desculpas pelo atraso e me levou à sua sala. Ordenou que a secretária trouxesse dois cafés e

NACIONAIS - ACHERON

água – coisa que aquela infeliz não tinha pensado em me oferecer até aquele momento.

— Muito bem, Max! Vamos ver o que você tem a me mostrar.

Abri o meu portfólio, montado com tanta dedicação, e fui exibindo um a um os meus desenhos. Eu falava com entusiasmo, para mim era impossível ficar sentado. A paixão corria pelas minhas veias e animação era o meu segundo nome. Enquanto isso, a curadora permanecia impassível, como se fosse imune à minha alegria, mas eu seguia a apresentação, determinado. Aquela era a minha chance e eu não poderia perdê-la!

Falei da melhor maneira possível peça a peça. Depois que mostrei tudo, senti-me novamente, o coração aos pulos e as mãos suadas, uma emoção muito louca tomando conta de mim. Eu tinha certeza que tinha arrasado!

— Max, vou ser muito sincera com você.

Seus desenhos são até bons, mas falta alguma coisa, sabe? Não vejo, assim... Uma expressão artística que realmente chame atenção. Parece... Sei lá, essa coisa esposinha, filhinha... Muito familiazinha. Tô procurando uma coisa impactante, entende?

Se alguém tivesse me dado um soco na cara teria doído muito menos. Mas não demonstrei o choque, pois eu ia lutar até o fim.

— Letícia, estou disposto a fazer as alterações que me pedir. Uma pessoa entendedora de artes como você deve ser sempre ouvida, e não quero perder essa oportunidade. Qualquer conselho que me der eu seguirei, já que o meu maior interesse é conseguir sair daqui com um contrato de exposição! – declarei e dei o meu melhor sorriso!

— Você está mesmo disposto a qualquer coisa, Max?

— Qualquer coisa! – nem pensei duas vezes

em reafirmar a minha posição.

Letícia se levantou, deu a volta por trás de mim e parou em pé, atrás da minha cadeira. Naquele momento eu percebi o que ela estava querendo dizer com qualquer coisa, e sei que isso não tem nada de artístico...

Ela passou as mãos pelo meu peito e veio descendo o rosto até a minha orelha, deixando que os seus cabelos caíssem pelo meu pescoço. E cacete, eu sou homem! Meu corpo respondeu àquela provocação antes mesmo que eu fosse capaz de raciocinar. A mulher tinha um toque macio que ligou alguns botões, com acesso direto ao conteúdo da minha cueca.

— Posso lhe abrir muitas portas, Max... E posso abrir outras coisas para você também... — engoli em seco diante da forma com que Letícia era direta.

— Outras coisas? — tentei desconversar.

— Outras coisas... — senti mais uma alisada no meu tronco. — Como as minhas pernas.

Em questão de segundos, uma análise muito fria passou na minha mente. Eu poderia comer aquela coroa ali e garantir o meu futuro profissional. Ela era gostosa, e não seria nenhum sacrifício. Era apenas questão de dar uma trepada descompromissada e eu teria uma oportunidade que qualquer artista plástico se mataria para ter. Rápido, simples e indolor. Em alguns minutos minha vida estaria resolvida.

Tudo mudaria? Sim, tudo mudaria.

Mas não do jeito que eu considerava certo.

Onde estava com a cabeça? Eu jamais faria isso com Carina. Eu nunca tinha tocado em outra mulher em toda minha vida e pretendia continuar assim. Não tinha exposição nenhuma no mundo que pudesse mudar isso. Minha família era o que existia de mais importante e eu jamais arriscaria

isso, de maneira alguma. Me ergui em um só movimento, peguei a minha pasta e fui em direção à porta.

— Acho que você não me entendeu bem, Letícia – percebi que minha voz saiu meio trêmula, mas era por conta da surpresa que eu havia acabado de viver. – Vim aqui profissionalmente.

— E eu estou aqui profissionalmente, querido. Você me paga e eu exponho suas obras.

— O nome disso é assédio sexual – ao me ouvir, ela começou a gargalhar na minha cara, como se seu tivesse contado a piada mais engraçada do mundo.

— Não, querido. O nome disso é saber aproveitar as oportunidades. E se quiser, aproveite a sua logo, porque essa janela aqui já está se fechando. E as minhas pernas também.

Eu não tinha mais o que fazer naquele lugar. Fiquei sem ar. Queria dar uns murros em todas as

NACIONAIS - ACHERON

paredes que encontrasse pela frente.

— Passar bem — recolhi o meu trabalho e a deixei, sentindo cada molécula minha se remoendo de revolta. O ódio tomava conta dos meus pensamentos e nada de bom poderia sair daquele momento.

— As portas ficarão bem fechadas para você por muito tempo, Max — escutei-a dizer ao longe. — Tanto quanto as minhas pernas.

Que fixação aquela infeliz tinha com abrir e fechar pernas, pelo amor de Deus!

Estava puto. Queria quebrar a cara do primeiro infeliz que passasse na minha frente. Aquela vagabunda tinha arruinado com tudo. Ninguém nunca mais me daria uma chance no mercado.

Fiquei agoniado. Então era isso: além de eu não conseguir sustentar a minha mulher e a minha filha, eu tinha cagado a minha vida profissional,  
NACIONAIS - ACHERON

deixado passar pelos meus dedos a única oportunidade de real mudança. Era apenas uma trepada, cacete! Porque a merda da minha consciência tinha me impedido? A infeliz da Letícia não estava me pedindo amor eterno. Queria apenas um sexo descompromissado e depois disso eu teria todas as chances que um cara como eu gostaria de ter!

Eu tinha sido um idiota por não ter cedido àquela cantada barata.

Carina nunca saberia.

Mas eu sim...



## CAPÍTULO 13

**MAX**

*“O amor é a força mais sutil do mundo.”*

**Mahatma Gandhi**



Passei o dia inteiro na praia, na tentativa de colocar a cabeça em ordem. Pedi para que Fernanda buscasse Laura na escola e preferi não falar nada para Carina. Eu sentia vergonha de encará-la e falar que eu não tinha conseguido o contrato. Ela me perguntaria o motivo e eu jamais diria. Não queria mentir para a mulher da minha vida, mas se eu falasse a verdade, ela ia achar que eu tinha feito alguma coisa, dado motivo para que Letícia agisse daquela forma. A possessividade de Carina sempre foi uma constante em nossas vidas. Acho que na

verdade, como ela tinha essa coisa obsessiva por objetivos, metas e ambições, os seus sentimentos negativos muitas vezes afloravam de uma maneira que não era bacana.

Sentir ciúmes era uma dessas expressões de angústia da sua alma. Na maioria das vezes eu não me importava, até me divertia com as atitudes dela, já que eu não tinha olhos pra mais ninguém. Eu jamais conseguiria me envolver com outra pessoa. Muitas vezes me sentia até meio bobo por isso, mas, no fundo, eu me orgulhava de só ter tido uma única mulher na minha vida. Parecia uma coisa de livros ou filmes, e eu achava aquilo bonito. Quando comentava aquilo com meu amor, ela dizia que eu seria só dela, para sempre, e que isso estava escrito nas estrelas. Por mais que parecesse que ela estava brincando comigo, eu achava que tinha, sim, um fundo de verdade. Um amor como aquele que eu sentia só podia mesmo estar marcado nos astros.

Só que eu já sabia que, se ela descobrisse do assédio de Letícia, quem estaria enrolado era eu. Carina nunca acreditaria que eu tinha saído sem fazer nada, por mais que eu argumentasse o contrário. Sentimentos ruins como a desconfiança e o ciúme cegam as pessoas, e com ela não seria diferente.

Olhando as ondas do mar quebrarem na minha frente, deixei que lágrimas rolassem pelo meu rosto. Não tinha ninguém ali pra ver a minha vergonha. Eu me sentia um merda. Que tipo de homem era eu que precisava ser sustentado pela mulher? Meus trabalhosinhos *freelancer* não chegavam nem perto de pagar as contas da nossa casa. Tudo era nas costas da Carina, eu sabia disso. Ela nunca tinha jogado nada na minha cara, mas eu confiava que um dia minha carreira artística daria certo. Aquilo não poderia terminar daquela forma. Certamente, como ela disse, eu não conseguiria

NACIONAIS - ACHERON

expor mais nenhum quadro, nem na porta do condomínio de onde a gente morava. Letícia era uma mulher influente e o meu não tinha acabado com tudo.

Confesso que questioneei a minha decisão. Seria tão mais fácil se eu fosse como os meus amigos. Por qual motivo eu tinha que ser assim, tão apaixonado por Carina?

Chorei muito, dando berros de raiva. Minhas lágrimas se misturavam à maresia e a frustração tomou conta de mim. Me sentia um fracassado, um perdedor. Um nada.

Depois de jogar tudo aquilo para fora, tomei uma decisão que mudou o rumo não só da minha vida, mas também o da minha família. Eu não poderia viver mais de faz de conta. Estava na hora de acabar com aquele sonho que não levava a nada. Não dava para ser um peso na vida da Carina, que lutava tanto por nós. Eu ia abandonar aquela coisa

NACIONAIS - ACHERON

de ser artista e arrumaria um emprego de verdade. Não tinha mais como sustentar um sonho que não colocava comida no prato da minha filha ou não pagava os boletos que chegavam na nossa caixa de correio.

Cheguei em casa e as duas me esperavam na varanda.

— Papai, papai! — minha pequenina estava eufórica. — Aquela mulher comprou os seus desenhos? — senti como se uma faca tivesse percorrido o meu coração. Eu jamais deveria ter contado para a minha filhota. Criei expectativas e agora iria decepcioná-la.

— Amor! — Carina veio em minha direção e envolveu os seus braços em meu pescoço. — Me conta logo a sua boa notícia que eu também tenho uma maravilhosa!

Acho que se eu tivesse levado um murro na cara não doeria tanto. Elas me olhavam com

NACIONAIS - ACHERON

admiração enquanto eu só sentia raiva de mim mesmo.

— Pode falar a sua primeiro — tentei disfarçar. Eu não tinha o direito de acabar com a alegria dela. — Estou curioso! Vamos lá, Carina! O que aconteceu de tão bom na sua vida hoje?

Laura esticou os bracinhos, pedindo colo, e prontamente a levantei. Carina me olhou intensamente, com aquele sorriso divino emoldurando o seu rosto. Dava para ver que ela irradiava vida e alegria, planos e expectativas.

— Consegui a chefia da equipe! Eu agora sou a diretora de obras, amor! Meu salário vai triplicar! Finalmente vamos sair da pendura! — eu queria muito ficar feliz por ela, de verdade. Acho que só eu sabia o quanto ela tinha lutado para conseguir aquilo. Não era justo que a minha infelicidade contaminasse o momento, mas não conseguia controlar que uma inveja explodisse

NACIONAIS - ACHERON

dentro de mim. — Pode me chamar de diretora Carina! — ela comunicou e esticou os braços no ar, quase flutuando de alegria.

No mesmo dia em que minha vida profissional havia sido arruinada a dela tinha deslanchado. Definitivamente eu era um inútil naquela família.

— Então vamos comer aquele cachorro-quente para comemorar! — foi o máximo que consegui pronunciar.

— Primeiro me conta, Max! O que a tal Letícia falou? — pude perceber nitidamente a expectativa em seus olhos. Meu estômago se revirou e eu só queria chorar nos braços dela, mas sentia que não podia despejar a minha infelicidade no colo de Carina. Se eu não era bom o suficiente para ser um artista, não deveria deixar Carina triste por isso.

— A Letícia? — engoli em seco. — Ela

NACIONAIS - ACHERON

adorou meus desenhos e disse que vai me dar uma resposta até a semana que vem — desviei o olhar para que ela não percebesse a minha mentira, mas não tenho certeza até hoje se obtive sucesso. Por uma fração de segundos ficou muito claro para mim que ela não havia acreditado em nenhuma das minhas palavras, mas é algo que nunca terei como provar. Decidi continuar com a farsa. — Mas hoje é o seu dia! Vamos comemorar a chegada da mais nova diretora!



A semana que se passou foi a mais dolorosa da minha vida. Tudo em mim era sofrimento. Eu só tinha uma certeza: que nunca mais desenharia. Desliguei-me de todos os trabalhos temporários e passei a procurar empregos nos classificados. Até o



dia que encontrei um cargo de professor de artes para crianças em um colégio particular.

E foi ali que trabalhei por dez anos.

Nunca disse à Carina o que aconteceu. Ela também nunca me perguntou. Existem silêncios que falam muito mais do que qualquer explicação.

## CAPÍTULO 14

MAX

*“Difícil é amar uma mulher e simultaneamente fazer alguma coisa com juízo.”*

Leon Tolstói



Eu pisquei os olhos e, quando notei, quinze anos haviam se passado na minha vida. Adoraria dizer que eu fui feliz em todos os momentos, que os meus sonhos e os de Carina foram realizados, e que Laura nunca tinha nos dado trabalho. Infelizmente, as coisas não se desenrolaram bem assim...

O fato de eu ter me tornado um professor foi algo que eu não posso taxar como ruim. Foi apenas um pouco, digamos, frustrante. Eu gostava

das crianças e me divertia com elas, mas eu me impus uma pena muito pesada, movido pela culpa de não ter realizado os meus sonhos, apesar de não trair à Carina: eu nunca mais consegui desenhar. Sendo assim, sentia como se toda a minha vocação estivesse sendo jogada na lata do lixo. Nunca descontei minha amargura na Carina e muito menos em Laura, mas isso me tornara um professor muito rígido. O pior é que eu sabia que aquela postura nem de longe lembrava a minha real personalidade, mas isso não me importava. Eu só queria ter uma válvula de escape para a minha tristeza e frustração.

Sou obrigado a reconhecer que minha agonia aumentava vertiginosamente pelo fato da Carina ser extremamente bem sucedida em sua profissão. Graças ao salário dela compramos um novo apartamento e eu não me senti no direito de opinar quando ela disse que havia encontrado um imóvel ideal para gente. Era uma daquelas casas de

NACIONAIS - ACHERON

passarinhos, em um condomínio no meio da selva de pedras, longe do mar e perto de fumaça. Claro que não era assim a descrição dela, mas foi essa a impressão que tive ao ver a nossa nova casa pela primeira vez. O meu sonho era comprar àquela que alugávamos desde o nosso primeiro dia de casados. Ali eu sentia que era o meu lar, o lugar onde a nossa filha deveria crescer feliz, sem perigos, medo de assaltos ou carros de um lado para o outro.

Mas Carina? Ela era uma mulher prática, acima de tudo. Gostava de estar perto do trabalho e que Laura tivesse um *playground*, cercado de segurança. Ah, se a minha amada soubesse que aquele era o último tipo de coisa que a nossa menina precisava... A maior necessidade dela era a nossa presença, o nosso amor e atenção, e isso não tem condomínio de luxo e dinheiro no mundo que pague. Mas, infelizmente, parecia que os meus pensamentos e os de Carina estavam cada dia mais

NACIONAIS - ACHERON

distantes.

E assim a vida foi se desenrolando... Carina estava tão focada em suas metas e ambições que não deu falta sequer das minhas pinturas pela casa. Eu esperava, exasperado, que ela me perguntasse por um quadro novo, por algo que representasse a minha expressão artística. Mas nesse caso, o silêncio deliberado era a única resposta. Ela parecia ter esquecido que não tinha se casado com um professor infantil, mas sim com um artista. Mas, na sua correria de vencer na vida e ganhar dinheiro, ela tinha deixado passar batido. Acho que minha esposa só percebeu que eu nunca mais desenharia na vida no dia em que nos mudamos, alguns anos depois de eu ter enterrado os meus sonhos em uma sala de aula.

— Esse terceiro quarto é ideal para o seu ateliê, meu amor — Carina estava genuinamente feliz pelo fato de eu ter arrumado um emprego de NACIONAIS - ACHERON

gente grande, por ela ganhar bem e por nossa vida ser de uma rotina e um tédio enlouquecedores.

Na sua cabeça agora eu poderia fazer da arte um hobby. O que ela nunca entenderia é que o meu dom não poderia ser apenas um passatempo. Era grande demais em meu peito para isso. A arte ocupava toda a minha mente, o meu ser. Não podia ser da arte pela metade. Se abrisse as comportas do meu coração, a alma se transformaria em cores, formas, pinceladas e vida. Se fosse para ser mais ou menos, era melhor não ser. O que adianta sentir da vida apenas um aperitivo?

— Podemos colocar o seu cavalete bem ali, o que acha? — ela continuou, sem perceber os meus olhos escuros de tristeza.

Olhei para aquele quarto vazio e não senti nada. Eu jamais ocuparia um espaço como aquele, no meio de uma cidade barulhenta, para riscar um lápis de cor qualquer. Eu precisava de ar, de

NACIONAIS - ACHERON

natureza. A cada dia que se passava eu me distanciava mais de mim, em nome do que eu já não sabia definir.

— Não há necessidade, Carina. Pode montar uma sala de TV ou um quarto de brinquedos para Laura – sei que isso soou um tanto quanto ranzinza, mas não poderia ser diferente. Dei as costas e fiquei implorando mentalmente que ela viesse atrás de mim e dissesse que ia cancelar aquela transação, que ela se tocasse que estava tirando o meu último suspiro de sanidade. Mas isso não aconteceu, e fomos morar naquele apartamento que ela tanto desejou. A minha prisão sem grades ou muros eletrificados, onde eu fingia ser livre.

Assim que pôde, Carina comprou um carro novo, e depois passou a trocá-lo todos os anos. Ela curtia muito essa coisa de ir em lojas de automóveis, pesquisar o que tinha no mercado e ter sempre o melhor. Eu mantinha o nosso velho Fiat

NACIONAIS - ACHERON

Uno junto a mim, presente do meu sogro. Não entendia aquela necessidade da minha esposa de ter sempre mais e mais. Éramos tão felizes com nosso velho carrinho, ele representava muita coisa para mim... Se aquele carro falasse, diria quantas vezes eu amei Carina naquele banco traseiro, com toda a intensidade do meu desejo juvenil somados a maior paixão que já existiu em todos os tempos. O engraçado é que mesmo com o passar dos anos, Laura preferia andar no meu carrinho velho do que nos carros novos da mãe dela.

Minha filha era muito parecida comigo. Inclusive, tinha um talento espetacular para arte. Seu forte não eram desenhos, como os meus, e sim as esculturas. Com o decorrer dos anos, o tal terceiro quarto acabou se tornando o ateliê dela, onde minha filha me chamava para vê-la moldando, esculpindo... Estávamos quase sempre juntos, pois Carina cada vez mais era apenas uma presença

NACIONAIS - ACHERON



esporádica, alguém que nunca estava lá. Ela vivia correndo, trabalhando até tarde, aos finais de semana e feriados. A minha amada nunca tinha tempo para nada, e essa correria aos poucos foi fazendo com que ela se afastasse de nós. Gradativamente, deixou um vazio em nossos peitos que só poderia ser preenchido novamente quando ela resolvesse retornar. O que parecia difícil.

Acredito que seja isso que tenha deixado a Laura sempre tão brava com a mãe. Carina não era capaz de entender que tínhamos uma criança com alma de artista, e quando ela virou adolescente, essa essência fora potencializada. Minha menina gostava de pintar as paredes, usar roupas pretas, escutar música no máximo volume. Eu achava o máximo e a incentivava a ser o que quisesse. Ensinei-a a curtir rock, e volta e meia, quando Carina chegava, estávamos eu e Laura suados de tanto pular ao som do Metallica. Aquilo para mim

NACIONAIS - ACHERON

era incrível, e eu só queria que as duas, mãe e filha se conectassem como nós éramos.

Eu via tanto da Carina na nossa filha! As mesmas respostas rápidas, um ciúmes quase incontrolável, a facilidade de fazer contas e enxergar o mundo de maneira prática. Mas Carina não estava ali para ver como nós dois tínhamos feito uma joia rara. Ela só chegava cansada do trabalho, reclamava da bagunça, das paredes pintadas, da música alta, da roupa preta. E a cada reclamação da mãe, a filha batia de frente. As duas se enfiavam em discussões que eu tentava apaziguar.

Eu sempre soube que Carina agia assim achando que estava certa. Ela amava nossa filha de uma forma linda, mas a sua preocupação com o futuro, com quem Laura seria, com as notas que ela tirava e com quantas línguas a menina tinha que saber era exagerada. Por mais que Laura fizesse,

NACIONAIS - ACHERON

Carina sempre queria mais. Eu tentava apaziguar os ânimos, mas não conseguia. Eu sabia que no fundo, bem no fundo, Carina estava certa. O mundo é um lugar muito cruel e precisávamos preparar nossa filha para tudo. Mas, eu vivia me perguntando, de que adiantava a menina falar inglês, francês e espanhol se a mãe dela estava sempre tão ocupada trabalhando, sem notar ou compartilhar as conquistas dela. De que adianta se ter o mundo, mas um coração vazio?

E essas discussões não aconteceram uma ou duas vezes, mas sim inúmeras. Eu olhava para Carina e me perguntava onde estava aquela menina linda que tinha me levado para fazer trilhas e me amado numa água gelada de cachoeira. Em que momento aquela mulher reclamona havia surgido que eu não tinha notado? Ela permanecia linda. O tempo havia lhe feito muito bem e eu não me cansava de admirar a determinação dela, a luta

NACIONAIS - ACHERON

pelos seus objetivos, a forma como levava a vida a sério. Sempre que me falava do seu trabalho eu viajava na intensidade que os seus lábios se moviam para cima e para baixo, com volúpia e sensualidade. Meu tesão por ela era absurdo, nunca mudou um pouquinho sequer. Se bobear, aumentou. Não tinha um dia que não quisesse Carina para mim.

Quando ela estava em meus braços, na nossa cama, gemendo e rebolando para mim, eu ainda via em seus olhos a menina por quem eu havia me apaixonado, tantos anos antes. Só ali ela conseguia ser a minha Carina, o meu infinito particular. E então, todo sacrifício, o aborrecimento, as angústias, tudo ia embora. E a única coisa que ficava era a certeza no meu peito de que eu havia casado com o amor da minha vida.

O tempo não espera que nos resolvamos. Por isso, quando dei por mim, já estava

NACIONAIS - ACHERON

completando quarenta e cinco anos. Um homem cheio de expectativas e desejos não cumpridos. Lembro-me de olhar no espelho e perceber que do dia para a noite tinham surgido alguns fios de cabelos brancos e rugas novas. Mas via aquela mudança com o pouco de artista que restava em mim, como algo mágico. Como se eu fosse uma obra de arte vista sob novas cores. Nunca antes havia me incomodado com aquilo, envelhecer era algo natural. Ao contrário de Carina, que quase teve um treco quando completou trinta. Aos quarenta então, achei que ela ia morrer de tanto chorar. Eu apenas ria e a consolava. Se ela soubesse como ficava mais linda a cada ano que se passava, aquilo não a perturbaria tanto. O tempo estava sendo generoso com ela. Talvez Carina corresse tanto que nem ele tenha conseguido alcançá-la.

Até que chegou o dia derradeiro, o último respiro antes que tudo desmoronasse de vez.

PERIGOSAS

Lembro-me dele em flashes. A minha memória andava um tanto confusa, talvez por ter coisas demais acontecendo em dia só.

NACIONAIS - ACHERON

## CAPÍTULO 15

**MAX**

*“O coração tem razões que a própria razão desconhece.”*

**Blaise Pascal**



Assim que saí da escola, peguei o meu Uno caindo aos pedaços, e fui para casa. Sabia que Laura insistiria para que nós comemorássemos o meu aniversário, então eu sugeriria uma pizza com vinho, só nós três. Não me sentia muito no clima de festas e grandes comemorações. Quando eu era um moleque imaginava que chegaria aos quarenta e cinco anos reconhecido como artista. Mas nem tudo é como imaginamos... A tela em branco da vida

nem sempre pinta as cores que desejamos.

Ao chegar em casa, Carina me esperava sozinha, na sala. Ela segurava um buquê de flores coloridas.

— As amarelas são para representar a riqueza que é você na minha vida. As rosas são pela nossa filha, o presente mais precioso que você poderia ter me dado. As brancas são a paz que eu sinto no coração por estar ao seu lado. As vermelhas... Bom, você sabe muito bem o motivo — e grudou seus lábios nos meus.

Naquele momento era como se eu tivesse dezenove anos. Meu corpo respondeu instantaneamente aos carinhos dela, e já senti a minha ereção latejando dentro da cueca. Meu Deus, aquela mulher tinha uma coisa... O cheiro, a maciez do toque, a pele aveludada... Acho que era o conjunto da obra. Larguei os seus lábios e segui para o pescoço que eu tanto amava, inalando aquele



perfume tão maravilhoso e familiar. Não me importava quanto tempo tinha passado, era só ela, sempre ela, quem importava na minha vida. Deitei-a com força no sofá. Acho que nem Carina esperava aquela minha reação tão apaixonada. Estávamos há algumas semanas sem transar, massacrados pela rotina, cansaço, sei lá por que mais... E tudo o que eu queria naquele momento era me perder nas carnes da minha esposa, sentir o seu sexo úmido, o gosto maravilhoso entre as suas coxas.

— Max, nós estamos na sala... Laura pode chegar a qualquer momento – ela deu uma risada sem-vergonha, como eu me lembrava de já tê-la visto fazer um milhão de vezes na vida, sempre que queria fazer alguma coisa, mas não dava o braço a torcer.

— Então sejamos rápidos! – sorri e arranquei a calça dela. Carina nunca me dizia não.

Nem eu a ela.

Em pouco tempo éramos dois garotos, nos amando no sofá, com fome e pressa, como se estivéssemos fazendo algo proibido. Com ela eu era um super-homem, um amante profissional, o mocinho dos filmes. Não me importava quantas vezes eu tivesse enlouquecido com o corpo de Carina, a cada vez parecia melhor e melhor e melhor. E assim foi daquela vez. Me joguei em um orgasmo intenso, louco e arrebatador no sofá de nossa casa. E quando eu estava exausto, respirando acelerado, com o rosto afundado nos cabelos macios de Carina, a nossa filha entrou na sala e nos pegou no flagra!

— Que nojo vocês dois! Eca, eca, eca! — e tapou os olhos. — Coloquem uma roupa, pelo amor de Deus! Vou ficar com essa imagem nojenta na cabeça pelo resto da eternidade — dei um pulo do sofá como se fosse um atleta olímpico. Em

NACIONAIS - ACHERON

segundos, eu estava vestido e dando gargalhadas da travessura que havíamos feito. — E amanhã esse sofá será trocado, né? Ninguém merece! Ninguém mesmo!

— Ai, que vergonha — Carina balbuciou.

Naquela hora, minha esposa linda parecia um pimentão! Carina não sabia o que falar, nem onde colocar a cara. Só conseguiu sussurrar um pedido de desculpas e foi tomar um banho, olhando para o chão. Eu conhecia tão bem Carina que sabia que ficaria com aquilo na cabeça um tempão, mas que ainda riríamos muito dessa história.

— Filha, não precisa desse drama todo. Estávamos apenas namorando — eu me divertia com aquela confusão no rosto da minha filha. Ela já tinha um namoradinho, sabia muito bem do que aquilo se tratava. Inclusive, esse era um dos maiores motivos das brigas entre mãe e filha naqueles dias. Carina detestava Igor, o menino que

NACIONAIS - ACHERON

havia ganho o coração de Laura. Contudo, eu sei que flagrar os pais daquele jeito não é uma das melhores experiências da vida para ninguém.

— Vocês tem um quarto para isso, sabia? Mas nem vou criar caso, só porque é o seu aniversário. Vai lá passar álcool em gel no corpo inteiro e depois vem aqui pra eu te dar um beijo e um abraço – tentei agarrá-la para lhe dar um beijo, mas ela correu. — Aff, sem chance!

Rindo eu fui me arrumar e saímos para comemorar o meu aniversário.



Ao chegarmos, mal imaginava que tinha uma surpresa armada para mim. Toda a nossa família estava presente. Os pais de Carina, já bem velhinhos, chegaram animados. Meu pai e minha mãe já haviam falecido, mas tinha todo aquele

lance de primos, tios e a cambada em peso. Eu nem desconfiara daquilo, de verdade. A Laura disse que tinha dado várias pistas, mas realmente não notei nenhuma. Por algum motivo eu ficava cada dia mais desatento das coisas que aconteciam ao meu redor. As duas me enganaram direitinho e o que mais me deixou feliz não foi a festa em si, e sim o fato de saber que as duas haviam se unido em nome da minha felicidade. E para a minha surpresa, Danilo também estava lá, depois de tantos anos que não nos víamos! Aquela noite prometia ser maravilhosa.

## CAPÍTULO 16

MAX

*“Qualquer um pode amar uma rosa, mas é preciso um grande coração para incluir os espinhos.”*

**Clarice Lispector**



— Caramba, Max! Você está mesmo velho  
— ele me abraçou com toda a força de nossa saudade.

— Danilo, você está careca e gordo...  
Finalmente ficou bonito! — brinquei.

Foi muito bom reencontrá-lo. Ele não havia se casado, nem tido filhos. Trocava de namoradas como quem troca de camisa. E, naquele dia em

especial, ele estava com uma garota de uns 28 anos que era muito... Bom, não há meias palavras para isso, né? Era muito gostosa!

Foi natural que eu ficasse mais tempo conversando com eles do que com o resto dos convidados. Eu e Danilo tínhamos muito o que colocar em dia. Revê-lo fez com que eu me sentisse feliz e frustrado ao mesmo tempo. Meu amigo tinha viajado pelo mundo, transado com um monte de mulheres, feito as maiores loucuras... Já eu? Minha vida se resumia a Carina e Laura. Assumo que fiquei com uma ponta de inveja, mas ela logo passou quando fui apresentar minha filha a ele.

— E as pinturas, cara? Como andam? — aquela era pergunta que sempre doía na minha alma quando alguém a fazia.

— Ah... Não curto mais não. Acho que já pintei tudo o que eu tinha que pintar.

— Puta que pariu! Não me diz uma coisa

NACIONAIS - ACHERON

dessas – seus olhos eram de puro espanto. – Eu nunca conheci ninguém mais talentoso que você!

— Pelo visto você conheceu pouca gente no mundo – gargalhamos, ambos sem graça com o rumo do assunto.

— Isso não é nem de longe verdade, *brother*. Você pinta pra cacete! Gatinha – virou-se para a namorada do momento –, se você visse o desenho que ele fez da Carina uma vez, cacete! Que coisa mais linda, eu nunca tinha visto nada nem parecido com aquilo.

Fiquei com vergonha e logo tratei de mudar de assunto. Aquele era o desenho que eu olhava todos os dias. Carina o havia emoldurado e colocado na sala da nossa casa. Tinha dias que eu fazia questão de ignorar a pintura, para não sentir vontade de chorar, de tanta saudade que eu sentia de jogar minhas emoções em uma tela. Não fazia sentido em um momento de tantas alegrias ficar me

NACIONAIS - ACHERON



lembrando de coisas ruins.

— Danilo — Fernanda gritou ao longe —, você ainda está vivo!

— E você ainda está uma gata!

E fui salvo do momento de tristeza pela nossa amiga espalhafatosa.

Trocamos telefones, e-mail, Facebook. Certamente reestabelecer contatos com o meu grande amigo foi o melhor presente de aniversário que eu poderia ter ganho. Quer dizer, o segundo melhor, porque aquele sexo com Carina no sofá havia sido o meu preferido, de longe!



Quando a gente saiu do restaurante, Carina havia reservado um hotel para que passássemos a noite juntos. Sou um cavalheiro, por isso não contarei detalhes do que fizemos. Mas posso

garantir que foi espetacular.



Na manhã seguinte, acordei mais cedo que Carina e telefonei para pedir o serviço de quarto. Enquanto aguardava, olhei para a imagem nua da minha mulher em cima da cama e senti um comichão percorrer todo o meu corpo. Não sabia identificar o que era, mas algo estava correndo em minhas veias, como se fosse impossível de controlar. Andei de um lado para o outro, sem tirar os olhos dela.

O que estava acontecendo ali? Minha mente rodopiava, eu sentia uma agonia na boca do estômago e minha pele ficou suada e pegajosa. Era uma sensação antiga, mas eu não sabia muito bem o que ela queria me dizer. O que era aquilo acontecendo comigo? Fixei os olhos em cima da

cama e fiquei respirando profundamente, tentando compreender aquela sensação irracional e desenfreada que me acometia.

A cada segundo a minha alma se agitava mais e mais, como se tentasse quebrar as correntes que eu tão habilmente colocara. Até que Carina fez um pequeno movimento, e seus cabelos cacheados e sedosos caíram de uma forma angelical pelo seu rosto, ao mesmo tempo que os lindos seios, de mamilos rosados e um bico feito com perfeição, surgiram por debaixo da camisola transparente... Por fim, eu compreendi: ali estava a minha musa.

E uma musa merece ter um pintor a se inspirar em seus traços.

Eu simplesmente necessitava desenhá-la, exatamente daquela forma. Me dei conta naquele instante que eu havia deixado de registrar as transformações no seu corpo nos últimos quinze anos e que simplesmente não poderia mais me

NACIONAIS - ACHERON

negar aquilo. Ela era linda demais, perfeita demais, gostosa demais para que eu deixasse de desenhá-la. Fui até a mesinha que tinha em um canto, peguei um papel e um lápis.

Meu corpo todo tremia. Era uma loucura na minha alma, na mente e no coração. A necessidade de retratá-la era mais urgente e importante do que qualquer outra coisa que pudesse existir no mundo.

Éramos eu, o papel, o lápis e a minha musa.

E...

Nada.

Tentei, tentei, tentei... Mas nenhum risco que prestasse saiu naquele instante.

Meu coração pareceu se partir. A alma se fechou bruscamente em um grito.

Tinha realmente jogado fora o meu talento.

Eu não sabia mais desenhar.

## CAPÍTULO 17

**MAX**

**“Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer que não existe razão?”**

**Renato Russo**



Voltamos para casa e eu permaneci calado. Ela me perguntou se estava tudo bem, mas eu não quis responder. Às vezes, a dor não encontra palavras que a definam. Tudo aquilo que estava preso no meu peito nos últimos anos parecia estar prestes a explodir e eu não sabia como lidar com o sentimento que me invadia. Ela estava sorridente e serelepe, enquanto eu me fechava cada vez mais.

Éramos, naquele instante, luz e sombras.

— Max, eu estive pensando... O que você acha de tirarmos umas férias de uns vinte dias para viajarmos juntos? Laura sempre quis ir para a Disney quando era menor, mas nós nunca tínhamos dinheiro. Pode ser um bom presente para ela de 18 anos, você não acha?

— Eu não tenho dinheiro, Carina – meu humor estava péssimo. Qualquer coisa que ela falasse naquele momento faria com que eu reagisse de forma bruta. Não era justo com ela, pois quem tinha feito minhas escolhas fui eu, sem a influência de ninguém. Mas nem sempre conseguimos ver de forma racional as nossas emoções.

Uma coisa era eu não desenhar porque não queria. Outra coisa era eu simplesmente não saber mais.

— Credo, Max. Que bicho te mordeu? Achei que a gente tinha tido uma noite  
NACIONAIS - ACHERON

maravilhosa, mas pelo visto...

— Não é nada, Carina. Só não quero falar de viagens nesse exato momento.

Fomos os dois emburrados para casa. Não tínhamos mais nenhum assunto para conversar. Não parecíamos nem de longe com os dois amantes apaixonados da noite anterior.

Quando chegamos, eu fui direto para o nosso quarto e me joguei na cama. Queria ficar olhando para o teto e não fazer nada. Não tinha vontade de conversar, de ver ninguém, de falar nada. Estava puto comigo mesmo.

Só que minha paz durou pouco, pois logo começou uma gritaria no meio do corredor. Carina e Laura berravam uma com a outra. Dei um suspiro e me levantei para olhar o que estava acontecendo. A última coisa que eu precisava naquele momento era ter que apagar um incêndio dentro da minha própria casa, mas eu sabia que se eu não fosse lá

NACIONAIS - ACHERON

me meter aquelas duas não parariam de gritar nunca.

E o quadro que encontrei não foi dos melhores.

Ao lado de Carina estava Igor, enrolado em uma toalha. Ela parecia enlouquecida, gesticulando, com os olhos soltando raios e trovões para todos os lados. Pelo que eu pude entender, quando ela entrou no quarto de nossa filha para avisar que havíamos chegado, os dois dormiam juntos na caminha de solteiro dela. Dava para perceber que a minha esposa não tinha ficado nem um pouco feliz com aquilo.



— Laura, tire esse garoto imediatamente da minha casa – Carina estava fora de si, e pulava de tanto ódio.



— Engraçado... Quer dizer que eu posso ver você e o papai mandado ver na sala, e eu não tenho o direito de dormir com o meu namorado? — minha filha não baixava a voz e se impunha perante a mãe, deixando bem clara a sua personalidade marcante.

— Que namorado o quê, garota? — Carina parecia que ia explodir de ódio. Ela tremia loucamente e a cada palavra sua voz saía ainda mais alta. — Esse moleque sem eira nem beira tá fazendo o que aqui, na minha casa?

— Mãe, larga de ser hipócrita! Você só não gosta dele porque ele é pobre! Mas eu não sou igual você, que vive pela aparência dos outros. Quer saber? Assim que eu puder, vou embora da sua casa! — dava para sentir o desprezo da nossa filha na última frase. — Você acha que só você vive aqui, mãe, que o mundo gira em volta das suas vontades. Fala mal do Igor porque ele não é um dos  
NACIONAIS - ACHERON

riquinhos que você tanto adora, filho daqueles engenheiros idiotas que trabalham com você.

— Eu não gosto dele porque tem dezenove anos e não faz nada da vida, Laura! Pelo amor de Deus, cria juízo! — como se de repente minha esposa se desse conta de que eu estava ali, ela virou para mim e me deu um susto ao gritar o meu nome.  
— Maximiliano! Ajude-me a domar a sua filha! Ela está incontrolável!

Eu nem tentei me meter no meio da briga. Sabia que as duas ficariam berrando uma com a outra até o final dos tempos, e eu ainda não tinha absorvido bem a ideia de que a minha filhinha estava dormindo com um rapaz em seu quarto, que tinha deixado de ser uma criança e passara a ser uma mulher. Como eu não tinha notado isso? Em que momento o tempo havia me dado uma rasteira e levou a minha menina embora?

— Ué, mas eu não tenho só dezessete anos,  
NACIONAIS - ACHERON

como vive me dizendo? Então não tenho que ter juízo. E não mete o papai nisso, porque ele não é preconceituoso igual a você! Sou uma mulher empoderada, mãe! Não arrumo namorado pra me sustentar! Quero alguém ao meu lado para ser feliz!

— Empoderada?! Laura, pelo amor de Deus, você nem sabe o que significa essa palavra! E eu já falei que esse vagabundo não é seu namorado!

— Quem tem que decidir se ele é meu namorado ou não sou eu, mãe! Pai, fala isso pra ela! – e virou com olhos em súplica pra mim. Percebendo que eu ficaria calado, ela se voltou para a mãe novamente e continuou. — Ele é ator, mãe! Ele trabalha sim! Não é um vagabundo como pensa! Ele é artista!

— E desde quando artista é profissão, menina?!

E aquela frase foi no fundo da minha alma...

O quanto ela havia mudado? O quanto a história se repetia e Igor se parecia comigo, um jovem repleto de sonhos, capaz de achar que o mundo era o limite para sua arte? Será que se eu continuasse lutando pelos meus ideais até o fim, eu e Carina ainda estaríamos juntos? O quanto eu mudei, me abdiquei por causa de Carina e ela sequer percebeu... Mais ainda, onde estava a minha essência naquele instante?

Eu não queria tomar partido naquela discussão, mas Carina estava totalmente fora do seu estado normal. Realmente, a Laura não deveria ter dormido com o namorado em nossa casa, sem pedir permissão, mas Carina estava se exaltando e falando besteira, ferindo a todos ao seu redor. Eu bem sabia que ela era uma pessoa prática e cheia de objetivos, mas daquela vez ela tinha me atingido frontalmente.

— Ele é um vagabundo desempregado, isso

sim!

— Agora chega, Carina! — minha fala foi seguida de um silêncio sepulcral. Pelo visto ela se assustou, assim como Laura. — Não fale coisas que você possa se arrepender depois. Essa não é você, o nervosismo está te fazendo sair do rumo!

Ela notou então que tinha falado merda. Mas o nervosismo era tão grande que não poderia ou conseguiria voltar atrás. Carina nunca saía de uma discussão sem ser a vencedora, mesmo que isso lhe custasse caro. Não admitiria ser contestada na frente da nossa filha, e francamente, acho que naquele instante ela não notou que as suas acusações tinham me magoado tanto. Será que Carina tinha se esquecido que eu era um artista? Será que no momento em que eu deixei de desenhar, ela parou de me ver como uma pessoa que sentia a arte passar através de mim?

— Essa menina está sem controle,  
NACIONAIS - ACHERON

Maximiliano!

— Carina... — falei alto, para que ela colocasse a cabeça no lugar.

— Onde já se viu dormir com um artistazinho qualquer? Ela é muito jovem.

— Carina, quantos anos você dormiu com um artistazinho qualquer, hein?! É isso que pensa? Por isso, chega! – dei um berro que fez todo mundo se assustar. Segurando-me para não passar mal, abaixei o tom de voz. — Chega... Eu já falei que chega! Cala a boca agora!

Nada mais havia a ser dito. Um silêncio tomou conta do ambiente, deixando tudo ainda pior do que já estava. Era como se o tempo tivesse parado ali, na frente de todos nós. Dei um longo suspiro e me senti exausto. Todas as bombas do mundo explodiam no meu colo ao mesmo tempo. Eu não sabia mais desenhar, minha filha não era mais virgem, Carina havia se tornado uma

NACIONAIS - ACHERON

preconceituosa...

Ela ficou calada, me olhando. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e raiva. Eu não reconhecia a mulher que estava ali. Não parecia a mesma musa que eu queria desenhar de manhã, sequer a mesma mulher que eu tinha levado ao altar. Havia sumido a menina que tinha tirado a minha virgindade e me levado ao êxtase. Quem era então aquela mulher que eu não reconhecia?

— Fala, Carina! Quer dizer que nossa filha não merece um Maximiliano na vida dela?

— Max... — ela tentou tocar no meu braço, mas eu puxei com raiva. Eu estava prestes a transbordar toda a minha mágoa.

— Carina, você era como a Laura! Nada além de uma jovem, uma garota apaixonada que não media as consequências. E eu era o que, mesmo?

— Amor... — ela falou tão baixinho que

NACIONAIS - ACHERON

parecia apenas mover os lábios.

— Um artistazinho, né? Um vagabundo, um bostinha qualquer que você sustentou por anos. Por isso não deseja esse peso para a nossa filha — Carina colocou a mão no peito como se eu tivesse acabado de lhe dar uma facada. Olhei para o Igor e fui firme. — Você errou feio, garoto. Não deveria nunca ter vindo dormir na casa de uma menina de 17 anos. Isso que você fez é crime. Por isso, coloque sua roupa e vá embora. E só volte aqui quando tiver permissão — o menino saiu desesperado, com uma cara completamente assustada. — Já você, Laura — olhei firme nos olhos da minha filha. — Você não errou por namorar o Igor ou por transar com ele. Você errou por quebrar a nossa confiança. Se você tivesse me pedido, conversado... Nós sempre fomos amigos. Estou destruído porque você não confiou em mim ou me contou que estava para dar esse passo tão

NACIONAIS - ACHERON



importante na sua vida. Fique no seu quarto pensando na merda que você fez. Mais tarde conversamos.

Virei as costas e voltei para o meu quarto, cego, fugindo dali para que o meu coração não me traísse e parasse naquele mesmo instante. Carina ficou parada no corredor e escutei a porta do quarto de Laura bater com força.

Entre nós, restava um abismo pelas palavras ditas.

## CAPÍTULO 18

**MAX**

**“Quando se ama não é preciso entender o que se passa lá fora, pois tudo passa a acontecer dentro de nós.”**

**Paulo Coelho**



Alguns minutos depois Carina entrou em nosso quarto, furiosa.

— Você tinha que ter ficado do meu lado, Max! A Laura está desse jeito porque você sempre defende ela! Essa menina precisa de limites!

— De que jeito ela deve ser? Estudiosa, linda, educada e talentosa? Não está um pouco atrasada, não? Na verdade, você conhece a sua

filha?

— Tá vendo? Ela traz um homem para dentro de casa e você a defende.

— Pelo amor de Deus, Carina! Já tem dois anos que eles namoram e isso ia acontecer uma hora ou outra. E prefiro a minha filha dentro de casa do que se agarrando em qualquer lugar perigoso por aí. Eles são jovens, com os hormônios em fúria...

— Daqui a pouco ela aparece grávida!

— Laura é uma menina responsável, tenho certeza que se cuida. Seu problema não é esse e a gente bem sabe. Você não gosta desse menino porque ele é ator. Não estuda medicina ou engenharia, já que para você só isso presta, né?

— Max! Eu sempre achei o máximo você ser formado em artes plásticas!

— Achou mesmo, Carina? De verdade? O que você fez pelo fato de eu ter parado de  
NACIONAIS - ACHERON

desenhar? Confessa que você adorou quando eu me tornei professor.

— Eu estou errada em querer ter uma vida confortável, Max?

— Carina, nem tudo é dinheiro...

— Pra você é muito fácil falar! Sempre fui eu quem me preocupei com essas coisas aqui em casa, né? Pra você é tudo oba-oba! A sua vida é só desenhar e...

— Cala a boca, Carina!

— Você está me mandando calar a boca de novo, Max? Onde foi parar o respeito? Está mesmo fazendo isso?!

— Estou! Você não sabe de nada e fica falando merda! E se continuar nessa sucessão de asneiras, eu vou te deixar falando sozinha por que eu já tenho os meus dramas e não preciso ficar escutando os seus. Você não sabe de absolutamente nada!

— Eu não sei de nada? Por acaso eu não estou ao seu lado por quase toda a minha vida? Quem é que está ao seu lado, Max? Eu sei de tudo, de todos os detalhes! Eu sou a cabeça dessa casa!

— Então você sabe porque eu parei de desenhar? Você sabe o que aconteceu quinze anos atrás? Você não sabe, nunca soube ou procurou saber! Eu nunca te contei para que não sofresse! E sabe o que eu ganhei como retribuição? Uma mulher que não me olha nos olhos, que não vê quando eu sofro! Você me arruinou, Carina! Quebrou o meu coração!

E como um vômito, eu me libertei, soltei tudo o que estava em mim. Contei com riqueza de detalhes tudo o que Letícia havia feito, o que ela havia prometido e o porquê eu tinha aberto mão da minha vocação. Carina se jogou sentada em nossa cama e me olhava como se não acreditasse que eu havia jogado tudo fora por ela. Minha tristeza e dor

NACIONAIS - ACHERON

finalmente estavam expostas. Eu jogava o meu pranto preso no ar, pois não tinha mais como segurar aquilo dentro de mim.

— E para você ficar bem feliz, saiba que eu não sei mais desenhar! Eu não consigo mais! Eu sou um merda! Você fodeu com tudo, Carina! Você acabou comigo! E esse casamento pelo visto também acabou!

E sem dar tempo para que ela falasse qualquer coisa, saí desesperado. Passei no ateliê de Laura, peguei um bloco enorme, um estojo de giz de cera e fui como um louco para o meu Fiat Uno com todo aquele material.

Eu só tinha uma coisa a fazer: desenhar a minha musa. Aquela que ainda permanecia na minha imaginação, a que seria incapaz de me ferir.

Só de me salvar.



Parei em um bar qualquer e pedi uma dose de uísque. Eu nunca fui muito de beber, mas aquilo era a única coisa que cabia no momento. Com o papel na mão, eu desenhava a todo vapor, deixando vir à tona tudo aquilo que eu segurei por tantos anos. Aquele não seria um desenho qualquer, mas sim o meu desenho!

Mais doses de uísque desciam e mais eu desenhava. Tudo estava saindo de mim em jorros e mais jorros. Sabia que aquele era o melhor desenho que eu tinha feito na vida. Todos os sentimentos presos, toda a dor represada, todo amor pela minha filha, toda paixão pela minha esposa, toda a frustração da minha vida... Tudo estava ali, saindo em cores, traços, riscos e rabiscos que me consumiam a alma.

Eu estava vivo! Novamente eu desenhava.



Meu celular apitou e Carina me chamava. Queria que eu fosse para casa imediatamente. Eu a deixei sem resposta, demorei de propósito. O desenho já estava pronto, muitas doses de uísque já haviam sido consumidas, eu já trocava as pernas e falava tropegamente. E nada no mundo faria com que eu me submetesse às vontades de Carina naquele momento.

Quando cheguei em casa, horas depois, ela me esperava sentada no sofá. O mesmo em que havíamos nos amado. Mas agora o cenário era outro, pois uma mala estava ao seu lado.

— Max, sei que você e Laura não me querem mais nessa casa. Por isso estou indo embora. Nosso casamento acabou.

Eu poderia ter tentado algo, feito alguma coisa para que ela ficasse. Mas a verdade é que  
NACIONAIS - ACHERON



saber que ela estava saindo dali apenas me trazia uma sensação de alívio, como se nada no mundo pudesse ser mais correto do que ela sumir da minha frente. Eu já tinha dúvidas se queria dormir e acordar todos os dias ao lado daquela mulher que não estava mais me fazendo feliz.

E como eu disse no começo, Carina bateu a porta atrás de mim e saiu batendo o pé, sem me dar a chance de dizer alguma coisa.

## CAPÍTULO 19

**MAX**

**“Se você sabe explicar o que sente, não ama, pois o amor foge de todas as explicações possíveis.”**

**Carlos Drummond de Andrade**



Pedi um afastamento na escola. Eu não tinha como trabalhar naqueles dias. Parecia impossível demais sair de casa. Para extravasar tudo o que me assombrava, apossei-me do ateliê de Laura e passei dias e noites ali, somente desenhando. Se a minha filha não me lembrasse que eu tinha que comer, dormir ou tomar banho, eu não sairia dali. Carina não me procurou nenhum

momento e eu também não o fiz. Apenas desenhava, desenhava e desenhava. Eu tinha que colocar em dia tudo o que eu não tinha feito nos últimos quinze anos.

A separação da minha alma gêmea doía. Me consumia como se fosse um tumor, se espalhando sorrateiro pelo meu corpo. Mas aquela mulher que havia saído da minha casa, revoltada e falando merda, não era a mesma por quem eu tinha me apaixonado. Daquela rabugenta e preconceituosa eu só queria distância. Sentia falta era da minha menina, do meu infinito particular.

Assim, eu transformei toda a minha dor em arte.



Um mês se passou. O namorado de Laura praticamente morava na nossa casa. Eu não ligava,  
NACIONAIS - ACHERON

achava melhor os dois estarem ali, perto de mim, do que na rua. Nossa filha era agora uma jovem adulta e eu precisava lidar com isso. Os dois formavam um casal lindo, cheios de planos e com todo um futuro pela frente. Não seria eu, um coroa amargurado e solitário, que tiraria a paixão deles pela vida.

Carina falava com a filha todos os dias. Elas pareciam aos poucos se acertarem. Talvez essa distância fosse mesmo necessária. Mas eu não queria falar com minha esposa de jeito nenhum. E pelo visto, nem ela comigo.

A única coisa que realmente me importava naquele momento eram os meus desenhos. Quando dei por mim, eu estava com toda uma exposição completa.

— Pai — Laura entrou no ateliê e me tirou dos meus devaneios —, eu fiz o jantar. Vem comer com a gente.

— Não estou com fome agora, filha. Mais tarde eu passo na cozinha e faço um lanche.

Por um momento, ela começou a analisar as telas que eu tinha espalhado por todos os cantos, com atenção. Percebi que se empolgou com o que viu e seus olhos brilhavam. Fiquei calado, apenas observando os movimentos dela.

— Caracas, paizinho! Isso aqui está... — fiquei com medo do que ela diria. Eu não tinha feito nada daquilo para o julgamento de ninguém. A última coisa que eu precisava era que alguém falasse que os meus desenhos não prestavam. Ainda mais a minha filha. Carregava as minhas sequelas da última vez que haviam feito aquilo comigo. Prendi a respiração e interrompi Laura, antes que me destruíssem de novo.

— Filha, são apenas uns rabiscos angustiados.

— Não, pai! São obras de arte! Isso tudo

NACIONAIS - ACHERON

está maravilhoso! – e ela me abraçou, chorando. — Desculpa ter feito você e mamãe se separarem, me desculpa... — e seu pranto inundou a minha camisa.

— Laura, nunca mais diga isso. Você não é culpada de nada. Eu e sua mãe já estávamos em crise. Muita coisa aconteceu... Acho que já é hora de você saber – e contei para minha filha toda a história.

Ela me escutava, chorando ininterruptamente. Sei que naquele instante eu quebrei a imagem que ela tinha do pai perfeito, mas não liguei. Não poderia existir essa lacuna entre nós dois. Era necessário que ela soubesse que eu era apenas um cara comum, humano.

Depois de todo aquele desabafo, resolvi sair de casa, respirar. Já completava um mês que estava naquela depressão, enclausurado. Precisava ver gente. Deixei os dois jantando e fui para o barzinho NACIONAIS - ACHERON

que havia perto de casa.

Acho que não foi uma boa ideia, pois quando eu cheguei lá, Carina estava sentada, jantando. Mas não estava sozinha. Ao seu lado, cheio de sorrisos, estava o Ângelo, o ex-namorado corretor. Estava mais velho, com uma barriga protuberante e menos cabelos, mas ainda olhava para Carina com a mesma segurança e fome de sempre...

Não sei o que deu em mim, já que eu nunca tive crises de ciúmes antes. Aquilo era algo que não fazia parte da minha personalidade. Talvez tenha sido a situação, ou sei lá o quê. Mas ela estava tão linda, com aqueles cabelos sedosos e um vestido vermelho. E sorria para ele! Aquilo era o pior de tudo! O engomadinho mais idiota da face da Terra fazia a minha mulher sorrir, enquanto eu a fazia chorar. Nem pensei duas vezes. Fui direto para a mesa, e quando Carina me viu, ela tomou um susto

NACIONAIS - ACHERON

tão grande que ficou transparente.

— Boa noite, Carina! Boa noite, Ângelo. Pensei que tinha sumido, mas pelo visto me enganei... Espero que estejam fazendo uma boa refeição.

— Max... Eu vim falar com ele sobre um apartamento para alugar. Não dá para ficar na casa da Fernanda a vida toda... — dei uma gargalhada diante daquela desculpa.

— Que isso, cara... — Ângelo começou a falar comigo e aquilo fez o meu ódio subir.

— Não fala comigo, seu filho da puta! — dei um murro na mesa. Todas as pessoas do restaurante olharam para mim, mas eu os ignorei. — Não esperava isso de você, Carina. Não mesmo...

Saí feito louco e saí de carro, sem direção. Passei a noite inteira dirigindo. Determinado a acabar com aquilo de uma vez por todos, assim que

NACIONAIS - ACHERON



o dia amanheceu, peguei todos os meus desenhos e fui para o mesmo local aonde eu já havia sido rejeitado anteriormente. Aquela vaca da Letícia ia organizar a minha exposição, ah se ia... E se ela quisesse transar comigo tantos anos depois, eu estava completamente disponível.



Com o tempo, Letícia só ganhara mais prestígio no mundo da arte. A galeria, antes já tão requisitada, estava completamente diferente: tudo muito moderno, cheio de coisas tecnológicas que chamavam muito a atenção de quem por lá passasse. Assim que entrei, uma recepcionista bem novinha e muito bonita me recebeu. Disse que Letícia estava em sua sala e ia ver se ela podia me receber. Fiquei agoniado, com o coração em pulos. Eu tinha ficado acordado a noite toda, mas não

NACIONAIS - ACHERON

sentia uma gota de sono. A adrenalina corria em minhas veias e eu não sairia dali sem a exposição que eu tanto queria. Já não me importava mais o preço a pagar.

Logo a recepcionista voltou, cheia de sorrisos, e pediu que eu a acompanhasse. Quando cheguei na sala da Letícia senti um frio na barriga, um nó na garganta. Achei que eu poderia ter um treco ali mesmo. Era uma mistura de sentimentos muito grandes ao deparar com aquela que destruíra parte dos meus sonhos. Ela ainda continuava uma mulher muito bonita, mesmo já com seus mais de 60 anos. Sorriu para mim, do mesmo jeito sedutor de anos antes.

— Eu sempre me perguntei que dia você voltaria aqui, Max. Afinal, temos alguns assuntos a resolver... Só não pensei que levaria mais de uma década para isso.

Não respondi. Peguei as duas telas que eu

NACIONAIS - ACHERON

tinha levado e as coloquei na sua frente. Abri a pasta com meus desenhos e espalhei um a um em cima da mesa daquela mulher. Mal deixei que ela olhasse e fui ao seu encontro e coleí meus lábios aos dela. Beijeí-a com intensidade, com raiva, com todos os sentimentos que existiam em mim.

E esperei que meu corpo reagisse.

Mas não aconteceu nada. Eu só senti vontade de me soltar daqueles braços e voltar para Carina. Ela me afastou de si, mas não recueí. Daquela vez eu faria tudo o que tivesse de fazer.

— Calma, Max – sorriu.

— Se é isso que eu preciso para que você ganhe o meu respeito como artista, é isso que vou fazer – e me inclinei para beijá-la novamente, mas ela se afastou.

— Você ganhou o meu respeito exatamente quando não fez isso. Não me faça perdê-lo...

Ela se virou e me senti profundamente

envergonhado. Pelo visto eu tinha feito merda mais uma vez. Eu era o campeão de dar bolas fora. Mas ela começou a olhar o meu trabalho com calma. Fiquei calado e os segundos pareciam minutos. E os minutos pareciam horas. Até que finalmente ela se pronunciou:

— Agora sim você é um artista completo. Não tenho dúvidas de que conseguirei te vender em Nova York. Prepare-se, pois a sua vida irá mudar.



Passamos a tarde inteira ali. Muitos telefonemas, e-mails e contatos. As respostas foram bem mais positivas do que eu achei que pudessem ser. E no final do dia, como essas coisas que só acontecem em filmes, eu estava assinando um contrato. E no dia seguinte uma bolada muito maior do que eu já achei que pudesse ver um dia na minha

vida foi depositada na minha conta.

Literalmente, do dia para a noite, eu me tornei um homem rico.



Não contei nada para ninguém. Eu sabia que se eu contasse para a Laura ela acabaria contando para Carina e não queria que ela soubesse. Eu ainda estava muito magoado. Passamos um mês organizando a turnê. Minhas obras passariam pelos Estados Unidos, França, Alemanha, Holanda e, obviamente, pelo Brasil. Letícia havia me colocado no top mundial das artes visuais. De repente me vi conversando com assessoria de imprensa, que me tornariam uma referência em questão de meses. Eu nem desconfiava como essas coisas funcionavam e me deixei levar pela onda. Estava feliz demais para

discutir.

Pedi demissão da escola, avisei para Laura que eu me ausentaria. Minha filha não entendeu nada. Apenas disse a ela que precisava daquele meu tempo e ela respeitou.

Acho que foi o mês mais louco da minha vida.

Mas uma coisa não tinha mudado: eu sentia tanta saudade da Carina que meu peito chegava a doer. Eu queria muito contar a ela tudo o que estava acontecendo, que tudo tinha dado certo, que as coisas agora tinham voltado a ser do jeito que deveriam e que deveríamos voltar a ser felizes. Só que eu me lembrava dela naquela mesa com o Ângelo e o ódio me consumia. Tinha esperado por todo aquele tempo que ela me dissesse que nada havia acontecido, mas ela tinha ficado calada, não tinha me procurado, nada...

E era ela em todos aqueles quadros. A  
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

minha musa, a mulher mais linda do mundo, o  
amor da minha vida.

O meu infinito particular...

NACIONAIS - ACHERON

## CAPÍTULO 20

MAX

*“E que a minha loucura seja perdoada.  
Porque metade de mim é amor e a outra metade  
também.”*

Oswaldo Montenegro



— Max, precisamos conversar – Carina foi seca comigo ao telefone e marcamos na nossa casa. Por mais que ela não morasse mais lá, a presença dela naquele lar estava em cada detalhe, em cada objeto de decoração, em cada cantinho.

Apenas concordei. Pedi para que Laura saísse aquele dia. Quando contei a ela que a mãe dela estava indo lá, sua resposta me deixou



desarmado.

— Por favor, façam as pazes. Se vocês se separarem de verdade nunca mais eu acreditarei no amor. Vocês são a representação desse sentimento real para mim. Por favor, pai. Vocês não podem viver longe um do outro.

Arrumei a sala do jeito que ela gostava, comprei um vinho, fiz a barba, coloquei a colônia que ela sempre gostou. A saudade me matava.

Ela tocou a campainha. Aquilo era horrível, ela se anunciar para entrar na nossa casa! Eu precisava mudar aquele quadro. Abri a porta e não soube como cumprimentá-la. Ela também ficou sem jeito. Sentamo-nos.

— Quer um vinho? – ofereci.

— Sim, por favor – servi as taças e ficamos nos olhando.

— Max, eu... — ela respirou fundo e continuou. — Eu procurei um advogado para  
NACIONAIS - ACHERON

resolver o nosso divórcio. Vamos estipular um valor da pensão que eu vou pagar para Laura, já que ela certamente continuará morando com você, e minha proposta é que a gente passe o apartamento para o nome dela, assim não precisamos dividir nada...

E ela continuou falando de forma prática, objetiva e certa, como sempre foi. Eu achando que íamos fazer as pazes e ela ali, me propondo o divórcio. Aquilo não poderia ser real, de forma alguma! As coisas não eram assim.

— E o advogado disse que tudo ficará resolvido em menos de dois meses... — ela continuava.

— Carina, eu te amo — disse, a interrompendo.

— Max...

— Carina, eu te amo mais que tudo. Você é o meu infinito particular e eu não posso viver sem  
NACIONAIS - ACHERON

você. Minha vida só faz sentido junto com a sua. Eu te amo muito, eu te amo sempre, eu te amo o tempo todo. Eu amo cada curva do seu corpo, eu amo cada fio do seu cabelo. Eu amo o seu jeito de falar, eu amo o seu jeito de andar. Eu amo acordar com você todas as manhãs e eu amo dormir com você todas as noites. Eu amo o seu mau humor, eu amo a sua inteligência, eu amo o seu ciúmes. Eu até beijei outra mulher, Carina... E tive certeza que só os seus lábios são feitos para mim. Eu quis matar aquela almofadinha que estava do seu lado.

— Max, não aconteceu nada...

— Carina, não me interessa se aconteceu ou não. Eu preciso de você. Eu amo você. Sem você, qual o sentido de ficar vivo?

E ela veio correndo e se jogou em meus braços. Carina chorava muito e me beijava. Me beijava como se nunca mais pudesse fazer outra coisa. Novamente nós dois éramos um, e nossa vida

entraria nos eixos.

— Max, eu achei que ia morrer longe de você. Eu te proíbo de ficar longe de mim de novo...

— Nunca mais eu ficarei, eu juro. Nunca mais!

E nos amamos a noite inteira, como nunca deveríamos ter deixado de fazer.



A turnê durou um ano. Carina pediu afastamento do trabalho e foi comigo. Laura e Igor foram conosco. Passamos um ano unidos, felizes, conhecendo o mundo.

Só que a vida não é feita de finais felizes. Logo eu percebi que tinha algo acontecendo comigo, que minha saúde estava debilitada. Ficava desorientado algumas vezes, perdia a noção, sequer me reconhecia. Mas parava, respirava e seguia

adiante. Não quis estragar o nosso momento. Talvez, no fundo, eu percebesse que aquele fosse o último ano que realmente passaríamos juntos, inteiros, sãos e unidos.



— Pai, Mãe, preciso falar com vocês — ela tinha acabado de completar 19 anos, e entrado na faculdade de Artes Plásticas, para o meu orgulho.

— Diga, meu amor — respondi despreocupado.

— Não vou enrolar, ok? Prefiro ir direto ao ponto. Estou grávida e vocês serão avós.

— Laura! — Carina deu um berro. — Não pode ser! Não agora, meu Deus do céu! Tinha de ser justamente agora? Justamente agora? — minha esposa parecia louca, andando de um lado para o outro. — Como vamos conseguir lidar com isso?

— Mãe, eu prometo que isso não vai atrapalhar a minha faculdade, eu...

Fiquei apenas olhando, perdido entre o espanto e o deslumbramento. Como assim, eu seria avô?!

— Laura, não é isso... É que... — Carina olhou para nós e soltou a bomba. — Eu também estou grávida.

Senti o mundo girar! Eu seria novamente pai e avô ao mesmo tempo.

— Pai?

— Max!

Consegui colocar um sorriso no rosto antes de tudo apagar à minha volta.

PERIGOSAS

# **SOMOS FELIZES PARA SEMPRE?**



Por Danilo Barbosa

NACIONAIS - ACHERON

## CAPÍTULO 21

### CARINA

*“A infância é a idade das interrogações, a juventude a das afirmações, a velhice a das negações.”*

**Paolo Mantegazza**



— Mãe, deixe de ser teimosa! Você não é mais aquela mulher que achava que podia controlar o mundo. Não tem nem mais idade ou estrutura para isso...

Encarei Laura com raiva, até com certa mágoa, mas me contive na resposta. Ao contrário dela, aprendi que se ficarmos discutindo não iremos



a lugar algum. Parei de falar por um momento e a encarei. Olhei para Laura, aquela que peguei nos braços, discuti e beijei tantas vezes, uma mulher adulta e bem-resolvida diante de mim, me encarando disposta a lutar com unhas e dentes pelo seu ponto de vista, e senti naquele instante um orgulho enorme pela minha filha ser aquela pessoa maravilhosa. Eu até comecei a sorrir, mas hesitei, pois sabia que aquele não era o melhor momento.

Apesar das dificuldades, Max e eu fizemos um bom trabalho, ajudando-a a ser tornar uma boa pessoa, o que havia de melhor em nós. Mas naquele exato instante, uma lembrança me veio à cabeça: ela e eu, discutindo no corredor, com Igor enrolado em uma toalha, e eu destilando as minhas razões, sem me importar com as consequências. É estranho que, quando a velhice nos dá as boas-vindas, nossos filhos se acham no direito de inverter os papéis.

Ergui o corpo no sofá e me debrucei em direção à Laura. Olhei seu cabelo curto e despenteado pelas emoções, alguns fios brancos em meios aos castanhos, as roupas ainda escuras, apesar de muito mais elegantes, e os olhos brilhando, transbordando de emoções não ditas. Igor estava sentado ao seu lado, sem emitir uma palavra, pois aprendeu com o tempo que não devia se meter em uma briga entre nós duas. Os dois, ao contrário do que pensava, conseguiram alcançar o sucesso que desejavam, juntos. O talento de Laura para esculpir acabou levando-a para trás das câmeras e holofotes, construindo cenários para novelas, filmes e peças de teatro. Nunca imaginaria que a pequena que tinha um estúdio em nosso antigo apartamento poderia moldar fachadas grandiosas das mais diferentes épocas. Igor, então, conseguiu o seu intento. Começou com pequenas peças, pontas em séries, até que conseguiu construir

NACIONAIS - ACHERON

uma carreira sólida. Em mais de 20 anos de carreira, ele se aventurou em dirigir o seu primeiro longa, e vinha sendo bem elogiado pela crítica.

— Filha... – tentei começar, mas ela me interrompeu.

— Mãe, não adianta vir com quinhentos mil argumentos. Você não vai dar conta de cuidar do papai. A coisa vai piorar cada vez mais...

— Eu tenho você e chamo, se precisar. Também tenho o Luiz...

Laura solta um riso nervoso, um tanto quanto cético. Se jogou no sofá como se eu houvesse dito algo cômico.

— O Luiz, mãe?! Meu irmão não dá conta de cuidar nem dele mesmo...

— Não é assim, Laura. E você sabe disso.

— Mãe, como acha que o Luiz vai lidar com o papai? Alguém como ele, que tem a vida toda controlada, que sempre encheu a sua casa de  
NACIONAIS - ACHERON

listas e regras, como vai conviver com uma pessoa que cada dia acorda de um jeito, um homem que uma hora não vai nem saber o seu próprio nome?! Alguém que um dia vai esquecer quem é a sua própria família? — as últimas frases de Laura se tornam um choro incontido, cheio de dor, medo e culpa. Sentimentos que não poderíamos simplesmente pedir que desaparecessem pairavam ali, entre nós, dispostos a nos ferir.

Igor tentou consolá-la, mas foi em vão. Levantei e me aninhei ao seu lado. Ela se encaixou em meu peito como a menininha que um dia foi e chorou, livre das armaduras, despida de forças. Eu a ninei, meu peito úmido pela dor da minha filha, e esperei que o sofrimento diminuísse um pouco.

— Igor, me faz um favor? — ele assentiu. — Luiz e Dayane estão com Max sentados na praça do condomínio... Veja se está tudo bem com eles, por favor?

O meu genro sabia que precisávamos daquele momento, e saiu sem fazer barulho.

— Laura, você se lembra quando, há muito tempo, você me confessou que seu pai e eu éramos seu exemplo de história de amor? Foi a única vez que nos separamos, e você me falava isso todas as vezes no telefone. Dizia que nunca deveríamos nos separar... — senti a cabeça dela se mexer em concordância. — O que eu te respondia?

— Que tudo daria certo, que mesmo que nos separássemos, os dois se amariam, mas de uma forma diferente...

— Mas que se voltássemos?

— Você nunca mais sairia do lado dele.

— Então, minha filha, porque acha que eu farei isso agora?

Ela respirou fundo e enxugou os olhos. Me fitou e entendeu, por fim, o tamanho do meu amor por Max, o homem que eu passei quase a vida toda

NACIONAIS - ACHERON

ao lado, alguém capaz de transformar o meu corpo e prazer em cor, eternizado em tinta e tela. Um homem tão especial que não foi capaz de conter os seus sentimentos e lembranças dentro de si, e deixou-os correr pelo mundo afora para inspirar os sonhadores. Pena que eles não sabem o caminho de volta.

Max, o meu Max... O homem que agora está doente, fazendo com que as suas mais belas e tristes memórias se tornem pó.

O homem da minha vida.

O meu amor que ousou começar a morrer sem que eu deixasse.



Sentada diante da minha filha mais velha, em mais um momento que as decisões escapavam pelos meus dedos, deixei que a memória me

tomasse, mostrando tudo que eu e Max vivemos até ali. Fomos jovens sonhadores, pais hesitantes, deixamos que os nossos caminhos se perdessem por um momento, mas acabamos nos reconhecendo antes que fosse tarde demais. Nos dias que a vida nos proporcionava, tivemos tantas coisas para resolvermos, para construirmos, que muito se passou despercebido. Até os possíveis sintomas ou predisposições da doença que atingiria o meu marido, já que a vida de Max, literalmente, começou aos 45, quando Letícia Molin – que eu chamava carinhosamente de ordinária – resolveu apostar no potencial dele. E foi naquele mesmo período que a minha vida se reiniciou. Não abdiquei de mim, pelo contrário, resolvi deixar as coisas fluírem. Por isso tirei um ano sabático, acompanhando Max em suas exposições pelo mundo, junto com Laura e Igor – aprendendo assim a conviver com o “namorado” da minha filha. A

NACIONAIS - ACHERON

cada país que passávamos, eu tentava estudar os projetos arquitetônicos do lugar. Saía às ruas, comprava livros sobre o assunto e me inscrevia em cursos rápidos voltados para engenheiros, transformando assim aquela viagem em uma busca por me aprimorar. Inspirava-me naqueles lugares, me inspirando em Max para transformar também a minha profissão em arte.

Durante essas andanças, uma nova ideia surgiu na minha mente, algo que permitiria que eu trabalhasse com aquilo que eu gostava sob um prisma inédito, talvez tocada pela arte de Max. Estava determinada: não queria colocar em risco a minha vida pessoal, jogá-la descarga abaixo, trabalhando como uma louca em algo que não fosse meu. Talvez finalmente eu estivesse disposta a deixar o meu controle de lado – o que eu duvidava muito – e aceitasse que uma faísca da luz vinda do meu marido tenha se espalhado sobre mim,

NACIONAIS - ACHERON



causando uma mudança gradual no meu novo modo de ver o mundo.

Assim, voltei ao Brasil disposta a abrir o meu próprio escritório de engenharia, para criar com uma equipe lugares cheios de cores e beleza, mas confortáveis, a preços atrativos. O meu objetivo era trazer as pessoas de confiança que tinha ao redor no escritório e fazer algo novo, com a minha cara. Me coloquei a pensar onde estava aquela garota que queria dominar o mundo. Onde ela se perdeu? Entre horas intermináveis de trabalho e autoafirmação, nas vezes que achou que carregava o mundo nas costas? Ou fiquei tanto tempo centrada naquilo que achava certo que a deixei perdida em algum canto, jogada no meio do caminho?

O que importava era que vi, finalmente, a chance de dar um *up* na minha vida, reiniciar com os valores que se perderam no caminho. Mas tive

NACIONAIS - ACHERON

que fazer uma pequena pausa, quando aos 46 anos, descobri que estava grávida.

E para piorar, junto com a minha filha.

Assim toda a minha racionalidade foi para o espaço. Eu, que deveria estar me preparando para ser avó, vivi a maternidade junto com Laura. Foi algo que nunca pensei, mas que nos uniu de uma forma única. Precisamos compartilhar da maternidade para que nos entendêssemos como mulheres. Mais do que mãe e filha, nos tornamos cúmplices, construindo assim um laço que perdurou pelos anos.

Dayane, minha neta, nasceu primeiro. E enquanto eu via a minha neta pelo vidro do hospital, entrei em trabalho de parto. E assim nasceu o Luiz. Meu menino maravilhoso, que fez toda a minha vida virar de ponta cabeça mais uma vez.



— Foi minha culpa, doutor? – perguntei, segurando o meu pequeno no colo como se quisesse protegê-lo do mundo. Ele olhava o ambiente, todo sério e atento, um adulto em miniatura. No começo eu pensei que ele era apenas um menino tímido e sério demais. Luiz nunca sorrira como as outras crianças e nem sequer era sociável. Revistas e livros pareciam encantá-lo. Passava horas com os olhos espantados, correndo o dedo pelas letras, como se mal esperasse crescer para desvendá-las. Eu sempre respeitei o espaço dele, mas as comparações entre ele e Dayane foram se tornando cada vez mais evidentes. Até que Max e eu decidimos levá-lo ao pediatra.

Após uma série de exames, chegamos ao veredito: *Síndrome de Asperger*.

— Calma, amor. Vamos ver o que o doutor

tem a dizer.... – Max apertou as minhas mãos, que estavam frias.

— O que conseguimos descobrir até agora é que o espectro de *Asperger* é gerado através de um conjunto de fatores neurobiológicos que atingem o desenvolvimento cerebral. E é nessa fase, entre os 3 e 4 anos, que os sintomas se tornam mais evidentes.

— E o que ela causa? – pensei imediatamente nas piores histórias possíveis.

— Nada que prejudicará o seu filho, como pensa, Carina. Já tivemos muitas pessoas conhecidas pela mídia com a síndrome. Ele terá limitações no convívio social, é um fato, além de não conseguir expressar e entender suas reações emocionais de forma natural. Ele terá de associar a emoção à reação esperada. Outra coisa interessante é que as pessoas com *Asperger* não conseguem lidar com situações abstratas. Com eles é tudo ao pé da letra, preto no branco, sem margem para

NACIONAIS - ACHERON

interpretações.

— O importante é como ele será amado. Se vai conseguir demonstrar ou não, Doutor, pouco me importa. O coração sempre encontra o seu jeito – Max comentou, colocando a pequena mão entre as suas. O pequeno deixou que o pai o tocasse, mas não o encarou. — O que puder nos dar de informações, pode passar.

— O que mais posso lhes adiantar? Eles não são muito de fazer contato visual e quando demonstram interesse por algo, é com uma obsessão quase compulsiva – nessa hora me lembrei a forma com que olhava as letras de forma ininterrupta. — Mas possuem um senso de organização e ordem impecáveis, além de uma inteligência extraordinária. Como ele ainda é criança, os colocarei em contato com profissionais que irão ajudá-los a promover as potencialidades do Luiz. Ele poderá ter uma vida normal, desde que

NACIONAIS - ACHERON

sua rotina diária seja coerente e imutável. Para a pessoa com espectro de *Asperger*, qualquer situação inusitada pode lhe causar crises de ansiedade.

— Pelo menos teremos um homem que obedecerá as suas regras em casa, Carina – Max brincou, procurando me descontraír. Esbocei um sorriso.

— Não se preocupem. Ele será um grande homem – o médico finalizou.

E ele não mentiu. Tivemos uma série de contratempos para nos adaptarmos a vida ao lado de Luiz, mas no final, tudo deu certo. Sua obsessão por letras persistiu de tal forma, que sua inteligência se voltou para linguística. Ficava horas dissecando estruturas das palavras, suas origens, raízes e divisões. Transformava a palavra em fórmula analítica e conseguiu, para o nosso orgulho, ser professor em uma das maiores NACIONAIS - ACHERON

faculdades da região.

A pessoa que mais conseguia se aproximar dele era Dayane, que o tratava como um irmão, de um jeito todo especial. Luiz também era o único que a escutava sem criticá-la, mesmo que não entendesse os seus arroubos. Parecia que a minha neta juntou em si o empoderamento das duas gerações e multiplicou. Inteligente, paciente e impulsiva, continha a sua língua ferina perto de Luiz. Parecia não ter freios em certos momentos, mas era suave em outros. Uma mulher única e cheia de facetas, como todas nós.

Nesse tempo eu consegui montar o meu escritório e as coisas começaram a engrenar. Com muito trabalho, é claro, mas me vigiava constantemente para que a família não deixasse de ser a minha prioridade. E, para a minha felicidade, o que começou com uma portinha, cheia de sonhos e ideais, tornou-se uma rede de escritórios, com

NACIONAIS - ACHERON

contratos por todo o país. Ajudei a transformar os sonhos das pessoas em realidade. Inclusive, a casa que eu morava, em um condomínio fechado, tinha sido idealizada por mim, com total aprovação do Max, já que ele odiava *viver como passarinho*, como insistia em dizer.

E assim eu cheguei à terceira idade. Os cabelos ficaram brancos, as rugas me assomaram a fase, mas estava satisfeita. Porque, por maiores que tenham sido os contratempos, havíamos nos saído bem. E eu viveria, no consolo dos braços de Max, cercada de felicidade e tranquilidade.

Mas as sombras que cobririam o meu sol estavam presentes, prontos para calar aquele que me chamava de seu *Infinito Particular*. Max sempre foi um homem tranquilo, desligado, devido à sua alma de artista. Por isso os sintomas iniciais passaram despercebidos. Até o dia do aniversário de nosso casamento.



PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

## CAPÍTULO 22

### CARINA

*“Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarinho.”*

**Mario Quintana**



Existem dias que ficam marcados em nossa memória pela felicidade. São como lampejos de luz que refletem em nossos olhos, uma chuva de fogos emocional que nos toma, nos embarga a voz e faz com que voltemos a parecer crianças tolas, cegas de encantamento. Mas algumas vezes, em raras e tristes ocasiões, essa alegria passa a ser breve, fazendo com que o som das nossas gargalhadas se transforme em dissabor, em uma tristeza sem culpados, no começo das despedidas.

Fazer uma nova cerimônia de casamento para comemorar os nossos quarenta anos juntos foi ideia do Max, junto com Dayane, nossa neta. Pois é, havia se passado quatro décadas, entre minutos, horas e dias que pareciam curtos demais diante dos momentos felizes que tivemos juntos. Foram inúmeras as vezes que amanheci com o meu rosto no peito de Max, ele a acariciar os meus cabelos, ou quando, após o sexo, saciados, ficávamos olhando um para o outro até que o sono viesse nos buscar. Ah, quantas vezes eu o ouvi dizer que me ama... Vimos juntos os cabelos branquearem, os pelos caírem, o corpo se modificar e perder a firmeza anterior. Mas o desejo dele por mim – e vice-versa – nunca diminuiu. Mesmo ambos passando dos 60 anos, nossos corpos se descobriam em novos ângulos sob os lençóis, com a intimidade de quem encontrou um no outro o seu lar.

— Gente, vocês não acham a ideia meio

absurda? — tentei argumentar. Max sorria, parecendo tão jovem quanto a minha neta.

— Dona Carina, larga de ser chata. O vovô tá todo animado!

— Isso mesmo, meu amor. Se temos disposição para pintar o nosso quadro todas as noites, igual quando éramos novinhos — ele disse no meu ouvido, me deixando vermelha —, por que não fazer uma outra cerimônia? Só a família, na beira da praia, ao som da nossa música?

— *Meu infinito particular...* — Dayane começou, revirando os olhos, relembrando a música que entre nós dois nunca saiu de moda. Luiz entrou na cozinha, concentrado, e pegou um copo d'água. — O que você acha disso, Luiz? — ela já foi chamando a atenção do seu tio que mais parecia um irmão.

— Se eu souber a questão, talvez eu possa te responder — Luiz sempre categórico. Dayane riu

NACIONAIS - ACHERON

e meu filho a encarou, sorrindo de volta de forma mecânica. Lembrei-me de quando ele tinha uns nove anos e colávamos em um grande espelho do seu quarto vários *emoticons*, com as mais diversas expressões. Assim, fazíamos com que Luiz associasse as reações humanas e como poderia corresponder a aquilo. No começo, as professoras diziam que os amiguinhos na sala de aula se afastavam cada vez que correspondia a um sorriso, mas aos poucos Luiz se ajustou a isso, com a sua maneira prática de sempre.

— Eu e o vô Max estamos tentando convencer a vó a se casar de novo, do mesmo jeito que fizeram quarenta anos atrás. A gente acha lindo, mas a dona Carina fica achando que é besteira... — ela me encarou, fazendo um bico de reprovação. — O que você acha?

— Primeiro, não é possível reproduzir um casamento que aconteceu há 40 anos. A maioria das

NACIONAIS - ACHERON

peessoas que esteve lá ou está velho demais ou já morreu. E você não poderia ir, por exemplo...

— Ai, Luiz... Não é a mesma cerimônia. Um novo casamento para comemorar o outro, que aconteceu lá atrás.

Ele a olhou, sem mudar a feição, como se aquilo continuasse não tendo razão para acontecer. Eu segurei o riso com as reações de Dayane diante da impassividade de Luiz.

— Tudo bem... E qual a necessidade disso?

Antes que eu comesse a gargalhar, Maximiliano me pegou pela cintura e me levou para o quintal. Estrela, a nossa cadela, uma *border collie* branca e marrom, veio nos rodear, o rabo abanando desenfreado. Max estendeu os braços e deixou que ela pulasse nele, fazendo festa. De braços cruzados, eu sorria, um passo atrás, encantada com aquela cena. Max tinha dentro de si uma criança sempre desperta, pronta para ver o

NACIONAIS - ACHERON

mundo como um milagre. E isso era uma das coisas que eu sempre amaria nele.

Tentei voltar a minha seriedade habitual ao comentar:

— Não vou conseguir fazer você mudar de ideia, né?

— Do quê, Carina? Nem estou pensando em nada...

— Você sabe do que estou falando, Maximiliano...

Ele largou Estrela por um momento e antes que eu começasse a argumentar contra a sua mais recente e maluca ideia, ele me abraçou bem forte. E para impedir que eu reclamasse, Max me beijou, e o resto do mundo perdeu o sentido diante das sensações maravilhosas que ele me proporcionava. Os lábios se desgrudaram depois de alguns instantes e eu suspirei, desejando que tivesse o mesmo fôlego da juventude.

— Você sempre joga sujo para me convencer, Max... Não é justo — comentei, emburrada, a cabeça em seu peito, mergulhada no cheiro cítrico do perfume.

— Carina, eu te amo o suficiente para umas três vidas. Só quero que todo mundo saiba disso... Qual é o problema? Em um mundo com tantas tristezas, porque não celebrar a vida com um pouco de amor?

— Porque, para mim, isso já existe, meu velho... Mesmo durante os piores momentos, nunca deixamos o amor se afastar de nós...

— Meu velho? — Max riu, e o peito vibrou. Eu só o acompanhei e o mundo pareceu se tornar um pouco mais colorido. — Já chegamos nesse ponto, meu amor?

— Já não somos mais mocinhos, né? O que deseja, que te chame de meu menino? — fingi uma indignação que durou poucos minutos. Ele me

NACIONAIS - ACHERON



pegou entre os braços e girou-me, as pernas no ar, bem devagarzinho. Eu gritei, entre surpresa e extasiada, os grampos se desprendendo e soltando os meus cabelos, as mechas prateadas dançando ao sabor do vento, perdendo aos poucos o medo de cair. Sabia que o corpo não era mais tão flexível, as dores muitas vezes me povoavam diante da jornada intensa de trabalho que eu não queria diminuir, mas sempre soube que podia me apoiar em Max. Ele sempre seria a minha constante.

Ele me colocou no chão da forma mais delicada possível. Abaixou-se e colocou as mãos no joelho, para tomar fôlego.

— Vai, meninão... Ainda pensa que tem o mesmo pique de antes?

Ele parou, pensativo, por um momento. O rosto vermelho e suado parecia impassível. Fiquei esperando uma brincadeira dele, alguma reação, mas nada veio. Fitei os seus olhos e algo ali me

NACIONAIS - ACHERON

pareceu desconexo, longe, como se dentro dele alguma coisa houvesse desligado.

Aquilo não era um simples devaneio ou como se estivesse tentando se lembrar de algum fato. Max sempre foi esquecido. Deixava as chaves e carteira em casa com uma frequência gigantesca. Esquecia compromissos ou entrevistas como se fosse rotina, tanto que Fernanda, que acabou assumindo os negócios de Letícia depois que ela morreu, mandava sua secretária lembrá-lo dos compromissos, inclusive no próprio dia do evento. Mas daquela vez algo parecia atípico. Era como se faltasse ali a fagulha que normalmente eu via nele. Era como se o meu marido não estivesse ali, saído do seu corpo de repente.

— Max? Meu amor, está tudo bem? —  
toquei em seu ombro. Por um momento ele me olhou, espantado, como se não reconhecesse nada à sua volta. Após alguns segundos que pareceram  
NACIONAIS - ACHERON

horas Max suspirou, por fim, e meu peito se contorceu em expectativa.

— Porque não estaria, amor da minha vida inteira?

— Você me assustou, seu bobo! – nem percebi que tinha deixado de respirar.

— Não entendo o motivo disso... Mas a senhora pensa que me engana, *minha mocinha* – senti o sarcasmo no final da frase dele. — Casa comigo de novo?

Eu só confirmei com a cabeça. E vi os seus olhos se encherem de lágrimas.

De repente, ele saiu dali o mais rápido que os joelhos dele permitiam, em direção à sala. O acompanhei, estranhando aquele rompante. Ao chegar no cômodo, percebi que todos pararam para nos olhar, na expectativa.

— Quer dizer que todos estavam tramando pelas minhas costas? – comecei a bater o pé direito

no chão, encarando um a um.

Laura tentava segurar a risada ao ver a chegada do pai, todo feliz. Igor, que estava conversando com Fernanda, parou a frase no meio. Luiz permanecia indiferente, sentado na mesa, organizando alguns dos meus documentos particulares. Como na vida dele a rotina era algo imprescindível, fizesse chuva ou sol, todos almoçavam na nossa casa aos domingos, salvo raras exceções. Assim conseguíamos manter o nosso filho no maior contato familiar possível, e eu dava a desculpa de que ele precisava nos ajudar a organizar a vida, documentos, contas e contratos, que Luiz fazia com o maior prazer. Nunca permiti que o meu filho se sentisse diferente.

Foi Dayane quem quebrou o silêncio:

— E aí, vô? Ela aceitou?

— Consegui convencê-la a fazer essa loucura mais uma vez – ele comentou, como se

NACIONAIS - ACHERON

tivesse sido a mais árdua das batalhas.

Todos bateram palmas e começaram a rir, iniciando os planos da festividade como se aquilo fosse um grande evento. E talvez tenha sido, um dos últimos momentos em que todos estiveram unidos, em gestos e pensamentos.



— Fernanda, eu devo ser louca... Só pode. Por que eu quis passar por essa ansiedade toda de novo? — estava sentada no carro alugado, arrumando o vestido longo creme, ajeitando a guirlanda de flores que Laura insistira em colocar na minha cabeça. Aqueles foram dias doidos, toda a família colocando em prática as ideias loucas que Dayane e Max queriam para o *nosso novo casamento*, segundo o meu marido. Alugaram uma casa de frente para o mar, enfeitaram tudo com

NACIONAIS - ACHERON

flores, arrumaram um sacerdote e tinha até um quarteto de cordas para nos receber. Estaríamos cercados dos amigos mais próximos e familiares, em um ambiente tranquilo e acolhedor.

Até aí tudo bem. O duro eram as sucessivas chamadas de vídeo deles durante o dia, para pedir a minha opinião nas questões mais bobas, como tipo de doce ou cor das flores a comprar. Quantas vezes estava em uma reunião importante e minha neta tocava insistentemente, só para fazer uma pergunta tola, que podia esperar um pouquinho? Algumas vezes pedia licença, morrendo de vergonha e atendia a videochamada, com uma cara nada agradável. Naquelas horas, Dayane, nada boba, colocava meu marido na câmera, que já me rendia ao dizer.

— É só mais essa vez, meu amor... Lembra que essa é sua última oportunidade de casar comigo — e eu respirava para tentar me acalmar. Quando

NACIONAIS - ACHERON

alcançamos a velhice, começamos a brincar sobre a morte. Sabemos que estamos no inverno de nossas vidas e que, no caminho a seguir, onde as lembranças são maiores do que o que está por vir, o final chegará. Mas, por mais que tentemos ter intimidade com a ausência que o outro deixará, nunca estamos prontos para isso.

— Tudo bem, Max. Pode falar... Mas rapidinho, que estou em uma reunião.

E toda essa correria me levou àquele momento. Cheguei com Fernanda ao meu novo casamento com o velho marido. Parecia até uma daquelas comédias antigas dos anos 80, de quando as pessoas ainda viam televisão.

— Só se for louca de amor, minha amiga – Fernanda brincou. Depois de tanto tempo, minha amiga continuava divertida e sem papas na língua. Tanto que ela e Day-Day – assim que chamávamos minha neta em casa – quando estavam juntas, só

NACIONAIS - ACHERON

saíam risadas e palavrões. Ela se deu bem no mundo das artes, sua paixão desde a faculdade. Casou-se uma vez, ficou viúva. Yuri cresceu e se tornou um grande publicitário. Tinha um relacionamento lindo com Vinícius, um jornalista. Juntos adotaram uma linda garota, a Marcinha, já uma jovem adulta e determinada, iniciando a sua carreira de escritora. Fernanda tornou-se sua fã número 1. Pensei que ela nunca mais entregaria o coração para alguém, a não ser as artes, mas a vida tem um jeito às vezes inusitado de seguir com as coisas, pois um dia ela apareceu em nossa casa de mãos dadas com o sem vergonha do Danilo. E não é que ela conseguiu colocá-lo nos eixos? Estão juntos há 15 anos, cada um morando em sua casa, é claro. Segundo ela, *para não perder o encanto, pois não há nada mais chato que lavar cueca de marido e vê-lo no banheiro, com bafo e descabelado toda manhã*. Quanto ao fato dela seguir com os serviços

NACIONAIS - ACHERON



de curadoria de sua ex-patroa, foi outra surpresa. Fernanda e ela foram rivais não declaradas durante muito tempo, por isso a surpresa quanto ao testamento. Ela deixou bem claro que *Fernanda era a única que tinha peito para enfrentá-la; portanto, era alguém a quem podia confiar o seu legado*. Ela morreu sozinha, sem deixar herdeiros, o que sempre me pareceu triste.

— Louca de amor eu sempre fui, Fernanda — confessei e ela concordou, não sem antes dar uma das suas.

— Esse homem deve ser um fenômeno. Depois de tanto tempo, filhos, menopausa, peitos caídos e pentelhos brancos, ainda diz que te ama, te quer e te pede em casamento de novo... Onde a gente acha isso?

— Não vem achar que ele também não mudou não — entrei na brincadeira.

— Mas tenho certeza de que o essencial não

fica caído – Fernanda começou a rir antes mesmo de terminar de falar, ao me ver começar a ficar vermelha. Os pensamentos que me vieram ao pensar nisso não me ajudaram a contra-argumentá-la. Caímos ambas na gargalhada.

— Vamos começar o espetáculo, Fer – dei uma última ajeitada nas coisas antes de descer.

— Vou avisar o Yuri por mensagem para o pessoal se preparar para a entrada da noiva – eu não escondia mais a emoção, tomada pela alegria do momento. Ela digitou a mensagem em poucos minutos e me ajudou a descer do banco de trás do carro.

Assim que fiquei de pé do lado de fora, Yuri se aproximou, parecendo muito preocupado. Meu sorriso congelou, estático no rosto. Um sexto sentido que dizia para que eu me preparasse, pois algo sombrio estava vindo.

— O que foi, Yuri? – Fernanda foi ao seu

NACIONAIS - ACHERON

encontro, mas não esperei pela resposta. Sabia lidar com situações práticas, esse clima de ansiedade e tato não combinava comigo.

— É que o tio Max ainda não chegou...

Será que a história do meu casamento ia mesmo se repetir passo a passo e meu marido resolvera me fazer essa última piada? Tentei rir e contei a minha suspeita para Fernanda.

— Será? Vou ligar para o Danilo agora. Se esses dois aprontaram isso, vou deixá-lo de castigo uma semana. Nada de sexo!

— Mãe, eu ainda estou aqui – Yuri nos olhou, sem graça.

— E já não é mais um menino há algum tempo!

— Mas ainda sou o seu filho!

— Psiu – ela o interrompeu assim que Danilo atendeu a ligação. — Danilo, que porra vocês estão fazendo?! Os velhotes resolveram  
NACIONAIS - ACHERON

badalar antes do casório? — ela passou a ouvi-lo em seguida e o rosto dela mudou aos poucos. Fernanda foi ficando pálida, hesitante, e me estendeu o telefone em poucos minutos, vendo o meu olhar de desespero.

— E... Ele precisa falar com você... — conseguiu explicar, em um murmúrio.

Peguei o aparelho como se ele tivesse pegando fogo, como se uma sentença de morte estivesse sob as nossas cabeças.

— Alô? — disse, sem saber o que me esperava do outro lado.

— Peraí — ouvi o celular passar de mãos.

— Carina? — Max me perguntou, com certa indecisão. A voz era do meu marido, mas a hesitação era estranha para mim.

— Oi, amor. O que aconteceu?

— Onde você está? Tem um homem aqui que nunca vi na vida querendo me levar para o meu

casamento. Mas eu disse que já sou casado! O que ele está querendo? Não sei que carro é esse ou onde estou. Estou perdido! Não vou para lugar nenhum com ele... Vem me encontrar, meu amor... – e ele começou a chorar, perdido em uma grande confusão mental.

Ao ouvir aquilo eu senti o meu mundo desmoronar. Acompanhei tudo do outro lado, as tentativas de Danilo para acalmá-lo, as lágrimas descendo pelo rosto. Pela primeira vez, não tinha palavras que pudessem ajudá-lo. O que estava acontecendo com o meu marido?

## CAPÍTULO 23

### CARINA

*“Chorei o fim de tudo, assim é a vida, uma morte a cada dia. Depois, como sempre, limpei o rosto e continuei.”*

**Tati Bernardi**



Eu poderia, por um momento, enganar-me ou às pessoas ao meu redor, dizendo que foi apenas um susto, que aquilo passou, ou talvez tivesse sido uma brincadeira de Max. Mas, mesmo com a idade, eu ainda era uma mulher prática, sempre fugindo de meias verdades. E desde que a memória de meu marido começou a fugir, de um vazamento invisível e ininterrupto de sua mente, eu quis

preservar as minhas assim como são, sem qualquer adorno ou desvio. A imagem de Max, nos piores e melhores momentos de nossas vidas, com todas as imperfeições que o tornaram tão único para mim, seria só o que me restaria.

Mas naquela noite ainda não imaginava o que nos esperava. Danilo chamou uma ambulância e os enfermeiros só conseguiram tirá-lo do carro quando eu cheguei, com toda a família em comboio a me seguir. A festa foi cancelada, as luzes apagadas, a comida congelada. Dos músicos ficou apenas o eco das canções que não ressoariam mais a caminho do mar. Em mim, reinava apenas o medo e a expectativa. Estava tomada pelo pânico do desconhecido, de uma situação da qual eu não tinha informações para lidar e buscar soluções.

Estava com a escuridão diante de mim. E odiava isso.

Assim que me aproximei do carro, o  
NACIONAIS - ACHERON

homem da minha vida olhou para mim, com os olhos brilhantes, como se enfim reconhecesse algo naquele mundo desconhecido.

— Amor, você está linda! Para onde vamos? — desvencilhou-se do seu melhor amigo e desceu do carro, por fim. Me abraçou como se encontrasse a resposta para todas as suas dúvidas, o ponto de sanidade em um mundo que se distorcia. — Esse povo desconhecido está todo em volta de mim, como se eu fosse doente. Quem são essas pessoas? — no rosto uma indagação ao fitar nossa família, deixando todos perplexos. — Vamos para algum lugar?

Olhei para Laura, que se continha para não chorar. Dayane, como estudante de farmácia, tentava analisar friamente o que acontecia com seu avô. Igor falava com Luiz no carro, e eu agradeci a ele mentalmente por isso. Tinha receio de que o jeito sucinto e direto do meu filho ali não ajudasse

NACIONAIS - ACHERON



muito. Encarei Fernanda, que pareceu me entender na mesma hora. Ela se aproximou da minha filha e sussurrou para que tivesse calma e não dissesse nada. Eu estava lidando com um momento delicado, e não podia deixar o meu emocional vir à tona. Precisava fazer com que Max fosse para o hospital, para que pudessem lá, examiná-lo devidamente.

— Amor, você estragou a minha surpresa! Fiz uma festa linda para você. Por isso contratei o motorista para te levar — o sorriso estava prestes a despencar do meu rosto, a falsa alegria destoante de mim, mas continuei com a representação.

— Festa surpresa? Para comemorar o quê? — a desconfiança perpassou pelos seus olhos por um momento.

— E desde quando o amor precisa de dia para comemorar? — tentei desviar o assunto e o beijei, sentindo-o, por fim, relaxar em meus braços.

— Agora você vai comigo para lá, tudo bem?

— Desde que não seja com o vovozinho ali, tudo bem. Espero que quando eu for velho não tenha aquela cara de ranzinza, ou aquele barrigão – Max me cochichou, dando um riso baixo. Ouvir aquilo me deixou sem reação.

— Ainda falta um pouco para chegarmos aos cabelos brancos, meu amor – joguei o comentário no ar, com receio do que ele me responderia.

— Um pouco? Ainda nem chegamos aos trinta anos, meu *infinito particular*. Acabamos de nos casar. Ainda teremos filhos, netos... Ainda levarei os meus quadros para o mundo, como você mesmo diz... – foi nesse instante que não consegui mais disfarçar. Gemi, os olhos se derramando em lágrimas e dei um passo para trás. Dois enfermeiros o agarraram, aplicando por fim um sedativo. Tampei a boca, tentando segurar a dor daquela

NACIONAIS - ACHERON

cena, e Luiz saiu do carro, ao me ouvir. Ele me amparou nos braços, olhando para mim e para o seu pai, sem entender o que estava acontecendo.

Ao ver o nosso filho me abraçar, sem emitir reação, Max me olhou com uma decepção que me doeu na alma. Tentou se aproximar, mas as forças pareciam se esvaír, enquanto as lembranças de nossa vida a dois se misturavam na sua cabeça.

— O que está fazendo comigo, Carina? Tudo isso para me tirar da sua vida? Você não me ama mais, por isso voltou para o *Ângelo*? — as perguntas e desprezo nas palavras dele eram como punhaladas em meu peito. Ele apagou segundos depois e foi levado para a ambulância. Laura o acompanhou, pois eu não tinha estrutura. Fiquei ali, nos braços do meu filho, chorando enquanto o meu mundo se desfazia.



A vida, na maioria das vezes, é uma balança que não consegue manter um equilíbrio. Ao mesmo em que te leva a tocar o sol, lança você na escuridão sem paraquedas ou expectativas. Comigo não foi diferente.

Chorei durante todo o trajeto até o hospital. Deixei que a dor me tomasse e se derramasse por mim até se exaurir. Ao chegar na sala de recepção ambulatorial, eu já estava de volta ao meu eixo. Preenchi a papelada e me sentei no banco, as mãos de Laura junto às minhas, em expectativa. Day Day foi com o Luiz andar pelo hospital, tentando distraí-lo. Estava com medo de ele ter uma crise de ansiedade diante dos últimos acontecimentos, em que nenhuma ordem ou regra poderiam ser aplicadas.

Não sei quanto tempo ficamos ali, amparadas uma na outra, quando uma voz rompeu

NACIONAIS - ACHERON

o silêncio.

— Carina? — ergui os olhos e me deparei com uma mulher da mesma idade que eu, fitando-me emocionada. Day Day estava ao lado dela, mas olhava para nós duas sem entender o que estava acontecendo. Aquele rosto não me parecia estranho... Quem será que era aquela mulher?

— Professora Carla, a senhora conhece a minha avó? — quando ouvi aquilo, o reconhecimento se fez presente. Eu consegui ter forças para sorrir ao rever a minha amiga que há anos não via. Pois é, o mundo dá mesmo muitas voltas.

— Carla, você é professora da minha neta?! — me levantei e a abracei, como se tivéssemos nos visto no dia anterior, gesto que só os grandes amigos fazem. Ela retribuiu, cada vez mais emocionada.

— Carina, eu nunca imaginei que fosse

NACIONAIS - ACHERON

você... Quanto tempo...

— Que eu me casei? Já faz 40 anos, amiga.

— Tudo isso? Como nos distanciamos uns dos outros, seguimos rumos diferentes.

— Nem todos – Fernanda se aproxima, ao reconhecer a amiga, antes de entrar no meio do abraço.

Aquele encontro foi uma pausa para eu tomar ar antes de mergulhar novamente nas águas escuras que me esperavam. Carla era uma das mestras da faculdade e, apesar do conselho acadêmico já ter tentado aposentá-la várias vezes, ela se negava, com uma disposição juvenil. Além disso, minha amiga era um dos nomes mais conceituados quando o assunto era neurologia. E para que Day a tivesse levado até ali, significava que nós tínhamos as mesmas suspeitas. Carla pediu licença depois de algum tempo, pois falaria com o médico responsável pelo meu marido. Voltou em

NACIONAIS - ACHERON

poucos minutos, mas as notícias não eram animadoras.

— Eles tiveram de sedá-lo pois ele se encontrava muito agitado, chamando por você e querendo sair da cama. Vou levar você para vê-lo, se quiser...

— É claro. Eu preciso dele o mesmo tanto que ele precisa de mim.

Começamos a caminhar para o quarto enquanto Carla continuava a me dar os aspectos práticos dos próximos passos.

— Primeiro é necessário fazermos os exames de praxe, como sangue e urina. Depois passamos para a ressonância magnética e a tomografia para vermos como ele está a nível cerebral. Temos de tirar a hipótese de Max estar sofrendo de demência.

Mas ainda existia a pior pergunta, aquela que meu coração sabia que era a verdadeira causa.

Eu só não conseguia dizer, pois a partir do momento em que as palavras fossem pronunciadas, tudo passaria a ser verdade.

— Carla, você acha que pode ser *Alzheimer*?

Ela parou comigo, por um momento, no corredor.

— Por que acha isso? — e conforme fui falando, as peças começaram a se encaixar. Pequenos fatos e esquecimentos que aconteceram nos últimos anos, desde àquela primeira vez, há tanto tempo, quando ele me disse que *não sabia mais desenhar*. Coisas que perdia, esquecia, nomes que trocava, pessoas que por um momento ele não reconhecia. Fatos e detalhes que eu achava serem características próprias da alma artista do meu marido, mas que colocados às claras faziam com que eu me perguntasse como havia sido tão tola. E aquele último acontecimento, no jardim da nossa

NACIONAIS - ACHERON



casa, coroava tudo, transformando as suspeitas da minha mente em uma certeza.

Carla parou por um instante diante de mim. Em seus olhos eu via que lutava para encontrar uma maneira atenuante de me dizer a verdade. Tinha a impressão que os seus anos praticando medicina e lidando com alunos como professora a ensinaram a lhe colocar ainda mais em sintonia com o outro. Mas nós não éramos os outros, éramos Carina e Max, o casal que ela viu surgir, alguém que ela fez parte do início.

— Quero a verdade, Carla – insisti, antes que ela hesitasse ainda mais.

— Sim, Carina. Tudo leva a crer que é *Alzheimer*.

Eu assenti com a cabeça, contendo as lágrimas. Max ia me ver naquele instante, e eu tinha de acalmá-lo. Imaginava como ele deveria estar cheio de dúvidas, medos e receios, sem

NACIONAIS - ACHERON

conseguir entender sequer como fora parar naquele leito de hospital. Éramos a força um do outro sempre, e não poderia ser diferente.

Assim que Carla abriu a porta e meu marido me viu, meio mole pelo sedativo, pareceu mais calmo. Estendi as minhas mãos para ele, que as pegou com delicadeza. Ficou olhando para Carla, como se hesitasse em falar algo, com medo de o medicarem novamente. Por isso me adiantei:

— Amor, você lembra da Carlinha?

Vi nos olhos dele a faísca de reconhecimento, e isso quase me fez suspirar de alívio. Max era ele novamente.

— Carlinha? Como está bonita! Se eu soubesse tinha escolhido você em vez da Carina...

Fingi estar brava e ele levou minha mão aos seus lábios, antes de murmurar:

— Como se eu pudesse...

— Mesmo depois de tanto tempo você

ainda sabe como elogiar uma mulher, Max. Bom, agora além de sua amiga, serei sua médica. Então puxarei a orelha do senhor sempre que precisar...

— Duas para tomar conta da minha vida? Estou perdido!

— O que importa é que você vai ficar bem, meu amor — comentei, pedindo que um anjo passasse por ali e desse o seu *amém* para a minha súplica. Ele me encarou, fitando bem fundo nos meus olhos e viu o que estava óbvio.

— Você chorou, Carina... Nada tão simples te deixaria assim, tão abalada a ponto de chorar. Poucas vezes em nossas vidas eu te vi assim. Pode ser sincera, o que aconteceu comigo? Por que eu estou aqui? Me lembro de estar com o Danilo indo para o nosso casamento e depois me vem um branco...

— Descansa, amor. Depois conversamos...

— Acho melhor deixar vocês conversarem

agora — Carla se aproximou, tentando manter o bom humor. — Vou mandar você fazer alguns exames, depois irei te explicar tudo, certo?

— Carla, não precisa sair... — *não estou pronta*, eu tinha vontade de gritar. *Não ainda*. Mas sei que nunca deixei de ser sincera com Maximiliano. E daquela vez não poderia fugir à regra. Entre nós existia algo que era essencial para que qualquer relacionamento durasse: lealdade.

— Com licença — Carla disse, com um olhar encorajador, fechando a porta devagar. Agora, naquele instante, seríamos apenas ele e eu.

Fitei a porta por um instante, tentando criar coragem, as palavras pela primeira vez fugindo, impedindo-me de raciocinar. Fechei os olhos para impedir que as lágrimas viessem de novo, a possibilidade de falar ao homem que eu amo que poderia estar perdendo-o me pesava no peito. Pela primeira vez, eu me perguntava se um dia eu

NACIONAIS - ACHERON

saberia viver sem Max, se no instante seguinte que ele me deixasse eu não iria atrás, morrendo de amor.

Os jovens são tolos. Dizem que é impossível morrer de amor, que isso acontece somente em novelas e filmes melodramáticos. Mas, na verdade, eu tinha era pena deles porque é tão triste viver na solidão, imerso em suas vidas e máquinas, em busca de algo que nunca os preencherá. Nenhum deles terá o privilégio de deitar um dia em uma cama, estender o braço e sentir o calor das mãos, o sabor dos beijos, o contato de alguém que te ama e sempre te amará, como éramos Max e eu. Oriundos de um tempo em que apenas contar as estrelas já era sinônimo de felicidade.

— Aconteceu de novo, não é? — ele foi o primeiro que quebrou o silêncio.

— O quê? — fui enxugando os olhos e me

virando.

— Eu esqueci tudo de novo. Tive mais uma crise...

Virei a cabeça para ele de repente, todo o meu desespero anterior cedendo à raiva. Suspeitas e dúvidas começaram a encher a minha mente. Como Max sabia o que tinha acontecido? E que história era aquela sobre *de novo*?!

— Como assim? Quer dizer que já teve outras vezes? — fiquei parada, sem acreditar naquilo que se descortinava diante de mim.

Ele simplesmente assentiu, com um ar de derrota no rosto, e assim como Carla instantes atrás, Max foi abrindo suas dores diante de mim.

— Sei que na sua cabeça vem aquela história de 30 anos atrás, quando parei de desenhar, mas algo vem me acontecendo mais recentemente, nos últimos anos. Coisas que não sei onde deixo, horas em que eu não me reconheço, verdadeiros

NACIONAIS - ACHERON

lapsos de memória. Um dia encontrei o meu celular dentro da geladeira. Outra vez, quando dei por mim, estava no centro da cidade e não sabia como tinha sequer chegado lá. Foram situações que atribuí ao cansaço, ao stress, à idade. Mas o que mais me apavorou aconteceu meses atrás...

Ele me olhava, as mãos se contorcendo, os olhos cheios de lágrimas que hesitavam em cair. Eu me sentia enganada pelo simples fato do meu marido ter me ocultado tudo aquilo, mas imaginava como deveria ser torturante para ele. Para um homem que criara mundos e cores, imagens que encantaram pessoas dos mais diferentes lugares, saber que o seu próprio inimigo era a mente, aquela que lhe deu sua própria imaginação para criar, também era uma traição.

— Pode continuar, amor.

— Você saiu para trabalhar e eu estava com uma ideia para um novo quadro. Tomei um café,  
NACIONAIS - ACHERON

brinquei um pouco com a Estrela, arrumei pincel e tinta e parei em frente à tela em branco, deixando que a imagem viesse até mim. A partir daquele momento, não me lembrava de mais nada. Tudo era nebuloso, confuso, me deixava desorientado. O fato era que, quando dei por mim, estava deitado no chão, em meio à poeira. Não estava em nossa casa, mas em um prédio abandonado, vazio. À minha volta, na sala em que eu me encontrava, estava um céu estrelado, nos mais variados e lindos tons de azul e laranja, como se a Mãe Natureza tivesse passado por ali e dado o ar da sua graça, fazendo da minha vida uma dádiva. É impossível descrever como me senti.

Eu conseguia imaginar o meu marido imerso naquele mundo de cores e tintas, encantado com tudo aquilo, sem ao menos se atentar como chegara até ali, pensando no presente que era para ele, como artista, testemunhar aquilo.



— Foi só depois que eu percebi as minhas mãos e roupa sujas de tinta. Olhei para o meu relógio e me dei conta que a tarde já havia chegado à metade. Havia passado horas ali, pintando aquela cena que eu gostaria de ver em minhas telas... Mas o que mais me incomodava era pensar que aquilo tudo eu não tinha feito em apenas um dia. Ou seja, quantas vezes eu fui ali para pintar sem nem ao menos me lembrar? Como a minha memória, eterna inimiga, me roubara até mesmo a minha criatividade? Ao sair dali pela porta aberta, descobri que tinha ido parar do outro lado da cidade, naquele meu estúdio secreto, o da juventude... Aquele em que eu te pedi em casamento.... Pelo menos a minha mente caduca me levou para lugares onde eu fui feliz... — ele começou a soluçar, por fim, verbalizando aquilo que eu pensava. Depois desse instante toda a mágoa cedeu o seu lugar ao sofrimento.

— Quando ia me contar tudo, Max?

— Porque acha que resolvi te pedir para casar comigo mais uma vez? — eu neguei com a cabeça, sem saber como responder. — Para ter uma última lembrança sua, antes que eu me esqueça de quem eu sou. Depois eu ia te contar... Apesar de que, imagina a cena: eu chegando para você e falando, depois de 40 anos: meu *infinito*, o alemão me pegou...

— Que alemão? — olhei para ele sem entender.

— Carina, eu sei que todos os sintomas levam a crer que eu tenho *Alzheimer*. Sou um homem da geração internet, sei utilizar as tecnologias a meu favor. Durante todos esses anos, evoluímos em muitas coisas, mas em outras nem tanto. Como a estupidez humana... E a cura dessa maldita doença.

Eu suspirei e tentei rir. Mesmo diante dos  
NACIONAIS - ACHERON

piores momentos, Max tentava deixar o nosso relacionamento leve.

— Porque demorou tanto para me contar? — perguntei, por fim, a cabeça recostada em seu peito.

— Porque, por mais que tivéssemos problemas, sempre fomos felizes. Em nossas vidas, amor nunca faltou. Como eu teria coragem de estragar isso? — fitei os seus olhos e parecia que nossas lágrimas nunca mais iriam parar. Nos beijamos com a fome da juventude, a necessidade um do outro que tivemos todos os dias, durante todo esse tempo. As línguas se enroscaram, se tatearam, sem medo ou pressa. Suspirei entre os lábios de Max, mas não queria largá-lo, pois era como se no momento que nossos afastássemos eu fosse perdê-lo de novo, como se o tempo fosse arrancá-lo de mim, dessa vez para sempre.

Mas, mesmo a contragosto, eu parei e fitei o homem que sempre amei. Ele parecia o mesmo, NACIONAIS - ACHERON

contudo tão diferente, já que o fim, de alguma forma, pairava sobre nós. É estranho quando você passa a maior parte da sua vida ao lado de alguém, e mesmo assim ele te surpreende.

— Bom, não temos certeza de nada, meu amor. Iremos fazer o exame para nos dar um diagnóstico real, ok?

— Carina, nós sabemos a verdade... Está aqui, martelando dentro de mim, e você também a sente... Mas se prefere ficar na ilusão de que seja algo passageiro, deixemos assim.

— Obrigada – minha voz era um fio. Pela primeira vez queria ser uma sonhadora, assim como Max. Mas parecia que, daquela vez, havíamos invertido os papéis. — Vou chamar a Carla para marcarmos os exames, tudo bem?

Ele pegou o meu rosto entre as mãos, sério. Uma aura sóbria nos cercou e vi em Maximiliano tantos sentimentos misturados, tanto amor que o ar

NACIONAIS - ACHERON

sumiu de mim por alguns momentos. O que sentíamos um pelo outro era algo que ia além das palavras, de gestos ou necessidades. Éramos diferentes demais e tão únicos juntos.

— Só vou te pedir duas coisas, meu amor. E espero que você as cumpra...

— Tudo bem – tive medo de que ele me pedisse coisas que eu não fosse capaz de cumprir.

— Não largue aquilo que te faz feliz por minha causa. Sei que gosta do seu escritório, de construir vidas. Você está impedida de abdicar de tudo por mim... – ele suspirou antes de terminar. – Me senti tantas vezes como se fosse um peso para você e agora não quero me tornar um. Enquanto eu conseguir ser eu mesmo, e responder pelos meus atos, eu quero... Na verdade, eu mereço.

Concordei. Seria horrível para eu ficar no trabalho pensando se o meu marido estava bem em casa, mas prometi a mim mesma me controlar. Eu

NACIONAIS - ACHERON

ia respeitar as suas decisões.

— Outra coisa: se for arrumar alguém para cuidar de mim, mesmo que eu não queira, contrata uma enfermeira bem gostosa. Eu quero olhar ela passear por mim enquanto ainda me lembro – ele gargalhou e eu dei um tapa nele, contagiada pela sua risada.

Tinha esperanças de que tudo ficaria bem, de que superaríamos também aquela situação.

Mas na vida real nada é como queremos.

## CAPÍTULO 24

### CARINA

*“Será que posso enlouquecer ou apenas sorrir?”*

**Pitty**



Existe uma lenda sobre a primeira mulher criada pelos deuses, Pandora, e como a curiosidade dela a fez abrir a caixa que continha todos os males do mundo. Ao ver o que tinha feito, ela até tentou fechar a caixa, mas dentro dela só restava a esperança... Essa, que para muitos, ao conhecerem a lenda, consideram uma dádiva. Mas não para mim, não depois de tudo o que passei.

Na minha opinião, a esperança é uma coisa

ruim, pequena e dissimulada, que se agarra em nós, se aloja em nosso coração e nos enche de sonhos e anseios, de expectativas que nunca irão se cumprir. Essa maldita fagulha parece nos guiar em busca de soluções, cava cada vez mais fundo ao nosso redor, criando um abismo tão alto que não conseguimos sair. Quem nutre a esperança, alimenta as desilusões.

Eu tive esperanças, no começo. Naquele quarto de hospital, com o Max me olhando e brincando sobre a sua doença, eu queria acreditar que no fim tudo ficaria bem. Mesmo quando o diagnóstico foi positivo, e diante de Carla eu abracei Max e chorei, ainda sonhei com tempos melhores.

— Eu sempre fui meio com a cabeça nas nuvens, Carina. Garanto que você nem vai ver muita diferença — ele geralmente via o lado bom das coisas. E eu acreditei.



Nos primeiros meses, após a medicação, a doença pareceu se estabilizar. Sempre alguém passava em casa para vê-lo, intercalávamos os nossos horários e diminuí minha jornada de trabalho. Alguns dias, era como se nada tivesse acontecido, em outros, ele estava com um mau humor insuportável, mas era característica da doença, segundo Carla havia me prevenido. Esses dias eram os piores, pois parecia que ele devia compartilhar a sua doença, dor e insatisfação com todos. Max, sempre dócil e gentil, fechava a cara e parecia disposto a me ofender e ferir.

— Odeio que me trate como se eu fosse um doente, Carina. Você sempre procurou o que fazer... Porque agora que quero ficar sozinho, você não me deixa? – reclamava, exasperado.

Eu contava até dez, tentava me concentrar que aquele não era Max em sua plenitude falando, e tentava ser a mais apaziguadora possível.

— Amor, é só um dia ruim. Amanhã você estará melhor...

Ele me olhava, e ali via outro, não o homem que me amava. Ressentido, ele dizia, cheio de sarcasmo:

— Porque não é você que vai morrer, Carina. Quando eu for embora, você vai poder viver o que quiser, casar quantas vezes desejar... E eu? O homem que de tudo esqueceu e acabou sendo esquecido.

Aquela constatação me doía, e eu me abraçava, de olhos fechados, repetindo vezes e vezes que meu marido não estava bem. Algumas vezes ele voltava a consciência logo em seguida, nos olhos a lucidez vinha à tona como se ele retornasse de algum lugar bem fundo em si mesmo. E ao me ver naquele estado, Max me pedia desculpas, segurando para não se derramar em lágrimas. E ao vê-lo se odiar pelo que tinha feito,

NACIONAIS - ACHERON

eu me sentia ainda pior.

Nada mais foi como antes. Os domingos, que eram os nossos momentos com aqueles que amamos, passaram a ser cheios de tato, recobertos de tensão. Algumas horas antes, Laura me ligava e perguntava como o pai estava, já se preparando para o que ia encontrar. Day Day tentava sempre agitar as coisas, assim como Fernanda. Danilo, como melhor amigo de Max, parecia despedaçar junto à memória do meu marido. Ele compreendia a minha dor e eu a dele. O buraco que ele começava a deixar em nossas vidas parecia insuportável. O momento à mesa era uma pantomina, uma peça muito bem orquestrada, onde colocávamos máscaras de sorrisos mal fixados, que tentávamos manter presas à face. Não só por Max, mas também pelo meu filho mais novo, que lidava com as questões do pai ao seu modo. Ele precisava de algo fixo, ali, entre nós. Algo que não tivesse mudado,

NACIONAIS - ACHERON

corrompido pelo *Alzheimer*.

Eu me recordava de quando conversei abertamente com Luiz sobre o assunto. Todos tinham ido embora, somente ele havia ficado, mexendo em algumas coisas na sala e eu não havia percebido. Fui falar com Max e o encontrei sentado no jardim, o olhar novamente ausente, como havia visto naquele dia. Ausente, vazio. Oco.

Não tive coragem de me aproximar. Tinha medo de chamá-lo e o espírito dele tomasse um susto e nunca mais voltasse, perdido em seu mundo de cores e formas. Era difícil, mas tinha de aceitar que Maximiliano cada vez mais se afastava de nós, por mais que tomasse remédios, visse médicos e fizesse exames. Nada o faria ficar. A medicina só estava impedindo que sua alma sonhadora, de artista, fosse embora rápido demais, deixando a nossa vida mais cinza. Eu havia falhado em ajudá-lo em deixar colorida a nossa vida, em impedir que

NACIONAIS - ACHERON

ela se tornasse preto e branco. Por mais que eu tenha lutado, uma hora os bastões de tinta que eu ofereci à Max não foram suficientes.

E me ver falha, sem poder controlar algo, foi desesperador. Em um grito de frustração, peguei um copo sobre o balcão e joguei na parede, como se estilhaçá-lo pudesse me trazer algum alívio, como se quebrando aquele pedaço de vidro eu pudesse me vingar de Deus – ou o Diabo – revidando aquilo que fizeram com o meu coração e as memórias de Max. Naquele instante despejei de mim, expulsei do meu corpo toda e qualquer esperança que poderia ter. Afastei-a como uma mosca incômoda, que só me rodeia e zumbe, me suga o sangue e não me deixa nada em troca, a não ser incômodo e dor.

Max, do lado de fora, nem sequer se abalou com o barulho. Era uma estátua de sal, alguém que ousara olhar para trás e teve todos os seus

NACIONAIS - ACHERON

momentos furtados por algo desconhecido. Mas Luiz veio rapidamente, atraído pelo barulho.

— O que está acontecendo, mãe? Você se machucou? — fitou os cacos no chão, eu prestes a abraçar a loucura de tudo aquilo e o pai dele, indiferente, sentado no banco como se observasse as flores. — Porque o pai não veio te socorrer? Vou falar com ele...

— Espera, filho. Vem cá... Estou precisando de um abraço, por favor.

Ele veio, hesitante com aquele gesto inusitado, mas permitiu que eu me aconchegasse em seus braços. Ali, de olhos fechados, eu expliquei tudo, da melhor maneira possível, o que estava acontecendo com o Max, porque todos aqueles remédios e quais eram os prognósticos. Quando tomei um fôlego, ele me interrompeu.

— Mãe, isso tudo eu já sabia. Percebo nas conversas que tem com Laura e com a tia Fernanda,

NACIONAIS - ACHERON

além da doutora... Como eu vi que tem falado com todos, esperei a hora de vir falar comigo.

É estranho como eu sempre tentei proteger Luiz do mundo, colocá-lo dentro de uma redoma para que nada o atingisse, para minha surpresa, como Max sempre dizia, ele herdou o melhor de mim.

— Desculpa, filho, eu pensei que seria complicado falar disso.

— O modo que vocês colocam as palavras, às vezes, se torna complicado para mim. Eu entendo de um jeito e vocês falam que é de outro. Tem horas que as pessoas são muito confusas. Por isso, peço para Dayane me explicar. Ela e eu temos conversado sobre isso desde o começo, aquela noite que ele me confundiu com outro homem. Day Day sempre foi direta comigo, e isso me ajuda... Ela traduz o que vocês falam para mim, às vezes, quando eu preciso.

Observo meu filho, descobrindo um pouco do seu mundo, e me encho de orgulho do homem que ele se tornou.

— Obrigada, filho. Fiquei tanto tempo pensando nos problemas que me rodeiam que me esqueci como me aproximar de você.

— É só não me tratar da mesma forma com que eu trato os meus alunos. Isso já é um bom começo.

Eu comecei a rir, e o sorriso dele veio em resposta. Pena que ele não chegou até os olhos. Estes estavam sempre inquisidores, sérios e compenetrados.

— No que eu posso te ajudar, mãe?

— Seja a memória do seu pai, meu filho. Converse com ele e guarde aquilo que um dia ele vai perder. Tome conta dele assim como um dia ele tomou conta de você. Pelo menos durante os nossos almoços. Pode ser?



Ele assentiu. Me largou depois de poucos minutos e foi calmamente sentar-se ao lado do pai. Vi-o colocar a mão no joelho de Max, como se tentasse gentilmente chamar a sua atenção. Como em um passe de mágica, o meu marido despertou de seu transe. Fitou Luiz, espantado por ele estar ali.

— Oi, filhão. O que está fazendo por aqui?

— Vim ser a sua memória. Escutar as suas histórias para lhe contar quando você esquecê-las — sempre direto ao ponto. Eu coloquei a mão na boca para segurar o riso e escutar a conversa. A sinceridade proporcionada pelo *Asperger* deveria contagiar mais as pessoas.

Maximiliano ficou espantado diante daquele comentário. Parou um pouco, pensou e por fim disse:

— Acho justo. Temos muito tempo?

Luiz olhou o seu relógio e comentou:

— Cerca de uma hora e meia até que eu vá embora para preparar minha aula de amanhã.

—Acho que está bom para começarmos... Primeiro eu quero te contar sobre o dia que sua mãe e eu contamos estrelas...

E assim terminei aquela tarde, tentando esquecer a dor só um pouquinho, e resgatando as nossas lembranças mais doces.

Mas o que me levou a ter aquela conversa com Laura, um outro domingo, um tempo depois? O que me fez decidir a deixar tudo de lado, inclusive o meu emprego, para cuidar do meu marido?

Foi o dia em que Max sumiu.

## CAPÍTULO 25

### CARINA

*“Qual a sua responsabilidade na desordem da qual você se queixa?”*

Freud



Nós, seres humanos, temos uma capacidade incrível de nos adaptarmos às mais diferentes situações. Por mais que elas se mostrem complicadas, ou até mesmo com prognósticos devastadores no início, conseguimos sair em busca de soluções e ver as melhores ferramentas para lidar com o problema. E durante certo tempo foi assim com Max. Nós dois, junto com nossa família, criamos uma rotina voltada para a nova condição

dele de forma que não perdesse a sua liberdade e individualidade. Enquanto eu estava no trabalho, ligava para ele várias vezes, entre os intervalos, para ver se estava tudo bem. Alguém sempre passava por lá, para *dar um oi* e colocamos todo um sistema de vigilância interno para que pudéssemos monitorá-lo, evitando que ele se machucasse ou algo do gênero.

A contragosto, meu marido concordara com as coisas de ordem prática que eu propus. A sua condição permanecia estável, permitindo que criássemos uma rotina, mas ele, assim como eu, sabíamos que aquilo não duraria para sempre. Aquela era uma doença degenerativa, e o máximo que conseguíamos, dia após dia, era ganhar mais um tempo para ficarmos juntos, antes que sua essência se desvanecesse, coberta pela névoa do *Alzheimer*.

Uma das nossas maiores discussões foi  
NACIONAIS - ACHERON

quando eu propus que ele não dirigisse mais. Ele bateu o pé, disse que precisava ir e vir de acordo com a sua vontade, que necessitava de inspirações para pintar.

— A única coisa que me resta é testemunhar a beleza do mundo para depois transformá-la em cor, Carina. Eu preciso sair, ver lugares e pessoas, quando a minha inspiração pedir.

— Eu sei, meu amor. Mas se coloque em meu lugar. Sabe como é difícil eu ir trabalhar, pensando que você está andando de carro por aí?

— Eu sou guiado pelas emoções, Carina. O que será de mim se começar a contê-las? — ele continuava a falar, lutando contra os meus argumentos, por mais verossímeis que fossem.

— E quando elas te abandonarem, de repente, como será? Imagina se você tiver essas lacunas enquanto dirige? E mais, se sair um dia e não souber como voltar para mim? — meu coração

disparou diante daquela hipótese.

Diante desse último argumento, por fim, ele cedeu. Arrumamos um motorista de táxi extremamente confiável, para quem ele ligaria caso desejasse sair. Assim, quando o Max não atendia o celular de prontidão, eu ligava para ele. E caso desse algum problema com o meu amor, Jair, o motorista, me ligaria no mesmo instante.

Assim, com tudo devidamente planejado, deixei que a vida seguisse o seu curso. Deixei tudo sob rédea curta, me achando capaz de prever cada passo.

Quem disse que a gente não permanece inocente quanto aos fatos da vida, ao chegar à terceira idade, é um grande mentiroso.



— Mãe, o papai sumiu! — Laura me ligou,

desesperada, a voz trêmula. Estava em uma reunião com os diretores de uma das sucursais quando a secretária me interrompeu. Ela sabia que quando o assunto era a minha família, a prioridade se tornara máxima. Principalmente nos últimos meses. Empalideci no mesmo instante em que ouvi aquela frase, a mente trabalhando com todo afinco, me perguntando para onde ele poderia ter ido.

— Estou indo para casa – desliguei. Pedi licença para o pessoal, peguei as minhas coisas e fui para casa, tentando manter o controle das minhas emoções assim como mantinha do carro na pista. Deixei o celular no viva-voz e liguei para Jair, a fim de saber se ele tinha notícias do meu marido.

— Alô, Jair!

— Oi, Dona Carina, tudo bem? A senhora está precisando de alguma coisa?

— O Max te chamou hoje?

— Não, não. Tá tudo bem? – senti a ansiedade na voz dele. Ele devia se preocupar com Max tanto quanto a gente. Meu marido tinha uma capacidade incrível de fazer com que as pessoas que o conhecessem se encantassem e criassem vínculos com ele. Max tinha uma facilidade incrível em distribuir amor.

— Eu não consigo encontrá-lo...

— Se a senhora quiser, posso dar uma olhada nos lugares que eu o levo sempre – ele se ofereceu e eu dei um suspiro, agradecida por aquela ajuda. Eu ainda não tinha ideia de onde procurá-lo.

— Você é um anjo, Jair – ele agradeceu o meu comentário espontâneo com um muxoxo, como se estivesse completamente sem graça. — Você lembra se ele te disse algo, comentou alguma coisa diferente esses dias?

— Nada, dona Carina. Ultimamente ele senta no banco de trás, abre a janela e fica  
NACIONAIS - ACHERON



quietinho, olhando a paisagem e sentindo o vento bater no rosto. Pede que eu coloque uma música e vai curtindo o caminho. É uma coisa até bonita de ver, sabe? Os cabelos dele, branquinhos, bagunçando no vento, e um sorriso no rosto, que nunca o deixa. Parece uma criança que acabou de ganhar um presente...

Eu sorri diante daquele comentário. Por mais que o tempo fosse muitas vezes ingrato e até cruel, Max sempre tinha um jeito único e lindo de ver a vida.

— Esse é o meu Max – eu só percebi que uma lágrima escorria quando senti o gosto dela em minha boca.

— Eu sei que estou fazendo apenas um serviço para a senhora, e agradeço muito por isso. Em um país como o nosso, onde a economia vive dando reviravoltas, é sempre bom prevenir... Mas trabalhar com o *seu* Max é um presente. Nos

NACIONAIS - ACHERON

momentos que me sinto mais triste, eu tenho ele como exemplo. Esse homem consegue ver o lado bom das coisas, sempre nos piores momentos.

— Obrigada, Jair – um nó se fez na minha garganta. Viver ao lado de Max era mesmo mágico.  
— Se por acaso se lembrar de algo, não esqueça de me falar, ok?

— Pode deixar.

Cheguei em casa e, antes de descer do carro, enxuguei as lágrimas e tirei da face qualquer vestígio de medo ou dor. Tinha de deixar os meus sentimentos e temores em segundo plano para ser a mãe de Laura, não apenas a esposa de Max, pois os filhos, não importava quanto tempo se passasse, sempre caberiam entre nossos braços quando precisassem. Por mais que se mostrassem adultos e independentes, sempre procurariam o nosso ninho quando temessem o desconhecido.

Abri a porta a e a vi, com o telefone na  
NACIONAIS - ACHERON

orelha, discutindo com Igor, exigindo sua presença, o lápis dos olhos borrados descendo pelo rosto e o cabelo, normalmente descabelado, transformado em um alvoroço. Ao me ver, aparentemente calma, com nada fora do lugar, ela parou e esperou que eu dissesse algo, tomasse uma atitude. E eu o fiz. Peguei o telefone da mão dela e falei com o meu genro.

— Igor...

— Carina? — ele abaixou a voz, surpreso. —

Encontraram o Max?

— Ainda não. Mas você vir para cá não vai nos ajudar em nada agora. Meu marido é voluntarioso e pode ter saído sozinho apenas por vontade, sabemos disso.

— Laura precisa de mim aí e...

— Minha filha precisa é manter a calma e me ajudar a pensar — disse, encarando-a. Vi que ela foi ficando vermelha, não sei se de raiva ou

vergonha. Naquele momento ela era a adolescente de tantos anos antes, bradando sobre empoderamento. — Nesse momento, tem de saber que não podemos cuidar do desespero dela e achar o meu marido, ao mesmo tempo. Caso precisarmos de algo, eu te ligo, meu querido.

Ele agradeceu e desliguei. Fiquei com o celular de Laura na mão, desafiando-a a dizer algo. Eu não desmoronaria. Tinha medo de que se eu começasse a abraçar a minha dor, nunca mais iria parar. Max era o seu pai, o seu esteio, mas antes de tudo, foi o homem que escolhi — e sempre escolheria — amar pela vida inteira, cada vez que abrisse os olhos, não importava o que acontecesse.

Laura respirou fundo e se conteve. Abaixou a cabeça e murmurou um simples *desculpa, mãe*.

Eu a entendi, abri os meus braços e deixei que ela se aconchegasse por um momento.

— Preciso de você aqui, comigo. Você

falou com mais alguém, pediu ajuda para outras pessoas?

— Não, mãe. Me senti tão desesperada, sem saber o que fazer...

— Que bom. Acho que chamar os nossos filhos aqui não vai nos ajudar nesse momento. Caso a gente não encontre o seu pai nas próximas horas, mobilizamos todo mundo. Isso se ele não entrar por aquela porta como se nada houvesse acontecido...

O clima se tornou mais leve ao pensar nessa hipótese.

Tirei os sapatos e fiz um café. Sentamos e ficamos pensando em todas as hipóteses de onde Max poderia ter ido. Anotamos lugares que eram marcantes para ele, lugares que ficariam em sua memória mesmo quando as peças do seu quebra-cabeça mental se mostrassem desordenados. Assim, com algumas possibilidades nas mãos, tínhamos por onde começar.

Foi nessa hora que o meu telefone tocou. Meu coração entrou em sobressalto, rezando para que não fosse nada grave. Eu ainda não estava pronta para perder nada do que havia conquistado... Queria o meu mundo intacto.

Ao ver que era Jair, atendi sem hesitar. Torcia para que tivesse encontrado o meu marido ou tivesse alguma pista, se recordado de algo.

— Dona Carina? – ele parecia empolgado.

— Oi, Jair. Alguma novidade?

— Então, eu me lembrei de uma coisa que pode ajudar. Na última vez que eu trabalhei com o *seu* Max, na volta passamos pela praia. Ele não me disse nada, mas pude ouvi-lo falar claramente como sentia saudades do mar, onde o coração dele morou pela primeira vez...

Nessa hora tudo pareceu se encaixar perfeitamente. Sabia para onde ele tinha ido.

— Obrigada, Jair. Você me ajudou mais do

que pensa!

— Fico feliz, dona Carina.

Desliguei com uma nova disposição. Laura me fitava, ansiosa.

— Vamos fazer uma viagem ao passado, minha filha?

Laura me olhava, sem entender nada.



Foi estranho percorrer o caminho de volta à casa da praia, o coração perdido em lembranças enquanto a mente tentava processar as mudanças. Com o crescimento da cidade, a Ponta da Praia se tornou um dos lugares mais conhecidos – e caros – da região. Quem já morava por lá, teve os seus imóveis supervalorizados e na maioria dos casos, vendeu por um bom preço, dando lugares muitas vezes a prédios e condomínios de luxo. Poucas

casas restavam e, apesar de ter feito alguns empreendimentos ali, nunca mais voltei a pisar na região em que morávamos. Até aquele momento.

O coração deu um pequeno pulo assim que cheguei no endereço onde comecei a minha vida com Max. A casa ainda estava lá, intacta! Parecia que um pedaço do tempo havia se congelado naquele lugar, a saudade de uma felicidade inocente a me preencher por completo. Havia mudanças sutis, pude constatar assim que desci do carro e me aproximei. Como se tornara parte de um condomínio em estilo europeu, o muro ainda era baixo e o portãozinho convidativo, onde Laura muitas vezes se pendurou. Naquele jardim, as árvores permaneciam, mas as flores haviam mudado, se multiplicado. Rosas, jasmins e violetas pareciam nos convidar para ficar ali a tarde toda. Dei um suspiro diante daquela visão.

— Mãe, o que o carro do Luiz está fazendo



aqui? – Laura perguntou, com certo espanto, fazendo com que eu saísse dos meus pensamentos. Olhei para a calçada, logo mais à frente e reconheci o carro do meu filho. Minha mente se encheu de dúvidas diante daquela nova informação.

O fato de ser *aspie* nunca o impediu de nada. As abordagens sempre foram diferentes, de forma com que ele entendesse as coisas ao seu redor e se tornasse o mais sociável e apto no mundo, de acordo com as suas possibilidades. E todas as suas conquistas, até de ser apto a dirigir, aprovado em todos os exames devido à sua concentração, foram comemorados por todos nós. O único fato era que, na maioria das vezes, ele preferia dirigir sozinho. Caso alguém o acompanhasse, ele não conversava. Inclusive, preferia o silêncio. Segundo as palavras dele, *dirigir e dar atenção aos outros são duas coisas diferentes que não devem ser feitas juntas.*

Me virei novamente em direção ao portão e apertei o interfone. O rosto de uma moça, da idade do meu filho, apareceu no visor holográfico.

— Pois não? – ela sorriu, e mesmo sem a conhecer, me senti bem-vinda com aquele gesto.

— Oi... Sei que pode parecer loucura, mas um senhor apareceu aqui na sua casa hoje, mais cedo?

— Mãe? – ouvi a voz de Luiz ao fundo. Ele olhou para o lado, com se buscasse mais informações. Os mistérios daquele dia somente aumentavam.

— Luiz? Meu filho está aqui?

Um olhar de compreensão surgiu em sua face.

— A senhora deve ser a Carina. Pode entrar, por favor.

Não hesitei e entrei, com Laura no meu encalço.

Foi lindo ver que a nova dona daquele lugar tinha cuidado de tudo, deixando o espaço intocado. Entrei discretamente na sala, tão diferente e ao mesmo tempo conhecida, como se de alguma forma ainda fosse parte do meu lar. Luiz e a moça vieram me receber, um do lado do outro. Para meu espanto, ele estava à vontade ao lado dela. Tanto que os braços se roçavam e ele nem parecia se importar. Eu estendi a mão para cumprimentá-la, mas ela veio logo me dando um abraço, me deixando sem reação.

— Oi, Carina. É tão bom te conhecer pessoalmente... — sentindo a minha tensão diante de tamanho gesto de espontaneidade, ela logo se apresentou. — Meu nome é Bianca — ao ver que olhava em direção ao Luiz, à procura de respostas, ela se adiantou. — Fui eu quem ligou para ele, espero que me perdoe. O seu marido me passou o telefone dele para vir buscá-lo. Pediu para que eu

NACIONAIS - ACHERON

chamasse a *memória* dele.

Laura não entendeu nada, mas ensaiei um sorriso.

— Ele chegou aqui há algumas horas, apertando o interfone, dizendo que precisava entrar em casa. Por um momento assumo que me assustei, até pensei em chamar a polícia... Mas ao ver o rosto dele, reconheci o artista que tanto admiro. Sou designer gráfica e as cores e traços dele são verdadeiras inspirações para mim. Por isso o deixei entrar. Ofereci um copo de água e fiz com que ele se sentasse. Ele queria achar algo no jardim, me pediu uma pá para cavar nas plantas, dizendo que precisava encontrar a lista, precisava te mostrar que nunca iria te esquecer... *Preciso provar a ela, ela não pode ir embora assim*, repetia. Foi nessa hora que começou a repetir um número sem parar, pedindo que eu chamasse o seu filho...

— Agradeço por ter sido tão compreensiva,  
NACIONAIS - ACHERON

Bianca – Laura se adiantou, enquanto eu absorvia tudo.

— Meu avô teve *Alzheimer*. Eu sei reconhecer os sinais. Eu o amava demais e fiquei com ele até o fim... – os olhos dela encararam os meus. — Sei como você está se sentindo.

Assenti, comovida, e para não desmoronar em lágrimas, olhei séria para o meu filho.

— E posso saber porque o senhor não me avisou?

— Primeiro, eu pretendia levá-lo para casa antes de você chegar. Segundo, o que ia adiantar eu te ligar e causar um desespero sem necessidade? Se resolvesse falar com uma das duas, demoraria o dobro de tempo para chegar aqui porque primeiro teria de esperar as suas reações emotivas antes de partirmos para a solução – e, diante disso, vi Laura ficar vermelha mais uma vez.

— Onde o Max está, Bianca?

— Está sentado lá fora, olhando a praia. Diz que fazia isso quando morava aqui, para se inspirar. Depois que a crise passou, ele se sentiu bem envergonhado. Pediu milhares de desculpas. Eu disse que só o perdoava se me contasse um pouco da história de vocês aqui nessa casa. Sempre fui apaixonada por ela... Meus avós a compraram e ficaram aqui até o fim e, em vez de fechar ou vender, o que era vontade dos meus pais, resolvi ficar nela e cultivar as boas lembranças que tinha.

— É tão bom ver o amor nessa casa depois de tanto tempo...

— Foram vocês que plantaram a semente.

Eu sorri, emocionada. Bianca me levou até onde Max estava, parado, fitando o mar.

— Não vai brigar com ele, mãe. Isso só irá trazer mais problemas – Luiz pediu. Fitei Laura e ela assentiu, concordando.

Me aproximei dele devagarzinho e coloquei

NACIONAIS - ACHERON

a mão em seu ombro. Max pareceu pressentir que era eu, pois suspirou e dobrou a cabeça, fazendo com que a minha mão roçasse a sua face.

— Veio matar a saudade, meu velho? — comentei e ouvi uma risada seca vindo dele.

— Começou, meu infinito particular. As minhas tintas estão se acabando... — eu o abracei por trás e beijei sua nuca. Amparado por mim, eu vi Max desmoronar pela primeira vez. O coração se contorceu enquanto ele chorava como uma criança em meus braços. Eu esperei e o amparei pelo tempo que foi necessário. — Eu estou com medo, Carina. Na verdade, estou apavorado...

Tentei conter a emoção na voz. Só quando vi que ela não ia sair tremida, eu disse:

— Então teremos medo juntos... Porque não vou te deixar, meu amor.

— E se eu te esquecer, Carina?! E quando eu me esquecer de mim?

Aquilo foi como uma pancada no meu estômago, tirando-me o ar. O apertei ainda mais entre os braços e virei o seu rosto em minha direção. Nunca o vira tão devastado.

— Lutaremos para que isso não aconteça, Max. Um dia de cada vez. Nossa história é bonita demais para a gente esquecer.

O beijei ali, naquela mesma praia onde tantas vezes eu lhe dissera sim. E renovamos os votos que a doença nos impedira de fazer meses atrás.

Mesmo com todos os argumentos de Laura, eu resolvi me afastar do meu negócio, por um tempo, deixando uma comissão de diretores para me substituir. Faria reuniões semanais via videoconferência e todos os papéis que precisasse assinar e revisar seriam enviados para mim. Havia feito aquela escolha por Max. Por nós. Decidi aproveitar ao máximo a companhia dele enquanto a

NACIONAIS - ACHERON



PERIGOSAS

tivesse. Jurei estar com ele em todos os momentos e o faria.

O amaria até o último suspiro.

NACIONAIS - ACHERON

## CAPÍTULO 26

### CARINA

*“Aprendi sem dicionário que saudade não tem solução.”*

**Rosa de Saron**



Eu queria poder dizer que foi tudo diferente, que quando menos esperávamos alguém surgiu com a cura do *Alzheimer*. Mas somos pessoas reais, nem ruins ou más, apenas seres imperfeitos e cheios de desejos e expectativas. E muitas, muitas dores para carregar.

Depois daquela vez em que Max fugiu, a rachadura de sua mente se intensificou e as memórias se esvaíram em um jorro desenfreado.

Caminhamos em uma corda bamba, onde cada passo era novo e incerto, em que eu tinha de ser uma muralha, não só por Max e por mim, mas por toda a nossa família.

Era como se alguém tivesse pegado a sua caixa de lembranças e a jogado no chão, destruindo tudo, e as reunindo depois, sem ordem cronológica. A cada abrir de olhos, eu tentava cumprir a minha promessa, fazendo com que eu fosse a primeira coisa que ele visse e, para a minha felicidade, todos os dias Max me cumprimentava com o mesmo afeto. Eu nunca deixei de ser a Carina, a mulher que ele escolhera para ficar para sempre. Mas todas as manhãs eu me deparava cada vez com um novo homem. Na verdade, com um velho Maximiliano, como se as lembranças tomassem forma, fossem vivas. Como se cada fase do homem que amei se manifestasse para se despedir de mim.

Teve dias que o amor por Max parecia não

NACIONAIS - ACHERON

caber em mim, mas houve horas em que eu tive raiva dele, da doença e aquilo que ele se tornava. Em cada um dos seus momentos de lucidez, meu marido sofria por perder o controle dos seus gestos e atos, pelos instantes que não reconheceu os seus filhos, nossa casa ou até mesmo Estrela, nossa cadelinha. Ficava deprimido ou irritado, e se lamentava ou tentava me ferir, oscilava de humor como quem troca uma roupa. Esses eram os piores dias.

— Max, não adianta tentar me afastar de você. Brigar comigo não vai me fazer desistir. Não prometi estar ao seu lado em todos os momentos, bons ou ruins? Então pode me aguentar – disse, em um daqueles dias difíceis, em que ele insistia que queria voltar para casa, que precisava pintar. Não entendia porque estávamos naquela casa chique, perguntava com quem eu tinha deixado o Luiz, que queria ver a neta. Ao me ouvir, a sua face ficou

NACIONAIS - ACHERON

séria. Ele me fitou e seus olhos pareciam me inundar, devastadores. E foi com voz amarga que eu o vi retrucar, como se um outro homem, ressentido e amargo, falasse comigo:

— Para você é fácil falar. Não é você quem vai morrer...

Aquilo me fez ficar estática, em choque. Como em um estalo, a mágoa em seus olhos se desvaneceu e Max voltou a ser o homem da minha vida. Me olhou então com seu velho jeito de quem me admira, e assustou-se com as lágrimas nos meus olhos. A minha dor pareceu alcançá-lo e a sensação de que algo muito errado tinha acontecido:

— O que eu fiz, meu amor? — sua voz era um lamento, um gemido desesperado que ansiava em conter.

— Nada, Max. Eu que ando meio emotiva. Devo estar ficando velha — tentei ensaiar um sorriso, mas só saiu algo vazio. — Já volto, meu

NACIONAIS - ACHERON

amor.

Ele me pediu para esperar, mas não consegui. Fui para o quarto e comecei a chorar, usando uma toalha contra a boca para abafar os ruídos.

Eu estava cansada, prestes a me romper e nunca mais me juntar. Queria o meu marido de volta, com seu olhar sonhador, transformando os sentimentos que o rodeavam em cores. Não queria mais palavras amargas ou o ar de decepção dele sobre mim, à espera de uma ajuda que, por mais que eu quisesse, não poderia dar. Não era mais a menina de 20 e poucos anos, a mulher que achava que podia mudar o mundo aos 30, ou aquela à procura de mudanças aos 40. Eu era todas juntas, e um pouco mais. E queria o Max que passou isso comigo, não assim, todo fragmentado.

Apesar de tudo, eu me sentia culpada. Por ser egoísta e desejá-lo tanto comigo e, ao mesmo

NACIONAIS - ACHERON

tempo, pedir para que ele não sofresse mais. Cheguei ao ponto de agradecer os momentos que sua mente se perdia, se esvaia, e ele entrou em seu próprio mundo onde o sofrimento de desaparecer em vida não existia.

Não sei quanto tempo fiquei ali até me recuperar. Sentindo-me impotente, sem saber como salvar tudo aquilo que eu tinha e estava se desfazendo. Deixei que toda a dor viesse à tona, me desafogasse até que nada mais restasse.



Meus filhos faziam o que podiam, dentro dos seus limites. Laura já não conseguia ver o pai sem chorar, por isso evitava vir em outros dias que não fosse aos domingos. E, quando aparecia, seu olhar triste em nossa direção muitas vezes me deixava irritada.

— Seu pai ainda não morreu. Nem eu. Aproveite e o ame enquanto ele está aqui — eu disse um dia, revoltada, mas depois me arrependi e pedi desculpas. De alguma forma, isso pareceu surtir efeito, pois pouco tempo depois eu a ouvi rindo com ele na sala de jantar.

Luiz colocou em seu cronograma aquilo que chamávamos de *a hora da memória*, onde ficava ao lado de Max, ouvindo suas histórias. Por incrível que pareça, o pai nunca o rejeitou, mesmo nos piores instantes. Sempre o chamava por um nome diferente, fosse Danilo ou algum outro amigo, ou conhecido, e meu filho o respondia, sem se ofender, curioso em tentar definir o caos que Max se tornara. Naqueles dias, na maioria das vezes Day vinha com o Luiz, e me fazia sair com ela. Às vezes conversávamos durante horas, e conseguia voltar melhor para casa. Outras vezes, eu me enchia de culpa e queria voltar logo, principalmente quando

NACIONAIS - ACHERON



algum conhecido aparecia e me perguntava sobre o Max. Eu ficava dando explicações, como se fosse errado eu estar ali, vivendo, enquanto o meu marido não.

— Pode parar, vó.

— Com o quê? – respondi em certa ocasião, já no carro.

— Com essa culpa. Eu amo o vovô e não quero que ele morra – Day era sempre incisiva, mas naquela hora sua voz tremeu. — Só que também não posso deixar que você se enterre em vida. A gente também precisa da senhora, dona Carina. Quem acha que vai nos unir quando tudo isso terminar? Você é nossa cola emocional, vó...

Eu assenti, agradecida por tudo aquilo que ainda tinha. E assim tomava fôlego para seguir em frente.



— Carina! Pode vir aqui um minutinho? — ouvi a voz de Max me chamar ao longe. Levantei em um salto, vendo que a noite já chegara pela janela. Cheia de remorso, vi que tinha chorado até dormir no quarto, e deixado o meu marido sozinho. Tínhamos uma empregada que ia lá diariamente e me ajudava no serviço pesado, mas exatamente naquele dia, para o meu alívio, ela tinha faltado. Assim não tinha testemunhado tudo o que havia acontecido horas antes.

Abri a porta do quarto e o procurei, na semiescuridão. Max estava na porta da sala, que dava para o jardim, seu corpo refletindo a luz da lua. Me aproximei e o vi sorrindo, como há muito não via. Como se realizasse o meu desejo, o meu Max estava de volta. Sua visita podia durar apenas um instante, ou a noite inteira, pois a memória dele se tornara algo traiçoeiro. Mas eu iria aproveitá-la

NACIONAIS - ACHERON

ao máximo.

— Oi, meu amor.

— Boa noite, meu infinito particular...  
Queria te convidar para fazer algo comigo.

— O quê?

Ele me tomou pela mão e me levou ao jardim. Ele havia estendido uma coberta sobre um dos bancos. Estrela estava sentada ao lado, o rabo abanando, toda contente, como se percebesse a importância daquele instante raro.

— Vem comigo contar as estrelas?

Eu assenti, me sentindo plena como há muito não fazia. Caminhamos devagar, em passo ritmado e nos sentamos no banco de madeira. Aninhei-me nos braços dele e senti o seu coração batendo, acelerado, tomado talvez pela emoção.

Ficamos por um momento em um silêncio cúmplice, como só aqueles que se amam e se conhecem são capazes de ter. As almas conectadas,  
NACIONAIS - ACHERON

dizendo uma para outra o que as palavras não conseguiam. Aquilo para mim era o amor, em seu sentido mais completo.

Aquele era um momento que guardaria para sempre, com alegria e tristeza.

— Obrigada, Max...

— Pelo quê, Carina? — senti a hesitação em sua voz.

— Por chegar na minha vida e me ensinar a andar com os pés fora do chão. Por me ver como ninguém mais o fez. Passamos uma eternidade juntos e, por mais que os momentos sejam sombrios, você sempre escolhe ficar comigo, ao meu lado. Obrigada por me dar uma existência tão linda... Te amo, Maximiliano.

— Eu sempre te amarei, Carina. Por toda a minha vida. Mesmo quando eu não estiver aqui, nunca deixarei de sentir isso. Assim como eu te fiz flutuar, você me puxou, me incentivou a tocar o

NACIONAIS - ACHERON

solo e me encantar com as texturas e cores. Em seu corpo, eu sempre encontrei o meu porto seguro, em seu sorriso, o farol a me guiar na tempestade em que mergulho, mesmo sem querer. Te agradeço por estar aqui ainda que eu suma. Sou grato por ser a minha esposa, diariamente, por ver o sol nascer comigo e por ter medo ao meu lado.

Nos beijamos como se fosse a primeira e a última vez que seus lábios tocavam os meus. Nossos corpos tremeram, em sintonia, as mãos hesitantes e ansiosas em tocar a pele um do outro, em compartilhar o calor de nossas pernas e braços entrelaçados.

— Me leva para a cama, Max?

— Pensei que nunca fosse pedir... — seguimos no escuro em direção ao quarto, sem acender qualquer luz.

Nos despimos, como se fôssemos dois adolescentes a nos descobrirmos e nos encantarmos

NACIONAIS - ACHERON

diante da visão do outro. Não tivemos vergonha ou ficamos sem jeito com as mudanças que o tempo nos trouxe. O modo que nos víamos era com os olhos da alma. Através deles, o desejo não arrefecia e nada se tornava feio ou desgastado. Tudo era cercado de sentimento.

Me deitei na cama e Max me acompanhou, a doença deixada do lado de fora daquele quarto. Ele tocou o meu corpo como se o tempo, em toda sua banalidade, deixasse de existir. A cada toque, aos olhos dele que tornam a me conhecer, despia minha alma da flacidez da pele, das estrias, da lentidão dos movimentos e incapacidades. Seu corpo se uniu ao meu e eu o recebi, deixei que me inundasse, que voltasse a fincar suas raízes em meu corpo. Me amou como se fosse a primeira vez, como se fosse a última vez...

Quando por fim terminamos, viramos de lado e nos fitamos, na tentativa de guardar os

NACIONAIS - ACHERON

nossos traços ao natural, as faces vermelhas assomadas pelo desejo. Ele sorria para mim, e eu ficava sem graça, como uma menina diante do primeiro namorado.

— O que foi, Max?

— Eu cumpri o meu prometido, Carina...

— Qual?

— Mesmo quando a doença fez eu me perder de mim, eu nunca te esqueci. Eu sempre conseguia te encontrar no meu coração.

Eu o abracei e murmurei mais uma vez que o amava. Senti sua respiração entrar no mesmo ritmo da minha e o sono nos alcançar. Ouvi a sua voz bem baixinha sussurrar no meu ouvido.

— Eu sempre vou te amar, meu infinito particular.



Aquela foi a última coisa que ouvi do meu amor. No outro dia acordei com disposição para lutar mil batalhas ao lado dele, escutar as palavras mais duras dos seus lábios, se fosse preciso, mas já não podia mais. Naquela fatídica manhã, Max não acordou. Estava inconsciente, respiração apenas um fio entrecortado, com dificuldade. O riso se transformou em dor, a risada em choro convulso. Toquei-o, chacoalhei e pedi que ele voltasse, falasse comigo, mas, pela casa só ecoou o silêncio.

Com as mãos trêmulas, liguei para o hospital. Em minutos, a ambulância nos levava embora. Sempre achei que estaria preparada para aquela hora, mas estava enganada. Não queria me despedir do homem que eu amava. Max, ao contrário, penso que sempre soube que a partida estava por vir. Por isso, na noite anterior, estivera presente o tempo todo. Para se despedir. No intuito de compartilhar comigo os últimos instantes de

NACIONAIS - ACHERON



PERIGOSAS

sentimento antes do seu coração parar.

Mas o que me salvaria de tamanha sensação  
de vazio?

NACIONAIS - ACHERON

## CAPÍTULO 27

### CARINA

*“Despedir-se de um amor é despedir-se de si mesmo. É o arremate de uma história que terminou, externamente, sem nossa concordância, mas que precisa também sair de dentro da gente.”*

**Martha Medeiros**



Frio no corpo, a ausência na alma, a dor no coração. A sensação de vazio que insiste em nunca passar, que preferia me alfinetar, enchendo-me de uma dor que nunca cessava, pulsava dentro de mim. Desejaria sumir, tornar-me escuridão, perder a noção de quem eu sou, vivenciar o esquecimento dos que dormem. Mas não podia.

Tinha que ser a mãe, a amiga, a esposa. Fui imposta a ser várias quando queria apenas fugir de mim. Não queria lidar com papéis de hipóteses sombrias, que expulsava da mente. Queria apenas que o tempo voltasse, para aquela que foi a nossa última noite, e revivê-la em um *looping* eterno, até que meu coração parasse de bater.

No ambiente frio do hospital, eu passei os dias sentada em um banco duro. Não me lembrava de quando eu havia tomado banho, comido algo ou com quantas pessoas eu falei nas últimas horas. Só via o corpo de Max, parecendo tão leve naquela cama de hospital, tubos e tubos o cercando em um ambiente tão sem cor que, se ele estivesse acordado, sairia correndo dali. Tentei colocar a minha racionalidade em ação, mas só me vinham sentimentos. Talvez naquele momento, no final, um vislumbre das lembranças e dos pensamentos de Max, aqueles que se perderam durante a doença,

NACIONAIS - ACHERON

tenham se alojado em minha alma, me tornando um pouquinho mais dele.



Por ironia do destino, não foi o *Alzheimer* que trouxe o meu marido para aquela cama de hospital. Max teve um aneurisma na calada da noite, destroçando ainda mais o seu cérebro já debilitado. A sorte dele, segundo os médicos, foi que a veia se rompeu enquanto ele dormia e o fluxo sanguíneo não estava tão intenso. Mas Carla, sempre direta, me contou que as chances eram poucas dele sair daquela cama com vida.

— Além do *Alzheimer*, que já é um agravante, não somos mais mocinhos, Carina. O organismo já não reage com a mesma velocidade e força. Como médica, sugiro buscar todas as formas para mantê-lo vivo o maior tempo possível,  
NACIONAIS - ACHERON

mediante as condições que se apresentarem após ele acordar.

— Como assim? Podem surgir mais problemas quando ele acordar? – chorar para mim acabou se tornando um triste hábito naquelas últimas horas.

— Os cirurgiões contiveram o sangramento, mas não sabem o quanto o cérebro foi danificado. Ele pode ter paralisias, tremores, falta de firmeza nas mãos e pés, afetar a fala ou até mesmo ser impedido de sorrir...

— Oh, meu Deus! – Fernanda, que estava conosco, me amparou antes que eu caísse, sem forças.

— Eu sei que é difícil, amiga, mas pode ser que não aconteça nada disso, já pensou? – Fernanda tentava me acalmar, mesmo sabendo que era impossível.

— Agora nós só podemos esperar, Carina. E

lutar com tudo que temos em mãos.



Minha vida, desde então, tornou-se espera. Vivia na expectativa, diante do frio impassível daquela sala, fitando o meu Max, pedindo para que não me deixasse. Quando nos confrontamos com a morte, mesmo que seja só a sensação de que ela está por perto, nos tornamos mesquinhos e egoístas, mostramos o pior de nossa banal e temporal humanidade. Porque lamentamos e pedimos não só pelo que o outro viva, mas porque não queremos conviver com a ausência que ele vai deixar, a lacuna em nossas vidas, pois a saudade é mais marcante e dolorosa do que a presença, mesmo que ao longe. Ainda que estejamos distantes e brigemos com alguém, sempre tem a possibilidade de que as linhas da vida se convirjam novamente,

que os nossos caminhos voltem a se cruzar. Na morte, qualquer possibilidade de reencontro, mesmo à distância, se torna impossível. Não sabemos lidar com ela, pois nos arranca algo, deixa o buraco onde alguém existiu, de um jeito que nunca mais conseguimos preencher.

Em algumas ocasiões eu me odiava por aquilo. Por ser fraca, por ter medo de desaprender a caminhar sem o Max, a ter uma existência – mesmo que curta – apática e incolor. Como se a possibilidade de perdê-lo fizesse com que eu parasse de me ver como um ser único, e não uma metade, deixando de lado tudo o que acreditamos e lutamos juntos. Tinha raiva do desespero que me privava o amor próprio e me fazia implorar nas orações por milagres que não acontecem na vida real. Mais ainda, me sentia presa, algemada ao meu próprio egoísmo, que desejava um Max respirando ali, comigo, de olhos abertos, sem se importar com

NACIONAIS - ACHERON

os seus desejos e vontades. Como eu seria capaz de reagir, caso ele sobrevivesse, aos seus momentos de lucidez? Se com o corpo intacto já era difícil, imaginava se ele não pudesse sorrir, ou se mover com facilidade... Pior ainda, pela necessidade de prendê-lo ao meu lado, eu deixaria que ele ficasse ali, entre os vivos, se não pudesse mais pintar?

Estava presa em um inferno particular, cercada de medos, dores e dúvidas. Tentava me imaginar sem Max e me via morrer de amor. Somente os tolos e os jovens pensam que somos incapazes de morrer de amor. Como fazer o coração sobreviver quando a maioria das emoções que sentiu foram compartilhadas com o outro? Como romper esse laço criado sem sangrar e definhando junto?

Laura aparecia e falava comigo, me tocava e chorava, mas era como se eu a visse através de vidros espessos. Suas mãos queriam me despertar,  
NACIONAIS - ACHERON



mas não a sentia. Fernanda, Danilo e Day Day tentavam me chamar a atenção, me tirar do quarto, só que me tornei apenas um vulto a acompanhá-los. Certo dia, passei com eles em frente a um espelho e parei, estática, pensando quem era aquela desconhecida que me fitava. Havia emagrecido, os cabelos eram uma massa cinza de fios emaranhados, a roupa larga. Em meus olhos restava apenas o vazio.

*Quem me roubou de mim?* – eu pensava, tentando reunir força de vontade para me reencontrar no abismo que eu havia me jogado.

Luiz apareceu por lá várias vezes, mas nada me dizia. Observava o meu respirar, no ritmo dos aparelhos, tentando ver de forma prática como poderia ajudar. Sentou-se ao meu lado e permitia, aos poucos, que eu colocasse a cabeça em seu ombro. Permanecia em silêncio, sem uma palavra de conforto ou demonstração de sentimentos. Era

NACIONAIS - ACHERON

algo que ele não compreendia. Na verdade, nenhum deles sentiria a minha dor, mas insistiam em tentar demonstrar algo, dizer palavras que não faziam sentido ou me tratar como se eu também estivesse doente. Meu filho não, já que não via sentido em palavras que nada mudariam. Do seu jeito, ele me fez melhor do que muitos ali que tentavam amparar a minha dor na tentativa de que eu diminuísse a deles.

— Eu só queria ter algo dele para mim, sabe? Tem horas que morrer parece esquecimento... Não quero um dia ficar sem me lembrar do rosto de Maximiliano, assim como ele tinha medo de esquecer do meu... — foi assim que comecei a me abrir com Luiz e começar o caminho de me recuperar, a lidar com a dor em toda a sua intensidade, a deixar que ela passasse.

— Mas você sempre terá a memória dele... Isso é bom, não é? — Luiz disse e eu sorri, me

NACIONAIS - ACHERON

lembrando do dia que pedi para o meu filho ser o guardião das lembranças do pai.

— Sim, querido. É bom... Ter vocês por perto para não me deixar esquecer. Você e sua irmã são as maiores lembranças que seu pai me deixou.

Com o coração mais aliviado, adormeci ao lado dele, um pouquinho mais calma pela primeira vez. Deixei a voz do meu filho falando em tom monocórdio que lembranças são memórias produzidas pelas pessoas, como se eu fosse uma de suas alunas. Começava assim a sair do mundo de dor e medo que criara para mim, ao perceber que mesmo quando o meu marido se fosse, parte dele permaneceria na figura dos nossos filhos, netos, de suas pinturas, dos amigos que fez, das pessoas que ele mudou com o seu ar de passarinho. Tinha de criar coragem e abrir a gaiola, deixar que ele alçasse novos voos. O maior desafio de amar alguém não é tê-lo ao seu lado para sempre, é ter a

NACIONAIS - ACHERON

coragem e o ato de se desprender, se lembrar do que fez para ser feliz, e deixar de sofrer. O outro, às vezes, precisa ir para longe e você vai amá-lo da mesma forma. O maior desafio é impedir que o outro sofra mais, mesmo que você se destroe com isso.



Os dias foram se passando e aos poucos eu voltava a respirar. Comecei a fazer parte da rotina do hospital, conhecendo as enfermeiras pelo nome e vendo que até mesmo a dor que nos dividia ali, nos unia. Éramos sobreviventes em um lugar que acabava se tornando um campo de batalha da vida contra a morte. De vez em quando, eu me obrigava a sair do quarto, pois não conseguia ver mais as enfermeiras darem banho em Max com panos úmidos ou trocarem a fralda que colocaram nele

como se fosse um bebê. Aquilo me deixava mal, deprimida e impotente. Pedia que se Max estivesse comigo ali, de alguma forma, também saísse daquele quarto, e não sofresse com aquela situação tão triste e, de certa forma, humilhante.

Aproveitava esse tempo e ia aos quartos vizinhos. Tentava sorrir para aqueles que também estavam ali, imersos em suas dores. Escutava os outros, como me escutavam. Compartilhava lembranças, trocava experiências, tentava deixar assim não só o meu, como o fardo dos outros mais leve.

Foi numa dessas vezes que Luiz me encontrou no corredor e, antes que eu dissesse algo, me pegou pelo braço e começou a me conduzir em direção ao café.

— O que você quer fazer, meu filho?

— Só me acompanhe, mãe. A Bianca está esperando a gente no café...

— A Bianca? A moça que mora na casa de praia? Porque ela está aqui com você?

— A gente anda se vendo – ele começou a caminhar mais devagar, esperando a minha reação. Eu não sabia o que dizer. Meu filho, namorando? O que eu havia perdido? Realmente, estava desacostumada a ter notícias boas.

— Você e Bianca estão... – me apoiei no seu braço.

— Bom, sei que vai querer saber tudo desde o início, né? – assenti, curiosa. – Depois daquela vez, eu liguei para ela e pedi para ir lá mais vezes. Ouvia as histórias do papai sobre a casa antiga, mas eu não vivi lá, não nasci naquele lugar. Por isso, pensei que se fosse e visse o local em detalhes, conseguiria ambientar melhor a lembrança, me entende? Bom, aí a gente acabou virando amigo. E não me senti estranho em socializar com a Bianca, como é com os desconhecidos. Ela é como a Day.

Eu consigo olhar nos olhos dela. E não é ruim.

Como eu explicaria para o meu filho que ele estava apaixonado? Acho que não precisava, Luiz havia encontrado o amor à sua maneira.

— Aí um dia ela me perguntou se eu pensava em namorar, casar e ter filhos. Respondi que nunca tinha pensado nisso, no que eu queria. Não sou muito de fazer conjecturas, mãe. Sei lidar com dados concretos e fatos, sei dissecar as raízes das palavras e suas famílias, mas quando me falam de sentimentos e expectativas, eu não compreendo e sei que nunca compreenderei.

— Acho que nem é isso, filho. Você é capaz de fazer coisas incríveis, mas tem sua própria forma de fazê-las.

— Obrigado, mãe – aquele sorriso era tão lindo que, mesmo condicionado, tocava o meu coração. – Foi nesse dia que a Bianca me sugeriu fazer uma lista.

— Lista? Como assim?

— De tudo que eu achava que a minha namorada deveria ter. Todas as características em uma pessoa que me deixam confortável, segundo ela disse. E eu fiz.

— Jura? Fiquei curiosa para ver essa lista – disse, em um sussurro.

— Um dia eu lhe mostro. A questão é que, mesmo sem que eu percebesse, a Bianca tinha a maioria das coisas que eu coloquei no papel. Eu disse isso a ela, que respondeu que tinha certeza disso.

Comecei a gargalhar antes de chegarmos ao café. Aquela notícia mandara, por um momento, as minhas nuvens mais sombrias embora. Ele prosseguiu.

— Então nada mais lógico que pedir que ela namorasse comigo.

— E como está sendo? – olhei com  
NACIONAIS - ACHERON



curiosidade para o meu filho e sua expressão séria.

— Estranho e esquisito. Mas não de um jeito ruim. Ela está entrando na minha vida, aos poucos, e estou estranhando ter companhia para fazer coisas que antes eram atividades solitárias. Me incomodou bastante no começo, mas está ficando melhor com o tempo.

— Fico feliz por você, meu filho.

— Espero um dia ter tantas lembranças quanto você e o papai, mãe – me emocionei diante daquele comentário. Se dependesse dos meus desejos, teria muito mais.

Chegamos em frente à mesa e Bianca nos esperava sem jeito. Abracei-a com força e fui retribuída, pensando como mesmo nos piores momentos, nas lembranças mais dolorosas, podemos encontrar coisas boas. Preciso que eu me desmanchasse para que Luiz fosse a memória do pai, e que Max sumisse para que ele encontrasse

NACIONAIS - ACHERON

Bianca. É estranho como a vida está constantemente em uma balança e, a cada nota triste e destoante de nossos dias, surge algo alegre, para mostrar que sempre temos os dois lados, unidos, nos colocando em constante movimento.

— Como vai, minha nova filha? – comentei e ela me olhou, sem graça.

— Ele já te contou? – olhou para ele, fingindo estar brava.

— Por que não o faria? – Luiz nos fitou, sem entender.

Sorri e me sentei à mesa. Foi só então que eu reparei que, diante de nós, havia uma pasta grossa. Parecia cheia de folhas de sulfite.

— O que é isso, meu filho? Mais algum documento que eu preciso analisar? – a empresa continuava funcionando normalmente, mas os diretores me poupavam de maiores problemas, só me procuravam em casos extremamente

necessários e conversavam com meus filhos antes. Laura e Luiz se esforçavam assim a conhecer um pouco do meu mundo, e me surpreenderam com a forma como resolveram certas pendências melhor do que eu mesma faria.

— Não, mãe. É algo que você me pediu.

— Como assim?

— O Luiz me disse que um dia a senhora pediu que ele fosse a memória do seu marido. A senhora se lembra? — Bianca começou a me explicar.

— Sim — como esquecer a frustração, o vidro partido, o contato do meu filho me mostrando que não estou sozinha?

— Como eu podia atender aquele seu pedido, então o fiz. Naquele mesmo dia sentei do lado do papai e pedi que ele me contasse a sua história.

— Eu me lembro...

— E eu a guardei, na minha mente. Não só essa, mas todas as vezes que nos encontramos...

Olhei para ele, espantada. Como Luiz poderia se lembrar de todas as histórias que Max lhe contou em todo aquele tempo?

— Uma das características do espectro de *Asperger* é a memória fotográfica, Carina – Bianca se prontificou a me explicar.

— E o Luiz foi transcrevendo todas, para mostrar para Max caso algum dia precisasse...

Olhei a pasta sob uma nova perspectiva, capaz de encher o meu coração de um afeto dolorido, cheio de saudades.

— Quando você disse que precisava de algo dele, para que a sua dor fosse menor, eu sabia o que fazer. Pedi para a Bianca reler a história e ajustá-la com os sentimentos que eu não pudesse ter captado.

— Eu li e reli as histórias de vocês, Carina. E espero ter feito um bom trabalho, pois um amor  
NACIONAIS - ACHERON

que dura toda a vida merece ser preservado.

Abri a pasta, com os dedos trêmulos e corri os olhos pelas páginas.

*“Ergui minha mão e toquei a sua face com a ponta do indicador e do médio, fazendo um traço desde a orelha até a ponta do queixo. Memorizando a pele dela, macia e quente.*

*— Você é linda, Carina. Merecia um quadro.*

*Ela riu e franziu o nariz de um jeito só dela.”*

Eu ri com aquilo e, espantada, coloquei a mão no nariz, vendo que o franzir ainda persistia. Fechei a pasta, com cuidado, tentando conter as lágrimas. Sentindo-me feliz e grata por tão belo presente.

— Obrigada, meus filhos. Vocês não sabem

NACIONAIS - ACHERON

a importância do que fizeram para mim. Nunca me esquecerei disso.

— Fico feliz que tenha gostado. Espero que consiga, afinal, se despedir do papai...

— Queria não sentir essa dor.

— Pior são aqueles que não conseguem definir o que sentem, mãe. Ou que nem sabem como colocar para fora – ele me olhou, e quis pegá-lo no colo e dizer que um dia tudo melhoraria. Mas não podia.

— O coração sempre encontra o seu caminho – Bianca disse, pegando na mão dele.

— Minha mãe me disse algo parecido hoje....

— São coisas da sabedoria feminina – afirmei antes de pegar a pasta entre os braços. — Preciso ir para o quarto. As enfermeiras já devem ter terminado por lá. Obrigada mais uma vez.

— Nós que agradecemos – Bianca me fitou

e Luiz acenou, enquanto lhes dava as costas, a emoção a me assolar o peito.

Assim que cheguei no quarto, me sentei na cadeira, abri a pasta e comecei a devolver a Maximiliano as suas memórias. Passei dias lendo os textos que Luiz e Bianca escreveram em voz alta, rindo de alguns e me emocionando com outros. Via toda a nossa vida por uma outra ótica, com fatos corriqueiros, despretensiosos, mas que deixaram marcas em nós. E que mudava todos à nossa volta.

Algumas vezes, uma enfermeira parava para escutar, em outras era o acompanhante de um paciente que passava. Eu os convidava para entrar e me sentia feliz de ver as mudanças que aqueles detalhes da vida a dois eram capazes de transformar nas pessoas. O amor tem a capacidade de mudar tudo à nossa volta, e não está nos fatos espalhafatosos e grandiosos, mas se encontra

NACIONAIS - ACHERON

imerso em nossa dia a dia. O amor sobrevive na rotina, na vontade de caminhar juntos passo a passo, e não nos arroubos de paixão.

Ao ler aqueles textos, na verdade, eu me despedia de Max. Agradecia por tudo que passamos juntos e o quanto ele foi capaz de fazer da minha vida mágica. Não queria aquela imagem guardada, de uma casca disforme e sem vontade, impedida de voar. Era hora de deixar o casulo se desfazer, para que meu amor subisse em meio às cores do arco-íris.

E na última página, com as mãos trêmulas, percebi Max em um arroubo de lucidez, encontrando a sua forma de me dizer o definitivo adeus.

*“Acho que quero morrer dormindo, sabe?  
Com Carina em meus braços, dizendo que a amo.  
E depois quero ir embora em festa. Nada de me*



*enterrarem, pois não sirvo para ficar no escuro. Quero luzes, calor, cor... Talvez ser cremado seja uma boa ideia. Pensando bem, é sim... E depois ir até a beira da praia, numa noite estrelada e deixar que as minhas cinzas voem pelo vento, tocando o mar e as estrelas... Assim, até no último instante, eu irei homenageá-la, o meu infinito particular...”*

Comecei a soluçar baixinho, para não chamar a atenção de quem passava. Já era madrugada e no corredor, quase escuro, quase não se ouvia nada. Com certa dificuldade, devido à emoção, aproximei a minha cadeira da cama de Max. Segurei uma de suas mãos e me peguei fazendo o que tanto relutara até aquele momento.

— Max, meu amor, quando nos casamos eu te disse que havia segredos que uma mulher não deve contar nunca para um homem, mas eu sabia que não ia resistir e que, em algum momento, eu

NACIONAIS - ACHERON

abriria o meu coração para você. E como daquela vez, irei te contar novamente, só que não o farei na frente de todos, direi só para você. Eu não sou tão boa pessoa quanto você pensa, Max. Sou chata, medrosa, egocêntrica, alguém que não queria te perder mesmo ao te ver definhar nessa cama, triste por não ter o seu olhar mais uma vez sobre mim, me fazendo sentir a garota mais sortuda do mundo. E no momento sentindo muita raiva, pois posso perder mil brincos que não vou conseguir chamar a sua atenção mais, que não poderei fazer você corar, como fiz aos dezenove, e aos setenta... Em meu coração, sempre senti que você era especial demais para deixá-lo fugir. Mas agora, se eu fizer isso estarei te prendendo, e não posso mais fazê-lo. Eu queria me ajoelhar diante de você, mas minhas pernas fraquejarão de novo, só que agora estou velha e não terei o meu Max para me ajudar a levantar. Mas assim como eu aceitei que entrasse

NACIONAIS - ACHERON

na minha vida, estou diante de você, aceitando que saia dela. Vá embora, meu amor. Acabe com essa dor e esse sofrimento. Você sempre será uma parte minha, a melhor parte de mim, a que vai me amparar sempre que eu precisar. Vou te amar por toda a minha vida, Max. E nada irá mudar isso.

Terminei de falar com o corpo apoiado no dele, as lágrimas a lhe caírem na pele em meio ao respirador. Deixei que meu peito desafogasse, rompendo assim os laços de dor que poderiam prendê-lo.

Eu disse que amar era libertar. E não poderia fazer diferente.



Acordei com o apito da máquina, indicando que o coração havia parado por fim. Os médicos me afastaram, tentaram reanimá-lo, mas eu não me

desesperei. Sabia que ele havia me escutado e, mesmo sem vê-lo, nunca deixaria de amá-lo.

Meus filhos chegaram horas depois e, entre lágrimas e gritos, tentaram aplacar a minha dor com a deles, mas não era possível. Igor se prontificou a resolver tudo e eu peguei na pasta aquela última folha, sobre o desejo de Max. Entreguei nas mãos de Laura e disse, num murmúrio.

— Me devolva essa folha depois. Faremos exatamente como ele pediu, ok? — fui firme em minha posição e ela nem sequer discutiu, vendo que, naquele momento, eu não me desesperava. O motivo era que, ao contrário dela, eu passara dias me despedindo dele, celebrando o amor antes da partida. Não deixaria a pior parte da nossa história tomar conta da minha mente depois de tantas coisas boas que vivemos juntos.

Comecei a andar pelo corredor. Laura correu atrás de mim e me fez parar, preocupada.

— Para onde vai, mamãe?

— Eu preciso de uma noite sozinha. Algumas horas que eu não seja a sua mãe, a avó, a sogra. Em que eu possa ficar com apenas a minha dor em volta de mim. Longe do cheiro do hospital, em que eu possa pensar na vida, e não na morte. Amanhã podem me encontrar em casa, logo cedo. Agora só peço que me esqueçam, por favor....

Ela ponderou por um momento, mas assentiu.

— Como vai embora?

— Já chamei um táxi – tinha ligado para o Jair minutos antes.

— Deixe o celular ligado. Se surgir algo urgente, eu te chamo, mãe.

— Nada mais é urgente, filha – lhe dei as costas.

O Jair me pegou poucos minutos depois. Seus olhos se encheram de lágrimas quando eu lhe  
NACIONAIS - ACHERON

disse que o Max tinha morrido. Passei o endereço de onde queria que ele me levasse.

— Tem certeza, dona Carina? Não é perigoso?

— Viver é perigoso, Jair. Mas não se preocupe, ninguém irá me incomodar ali. Eu vou ficar bem. Só peço que venha me buscar ao nascer do Sol.

Ele assentiu.

Instantes depois, eu entrava no lugar vazio, desativado pela faculdade. Jair entrou no Campus dizendo que ia pegar um aluno e o guarda nem se preocupou, afinal, o que um homem e uma velhinha poderiam fazer de errado? Passei pelos cômodos e cheguei à sala, o que restava daquele que era o ateliê de Max, onde eu me tornara a sua mulher e onde, naquela noite, eu deixaria de ser. Pelo menos em carne, pois em espírito nunca nos separaríamos. Abaixei-me com dificuldade e me

NACIONAIS - ACHERON

deitei no chão, cercada pelas estrelas que ele pintara, quase capazes de iluminar ao meu redor e confortar o meu coração.

— Boa noite, meu amor. Que da próxima vez que eu olhar as estrelas, eu te encontre entre elas – e ali, sozinha, eu fiz o meu luto, até que o sono me pegasse.

## CAPÍTULO 28

### CARINA

*“A medida do amor é amar sem medida.”*

**Santo Agostinho**



Aos poucos, quando o corpo perde a leveza, a voz enfraquece e até as coisas mais simples parecem nos exaurir, vivemos de lembranças, não de expectativas. Revivemos as memórias mais doces e marcantes, aquelas outras que a mente nos presenteia um dia, ao acordar, aqueles fugazes momentos que aceleravam o coração e faziam com que me sentisse viva. Foi aí que aprendi a deixar fluir aquilo que eu antes tentava controlar a todo custo, talvez por medo do amanhã. Passei a me



deixar levar, sem pensar em mais nada, permitindo assim que a vida, já tão breve, me conduzisse e tirasse do meu caminho tudo aquilo que não me serviria mais. Que em mim sobrasse apenas amor, pois aquele sentimento sustentaria todos os sonhos e resquícios de lembranças que existissem em mim. Só ele nos faz durar para sempre.

Meses se passaram desde a morte de Max, mas ele nunca esteve tão presente, refletido no sorriso da minha filha, nos olhos de minha neta, na maneira com que meu menino olhava compenetrado para algo. Falávamos dele o tempo todo, sobre sua alegria e o modo que via o mundo como uma coisa nova a cada dia, um universo de possibilidades a ser experimentado. A tristeza ainda estava lá, em algum lugar que de vez em quando eu trazia para fora e deixava que doesse. Mas sabia que não era isso que ele desejaria para mim.

Estava na galeria de Fernanda, cercada pelo  
NACIONAIS - ACHERON

meu marido. Vi seus retratos, ouvi uma voz desconhecida narrar as suas histórias e naveguei entre os quadros por ele pintados, como se atrás daquelas pinturas percorressem suas memórias, na tentativa de resgatar aquilo que sua mente, em vida, não conseguiu conter.

Assim que Laura deu a ideia de montar aquela exposição multimídia em homenagem ao seu pai, não havia como eu recusar. Cada um de nós, ao seu modo, contribuiu com uma parte daquele evento. Fernanda e Danilo cederam e organizaram o espaço, Bianca e Laura fizeram os cenários e estrutura de cada local, cheio de cores e luzes, como Max gostaria. As histórias que Luiz guardou eram narradas por entre as salas, mantendo nossa história viva e compartilhada. Foi ele também que organizou e catalogou as obras e fotos, em ordem cronológica, destacando suas obras mais importantes e momentos mais marcantes de sua

NACIONAIS - ACHERON

vida como homem, como a estrela mais linda que havia no meu céu.

E o que eu fiz? Eu dei o nome à exposição: *Contando Estrelas*. Não poderia ser outro.

Naquele momento, eu circulava entre os presentes, orgulhosa por ele, pelo meu amor. De vestido longo e maquiada, arrumada como sempre me orgulhara de ficar diante do público, fosse acompanhando o meu marido ou em frente a algum projeto, eu andava entre as peças, vendo como ele mudou não só a mim, mas as pessoas ao seu redor. Desconhecidos me paravam para comentar algum fato, coisas que os fizeram felizes e deixaram marcas que durarão para sempre. Completava assim o meu mosaico de lembranças, vendo o quanto eu fui completa, ao lado de um homem especial. Passei por Laura e Igor, que olhavam um quadro que Max fizera dela, ainda pequena, correndo pela areia. Day Day, ao lado do seu novo namorado,

NACIONAIS - ACHERON

filho de um político proeminente, via uma foto minha e de Max no dia do nosso casamento – fiquei imaginando Laura passando pelas mesmas coisas que eu, ao ver a sua filha namorando um rapaz que, antigamente chamaríamos de *coxinha*, e comecei a rir. Luiz passou por mim, junto de Bianca e, quando foi com ela até o banheiro, ficou na porta, de braços cruzados, como um guarda-costas. Ainda existiam pessoas que o consideravam bravo, mas achava que essa impressão seria cada vez menor. Bianca me dissera horas atrás que estava grávida e queria minha ajuda para falar com o namorado sobre isso. Fiquei imaginando ele aguentando as variações de humor de uma gestante e revirei os olhos. Seria uma longa jornada...

Depois de um tempo, sai dali, pois ainda tinha uma última missão. Muitos países, que conheciam a obra e a história de Max, pediram para sediar a exposição e eu decidi ser a mulher que iria

NACIONAIS - ACHERON

acompanhá-las, a curadora oficial da arte do meu marido. A empresa estava indo bem sozinha depois que abri as ações em cotas, onde ainda ficava com a maioria que passara a pertencer a Laura e Luiz. Não havia nada a me prender parada em um só lugar. Não queria ficar esperando o correr dos anos e a chegada da morte. Max me falaria para eu ver um pouco a vida como ele a fazia, com suas cores e formatos, como o espetáculo milagroso que era. E, por nós, era isso que eu faria.

Mas ainda restava uma última despedida...

Parei o carro em frente a casa de Bianca e olhei no banco do passageiro, a caixa clara, brilhando sob a luz do luar que refletia sobre ela. Era estranho pensar que a última vez que eu carregara uma caixa como aquela era com a aliança que confirmaria que Max seria o meu esposo. Daquela vez, em um novo casamento, eu deixaria que o vento levasse as suas cinzas, esperando assim

que sua essência maravilhosa se espalhasse pelo mundo.

Respirei e tomei coragem para fazê-lo quando o telefone tocou. Reconheci o número de Bianca.

Ao fundo, ouvi risadas e a voz de Luiz, falando:

— Como você diz que não existe rotina ao se tornar pai, Igor? Não conseguimos treinar um bebê igual fazemos com um filhote?

— Você contou para ele... — ri ao ouvir as perguntas mais absurdas que meu filho fazia ao meu genro.

— contei. Igor está tentando apavorá-lo, Day Day quer explicar algo e Laura só fica rindo enquanto o circo pega fogo. Espero que sobrevivamos aos próximos meses...

— Alguém me disse, certa vez, que o amor sempre encontra o caminho.

— Isso é verdade – Bianca responde, em um fio de voz.

— Não vai começar a chorar, hein? Agora não vai te ajudar em nada.

— Malditos hormônios! Bom, mas não foi para isso que te liguei.

— Pode falar, minha filha – minha nora sabia para onde estava indo. Inclusive havia me dado a chave, para que eu tivesse privacidade na hora de sair.

— Você ainda não entrou na nossa casa, certo? – Bianca passara a chamar aquela casa de nossa, pois eu vivi ali parte da minha história de amor, e ela viveria a dela. Luiz e eu ela estavam planejando morar juntos, ali, em breve.

— Não, estou na porta. Estava criando coragem quando você me ligou.

— Ah, que bom. Preciso te contar uma coisa... E não sei como você irá reagir.

Um nó se formou em minha garganta.

— O que é?

— Lembra quando nos conhecemos, quando o Max foi até aí?

— Sim, a vez em que ele fugiu...

— Ele dizia que precisava te mostrar algo, que tinha que encontrar algo no jardim. Me pediu uma pá, inclusive. Mas na época eu não consegui entender... Essa semana, com muita tristeza eu decidi cortar uma das árvores, aquele chapéu de sol que ficava na lateral, você se lembra? Ela estava morrendo...

Olhei para o local onde a árvore estava. Era lógico que me lembrava dela. Em sua sombra vi muitas vezes Max buscar inspiração. Nós nos deitamos sob ela para olhar o mar, adiante. Quantas vezes Laura brincou de comidinha, usando a terra entre as suas raízes? A saudade deu uma fígada naquele instante.



— Uma pena. Tínhamos boas lembranças...

— Eu sei. Pois achei que o Max estava procurando debaixo dela, entre as suas raízes. Quando o pessoal veio me trazer, por ter lido as suas histórias, na hora eu reconheci o que era.

— E o que é? Me conta! – meu coração estava disparado.

— Entre e descubra. Deixei sobre a mesa. Penso que será o que você precisa para a noite de hoje.

Movida pela curiosidade, peguei a caixa funerária e desci do carro. Abri a porta de súbito e fui até a cozinha. Ao ver o que estava na mesa, quase espalhei as cinzas do meu marido ali mesmo pela casa.

Ainda estava como se fosse nova. Mesmo depois de décadas, a terra não a tinha destruído. Consegui perceber os entalhes da tampa onde estavam as nossas iniciais. Pensava em como

NACIONAIS - ACHERON

estaria a garrafa de vinho lá dentro, junto com as taças. A velha caixa que um dia prometemos abrir caso surgisse uma crise e que nunca o fizemos. Aquela que foi testemunha do nosso casamento.

Com hesitação toquei a sua superfície e senti os contornos da madeira trabalhada. Evoquei as lembranças de Max, como se ele estivesse ali, presente, ao meu lado, para provar que algumas coisas nunca somem ou perdem o sentido. Apenas esperam o momento certo de se mostrarem presentes.

Tirei os sapatos, segurei cada caixa em um braço e fui para a praia. Deixei a do casamento na areia e me encaminhei à beira-mar. Com o dia da nossa cerimônia na lembrança, ensaiei as primeiras notas daquela que foi a nossa música, e nunca parecera tão real para contar os meus sentimentos e de Max como agora:

*Eu sei que vou te amar,  
Por toda a minha eu vou te amar...*

Abri a caixa e o vento bateu, soltando os meus cabelos. Fechei os olhos e comecei a girar, sorrindo como aquela vez que Max fez comigo, em nosso jardim. As cinzas eram conduzidas para fora, se tornando pó de lua, entremeadas às gotas do mar. Deixei que se tornasse novamente parte do universo vasto que ele via como um grande milagre.

— Eu te amo, meu amor... — sussurrei como se fosse uma prece. Parecia que eu quase podia ouvi-lo dizendo: *eu também, meu infinito particular.*

Molhei a caixa funerária com água do mar para que nada mais restasse. Suspirei, me sentindo finalmente livre por cumprir o último desejo de Max.

Me sentei então na areia, e abri a caixa  
NACIONAIS - ACHERON

matrimonial, a que não via há décadas. Quando Max a tinha escondido debaixo da árvore? Eu nunca saberia dizer. Peguei a garrafa de vinho, o saca-rolhas que havia sido colocado ali dentro também e abri-a com um estalo, o cheiro do *Merlot* a me invadir as narinas. Enchi a minha taça e ergui ao horizonte, em um brinde a tudo aquilo que permanecia em nossas vidas, mesmo quando éramos capazes de senti-las, mas não de vê-las.

Bebi o conteúdo escuro e me joguei na areia. Fitei o céu estrelado e sabia que ele estava ali, brilhando, em algum lugar para mim. Foi aí que um farfalhar na caixa me chamou a atenção. Virei-a um pouco e descobri que além do papel dos votos, que vira Max colocar na caixa, no fundo havia um outro, enrolado, do qual eu não me lembrava. Peguei-o entre os dedos.

*13 motivos por que eu te amo*

NACIONAIS - ACHERON

# PERIGOSAS

1. *Você me conta tudo enquanto está dormindo.*
2. *Quanto mais você ri, mais a sua risada fica fina.*
3. *Adoro a cicatriz que você tem na testa.*
4. *A maneira que franze o nariz quando ri me deixa doido.*
5. *Adoro as besteiras que diz no meu ouvido quando a gente faz amor.*
6. *Mesmo quando se acha feia, você está linda.*
7. *Você não assume, mas adora que eu demonstre ciúmes.*
8. *É quem resolve quando eu tenho dúvidas (quem me pediu em namoro?).*
9. *Tenta ver o mundo pelos meus olhos.*
10. *Escolhe todo dia me amar, e nunca*

NACIONAIS - ACHERON

*deixar de olhar as estrelas.*

11. *Me incentivou a transbordar quando eu quis me conter.*

12. *Me mostrou o infinito, quando eu quis me limitar.*

13. *Todas as respostas anteriores.*

A cada frase que eu lia, ia das lágrimas ao riso, me sentindo inteira, única, pronta para recomeçar. A minha história com Max não terminou com a morte, ela só mudou de forma. Ao andar ao meu lado, Maximiliano me moldou, me transformou, tornou-me tinta e me deu novos propósitos. Aquilo que ele fez de mim – e vice e versa – nunca mudaria, estava em nosso cerne, marcado em nossas histórias. Um sentimento como aquele, para ser real, não é como nas novelas, com palavras intensas e gestos dramáticos, não é escrito em maiúscula, gritado como um farol, em cores

NACIONAIS - ACHERON

berrantes e letras garrafais. O amor está na simplicidade, na delicadeza, no comum. Faz-se presente naquilo que persiste e continua, impresso não só na lembrança daqueles que o viveram, mas também nas do que o testemunharam. E mesmo, quando eu o reencontrasse, não sei em que lugar, o nosso sentimento ainda estaria ali, refletido em nossos amigos, nos nossos filhos e netos, até que a última pessoa que se lembrasse de nós venha a fechar os olhos para todo o sempre.

— Obrigada, Max, por ser a minha estrela — mandei um beijo para o céu, cheia de amor, plena do que vivi e grata pelo que estava por vir. E tinha certeza de que, em algum daqueles pontos brilhantes que piscam lá do alto para mim, ele me sorriu, em resposta.

## Fim

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



## SOBRE OS AUTORES:



**DANILO BARBOSA** começou a carreira com contos, crônicas e poesias, algumas premiadas como “Reino Solidão”. Seu primeiro romance publicado foi *Arma de Vingança*, primeiro de forma independente e, após a obra se tornar best-seller três vezes na categoria suspense na plataforma KDP, foi publicado pela editora Universo dos Livros. Desde o seu lançamento em dezembro de 2015, o livro tem sido destaque nas redes sociais, e teve uma resenha até no jornal

NACIONAIS - ACHERON

britânico *The Guardian*, antes mesmo de ser traduzido. Também escreveu a *A Princesa da Lapa* (2016) livro indicado aos prêmios Oceanos e São Paulo de Literatura, e fez parte da antologia *Tardes Sensuais* (2016). Além disso, Danilo Barbosa começou a publicar no mesmo ano os *Contos Secretos*, histórias curtas com alta dose de erotismo, em formato digital, conquistando o público feminino. Resultado: todos os cinco contos estiveram entre os mais vendidos da loja virtual Amazon. O livro, com os contos reunidos, foi lançado pela Rico Editora na Bienal do Livro no Rio de Janeiro, esgotando a sua tiragem antes do término do evento. Possui também os contos *A voz*, *Um toque de Solidão* e *No coração da noite*, que além de estarem a venda na plataforma digital, estão sendo transformados em audiolivros e traduzidos para a Amazon americana.



**JANAINA RICO** Janaina Rico é ganhadora dos prêmios literários “Codex de Ouro” e “Identidade Literária”. Criadora da campanha “Eu leio Brasil”. Iniciou sua carreira com o livro “Ser Clara”, que foi publicado pela Editora Underworld e ultrapassou 20.000 exemplares. Foi o primeiro livro a alcançar o primeiro lugar em vendas quando a Revista Veja passou a publicar o ranking dos e-books mais vendidos de acordo com a Amazon. Foi colunista do portal “Mundo Mulher”, da Globo.com. Publicou também os romances “Apimentando” e

**NACIONAIS - ACHERON**

“Cartas para um pai” que também entraram na lista dos mais vendidos.

Na Qualis Editora, publicou os livros “100 dias de sensualidade”, uma coletânea de contos eróticos, e o “As aparências enganam”, um chick-lit em parceria com a escritora Liana Cupini. Participa das coletâneas “Tardes Sensuais”, publicada pela editora Universo dos Livros e “Princesas Gpower”, publicada pela Qualis Editora. Seu mais recente romance foi publicado pela Rico Editora e ficou mais de uma semana entre os dez livros mais vendidos de toda a Amazon, e já está alcançando um milhão de leituras pouco mais de seis meses após o lançamento.

É autora também da trilogia de cartas, “Cartas para um pai”, “Cartas para um filho” e “Cartas para uma mãe”, além dos contos “Gorda, solteira, 30 anos, procura”, “10 dias para roubar o namorado da vizinha”, “Marcele & Bernardo”, “Separação” e “Um passo”, além de diversos roteiros teatrais e do livro infantil “O maravilhoso livro de desenhos da menina que não sabia desenhar”.

Já foi entrevistada pela Rede Globo, Jornal Extra, Rádio Transamérica, Correio Brasiliense, dentre outros.

NACIONAIS - ACHERON



**L.M. GOMES**, pseudônimo de Márcia Gomes é funcionária pública apaixonada por histórias.

Começou a compartilhar sua imaginação em 2013 através da plataforma Wattpad e não parou mais. Hoje conta com 8 edições de livros em formato físico e mais 4 em plataformas digitais.

Mãe orgulhosa, amante das palavras bonitas, chora toda vez que ouve algo sobre amor incondicional.

Fique por dentro de seu trabalho acompanhando suas redes sociais:

**NACIONAIS - ACHERON**

PERIGOSAS

Página facebook: L.M. Gomes

Grupo Facebook : Autora L.M. Gomes

Instagram: @lmarcix



**LUCY BERHENDS.** Autora do best-seller *Um CEO para chamar de meu* e de *Apollo*, ambos publicados pela Qualis Editora, a baiana Lucy Berhends já conquistou milhares de leitores com seus romances que se caracterizam por mocinhas

NACIONAIS - ACHERON

fortes e protagonistas obstinados. Seus livros sempre figuraram na lista de e-books mais vendidos da Amazon. Mestre em Letras pela UFS e estudiosa do universo literário, encontrou, no romance contemporâneo, uma paixão sem caminho de volta. Entre nas redes sociais da autora e conheça outras obras!